



INSTITUTO FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA

VANESSA PEREIRA COSTA

PRÁTICAS RESTAURATIVAS COMO PREVENÇÃO AO *BULLYING* NO ÂMBITO
ESCOLAR: EXPERIÊNCIA NO IFTO CAMPUS ARAGUATINS

Palmas/TO

2023

VANESSA PEREIRA COSTA

**PRÁTICAS RESTAURATIVAS COMO PREVENÇÃO AO *BULLYING* NO ÂMBITO
ESCOLAR: EXPERIÊNCIA NO IFTO CAMPUS ARAGUATINS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Palmas do Instituto Federal do Tocantins, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Linha de pesquisa: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Rythowem

Palmas/TO

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Bibliotecas do Instituto Federal do
Tocantins**

C838p	Costa, Vanessa Pereira Práticas restaurativas como prevenção ao bullying no âmbito escolar : Experiência no IFTO campus Araguatins / Vanessa Pereira Costa. – Palmas, TO, 2023. 131 p. : il. color. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2023. Orientador: Dr. Marcelo Rythowem 1. Bullying. 2. Prevenção. 3. Educação Profissional e Tecnológica. I. Rythowem, Marcelo. II. Título. CDD 370
-------	---

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



INSTITUTO FEDERAL DO TOCANTINS
Autarquia criada pela Lei nº 11.892 de 29 de Dezembro de 2008

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**



VANESSA PEREIRA COSTA

**PRÁTICAS RESTAURATIVAS COMO PREVENÇÃO AO *BULLYING* NO ÂMBITO
ESCOLAR: EXPERIÊNCIA NO IFTO CAMPUS ARAGUATINS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Tocantins, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 26 de junho de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Rythowem

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - IFTO / Palmas
(Orientador)

Prof. Dr. Jair José Maldaner

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - IFTO / Palmas
(Membro Interno)

Profa. Dra. Aline Sueli de Salles Santos
Universidade Federal do Tocantins – UFT
(Membro Externo)

VANESSA PEREIRA COSTA

**CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ: UM CAMINHO POSSÍVEL RUMO A
PREVENÇÃO AO BULLYING**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Tocantins, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em 26 de junho de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Rythowem

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - IFTO / Palmas
(Orientador)

Prof. Dr. Jair José Maldaner

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - IFTO / Palmas
(Membro Interno)

Profa. Dra. Aline Sueli de Salles Santos
Universidade Federal do Tocantins – UFT
(Membro Externo)

Aos que não se conformam em ser e seguir um padrão pré-estabelecido.

Aos que, sendo diferentes, não aceitam menos que respeito.

Aos que, mesmo não conseguindo falar sobre seus medos, seus sofrimentos, seus dilemas, suas preocupações, erguem a cabeça na perspectiva de enxergar algo bom.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus por me fortalecer e me capacitar para superar as adversidades surgidas no decorrer da realização do sonho do mestrado e, sobretudo, por me permitir experimentar alegria no processo de crescimento que, nem sempre é agradável, porém necessário.

Agradeço aos familiares e amigos que seguraram em minhas mãos e caminharam juntos comigo.

Agradeço imensamente aos professores do mestrado pelo acolhimento, escuta e ricas contribuições para além dos conteúdos propostos. Sobretudo, por ensinar o que vivem e viver o que ensinam, pois foi assim que senti ao chegar assustada e sonhando com o mestrado em meio a crise da pandemia da covid-19. Mesmo não tendo nenhum encontro presencial, senti a humanização dos professores.

Agradeço ainda aos colegas do mestrado que, direta ou indiretamente, contribuíram para meu crescimento nesse percurso.

Carinhosamente agradeço a Cássia Maria de Sousa Pereira, professora no IFTO e também colega de mestrado, que gentilmente cedeu espaço de suas aulas no Campus Araguatins para viabilizar o meu projeto de pesquisa.

Gratidão também aos servidores do IFTO Campus Araguatins, desde a gestão por permitir acesso, bem como aos demais que contribuíram respondendo questionários e enriquecendo a pesquisa.

Agradeço ainda aos estudantes que colaboraram com a pesquisa participando dos círculos propostos e compartilhando aspectos de suas vidas, muitas vezes, ainda desconhecido para os seus pares.

Agradeço imensamente aos professores Dr. Jair José Maldaner e Dra. Aline Sueli de Salles Santos pelas contribuições na banca de qualificação.

Agradecimento mais que especial ao meu orientador, o professor Dr. Marcelo Rythowem por ser a pessoa certa, no momento certo e com as palavras certas para mim, demonstrando o melhor do ser humano através das conversas e orientações que transcenderam a teoria.

Agradeço a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Araguatins pela licença para fins de qualificação profissional, oportunidade ímpar.

O ser humano é parte do todo
por nós chamado de “universo.”

Nós vivenciamos a nós mesmos,
nossos pensamentos e sentimentos,
separados do resto – uma espécie de
ilusão de ótica de nossa consciência.

A nossa tarefa deve ser nos
libertarmos desta prisão, ampliando
nosso círculo de compaixão, para
abraçar todas as criaturas vivas e a
natureza inteira.

(Albert Einstein)

RESUMO

A intimidação sistemática (*bullying*), um tipo de violência escolar que de acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE, 2015 e 2019) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), bem como Fante e Prudente (2015, p.159) é recorrente e afeta cerca de 30% dos estudantes brasileiros. Assim, o trabalho “Práticas restaurativas como prevenção ao *bullying* no âmbito escolar: experiências no IFTO Campus Araguatins”, objetivou proporcionar a discussão e a problematização do tema *bullying* por meio da metodologia da Justiça Restaurativa e da prática de círculos de construção de paz no ambiente escolar. Para isto, foram desenvolvidos 3 círculos com estudantes de uma turma de 1ª série do Ensino Médio Integrado do curso Agropecuária vinculada à disciplina de Sociologia, no IFTO - Campus Araguatins e aplicados questionários com demais colaboradores, profissionais da Coordenação do curso, da Orientação Escolar, da Psicologia. O projeto que originou esta pesquisa foi autorizado pelo Conselho de Ética em Pesquisas – CEP conforme Parecer Nº 5.590.723. A pesquisa está vinculada ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT e integra a Linha de pesquisa: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), Macroprojeto 6 – Organização de espaços pedagógicos da EPT. A abordagem metodológica é qualitativa e utilizou-se da análise de conteúdo de Bardin (2021) para analisar os dados. O produto educacional decorrente da pesquisa é um caderno de atividades, contendo informações conceituais e orientações sobre os círculos de construção de paz e seu desenvolvimento, perguntas e respostas sobre o tema abordado nos círculos, o *bullying*, seguido de depoimentos dos estudantes sobre a experiência com a referida metodologia. O aporte teórico apresenta as bases conceituais da Educação Profissional e Tecnológica, apresentando, sobretudo, o trabalho como princípio educativo. Em seguida, é apresentado o *bullying*, negação da formação integral do ser humano, o não respeito às diferenças, mesmo com a existência da Lei Nacional Nº 13.185 de 2015 que instituiu o programa de combate a essa forma de violência e o papel da escola enquanto instituição responsável por medidas de conscientização, prevenção, diagnóstico e combate. Em continuidade, a Justiça Restaurativa por meio dos círculos de construção de paz, é apresentada como metodologia inovadora e estruturada de facilitação do diálogo. Logo em seguida, contém a análise das verbalizações dos estudantes a respeito do tema *bullying*, como também, análise das respostas dos profissionais respondentes ao questionário. As ocorrências da violência *bullying* têm dados diferentes a partir dos estudantes e dos profissionais. Informações apresentadas por pesquisadores do tema foram reafirmadas pelos estudantes, tais como, sentimentos negativos gerados nas vítimas. Quanto à prevenção, tratamento e acompanhamento de ocorrências de *bullying*, há atos normativos apenas para fins punitivos, não atendendo ao objetivo principal da lei, tampouco a ideia desta pesquisa. Por fim, as considerações finais, reafirmando os benefícios do uso dos círculos de construção de paz no ambiente escolar, não apenas na prevenção ao *bullying*, mas em todo e qualquer tema.

Palavras-Chave: *Bullying*. Círculos de construção de paz. Prevenção. Educação Integral. Educação Profissional e Tecnológica.

ABSTRACT

Systematic intimidation (*bullying*), a type of school violence that according to the National School Health Survey (PeNSE, 2015 and 2019) carried out by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), as well as Fante and Prudente (2015, p. .159) is recurrent and affects about 30% of Brazilian students. Thus, the work “Restorative practices as prevention of *bullying* in the school environment: experiences at the IFTO Campus Araguatins”, aimed to provide discussion and problematization of the *bullying* theme through the methodology of Restorative Justice and the practice of peacebuilding circles in the environment school. For this, 3 circles were developed with students from a 1st grade class of Integrated High School of the Agricultural course linked to the discipline of Sociology discipline, at IFTO - Campus Araguatins and applied questionnaires with other collaborators, professionals from the Course Coordination, School Guidance, of Psychology. The project that originated this research was authorized by the Research Ethics Council – CEP according to Opinion Nº 5,590,723. The research is linked to the Professional Master's Degree in Professional and Technological Education – PROFEPT and is part of the line of research: Organization and Memories of Pedagogical Spaces in Professional and Technological Education (EPT), Macroproject 6 – Organization of pedagogical spaces at EPT. The methodological approach is qualitative and Bardin's (2021) content analysis was used to analyze the data. The educational product resulting from the research is an activity notebook, containing information and guidance on peacebuilding circles and their development, questions and answers on the theme addressed in the circles, *bullying*, followed by testimonies from students about their experience with peacebuilding. referred methodology. The theoretical contribution presents the conceptual bases of Professional and Technological Education, presenting, above all, work as an educational principle. Then, *bullying* is presented, denial of the integral formation of the human being, the non-respect for differences, even with the existence of National Law Nº 13.185 of 2015 that instituted the program to combat this form of violence and the role of the school as a institution responsible for awareness, prevention, diagnosis and combat measures. In continuity, Restorative Justice through peacebuilding circles is presented as an innovative and structured methodology for facilitating dialogue. Soon after, it contains the analysis of the students' verbalizations regarding the theme of *bullying*, as well as the analysis of the responses of the professionals who answered the questionnaire. The occurrences of *bullying* violence have different data from students and professionals. Information presented by researchers on the subject was reaffirmed by students, such as the negative feelings generated in the victims. As for the prevention, treatment and follow-up of *bullying* incidents, there are normative acts only for punitive purposes, not meeting the main objective of the law, nor the idea of this research. Finally, the final considerations, reaffirming the benefits of using peacebuilding circles in the school environment, not only in preventing *bullying*, but any and all topics.

Keywords: *Bullying*. Peace building circles. Prevention. Comprehensive Education. Professional and Technological Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Três primeiras pesquisas de Fante	29
Quadro 2 - Personagens do bullying e principais características	34
Quadro 3 - classificação do bullying e suas ações	36
Quadro 4 - Principais legislações sobre Justiça Restaurativa	41
Quadro 5 - Hipóteses e objetivos a partir da análise do corpus da pesquisa	51
Quadro 6 - Categorias de análise e unidades de registro (palavras-chave)	52
Quadro 7 - O que você compreende por <i>bullying</i> ?	60
Quadro 8 - Compartilhamento de experiências de <i>bullying</i>	61
Quadro 9 - Questão 1: Em termos profissionais, quais suas considerações sobre o tema <i>bullying</i> ?	63
Quadro 10 - Você já presenciou práticas de Bullying entre os educandos em qualquer de suas formas? Se já presenciou, qual foi sua reação?	64
Quadro 11 - No desenvolvimento de sua função, já identificou se na escola há registro de ocorrências de bullying? Se sim, qual a frequência?	64
Quadro 12 - O que você acha que leva uma pessoa a praticar ou sofrer <i>bullying</i> ? ..	65
Quadro 13 - Você presencia um caso de bullying. O que diria ao agressor?	66
Quadro 14 - Você sabe como são tratados os casos de bullying na escola?	69
Quadro 15 - O Instituto cumpre esse dispositivo legal? Se sim, de que forma?	70
Quadro 16 - Você trabalha ou já trabalhou o tema Bullying com os educandos? Se sim, informe a periodicidade e relate a experiência	72
Quadro 17 - Você já participou de algum evento sobre a temática bullying na escola? (referindo-se ao IFTO)	73
Quadro 18 - Que ações poderiam ajudar na conscientização dos males causados pelo <i>bullying</i> , podendo diminuir esse tipo de violência?	73
Quadro 19 - No exercício de suas funções já fez uso de algum protocolo de enfrentamento dos casos de bullying envolvendo os educandos? Se sim, esclareça como acontece	74
Quadro 20 - Eu sou muito bom e relatarem o motivo, associando às vivências de cada um	75
Quadro 21 - Enquanto cidadão, ser humano conhecedor dessa violência e das consequências deixadas por ela, como agir diante de uma situação de bullying? Como ser agente de prevenção ao bullying ou outras formas de violência?	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEJUSC - Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania

CEP - Conselho de Ética em Pesquisas

CNJ - Conselho Nacional de Justiça

CNV - Comunicação Não-Violenta

EPT - Educação Profissional e Tecnológica

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFTO - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

ONU - Organização das Nações Unidas

PE - Produto Educacional

PENSE - Pesquisa Nacional de Saúde Escolar

PROFEPT - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1 INTRODUÇÃO	17
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
2.1 A EPT e o acesso à educação como garantia da dignidade da pessoa humana	21
2.2 Intimidação sistemática (<i>bullying</i>) e o papel da escola: basta a legislação?	28
2.3 Justiça restaurativa - JR e Círculos de Construção de Paz: um caminho possível rumo a prevenção ao <i>bullying</i>	38
3 METODOLOGIA	48
3.1 Tipo de pesquisa	48
3.2 Caracterização do contexto de pesquisa e seus sujeitos	49
3.3 Instrumentos de Coleta de Dados	49
3.4 Análise dos Dados	50
3.5 Caracterização do Produto Educacional construído	53
3.6 1º Círculo.....	54
3.7 2º Círculo.....	56
3.8 3º Círculo.....	57
4 ANÁLISE DOS DADOS (RESULTADOS E DISCUSSÕES)	59
4.1 <i>Bullying</i> , um fenômeno complexo e multifacetado	59
4.2 Estratégias de prevenção e intervenção no combate ao <i>bullying</i>	69
4.3 Ser agente de prevenção ao <i>bullying</i>	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS.....	82
APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL	88
APÊNDICE B – ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DO CÍRCULO DE CONSTRUÇÃO DE PAZ COM TEMA BULLYING	128
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO A PROFISSIONAIS	131

APRESENTAÇÃO

O trabalho intitulado “Práticas restaurativas como prevenção ao *bullying* no âmbito escolar: experiências no IFTO Campus Araguatins”, teve como objetivo proporcionar a discussão e a problematização do tema *bullying* por meio da metodologia da Justiça Restaurativa e da prática de círculos de construção de paz no ambiente escolar, pois os mesmos representam espaços de escuta e respeito ao outro.

A motivação para o desenvolvimento desta pesquisa abordando a temática em pauta teve origem no ano de 2020, ano em que comecei a atuar como facilitadora da Justiça Restaurativa junto ao Tribunal de Justiça do Tocantins na Comarca de Araguatins desenvolvendo a metodologia dos círculos de construção de paz em escolas municipais com público e temáticas diversas. Com essa dinâmica, diversos círculos com temas diferentes foram realizados em várias escolas municipais na Rede Municipal de Ensino onde também atuo como professora e desenvolvo atividades voltadas à Coordenadora Escolar. A minha rotina como facilitadora, professora e mestranda em Educação Profissional e Tecnológica - EPT possibilitou que vislumbasse desenvolver essa metodologia também no espaço do Instituto Federal do Tocantins, Campus Araguatins.

Considerando os altos índices de ocorrências de *bullying* registrados pela Pesquisa Nacional de Saúde Escolar - PeNSE (2015 e 2019) e pelos dados apresentados por Fante e Prudente (2015), ou seja, essa violência afeta quase 30% dos estudantes brasileiros, surgiu inquietação no sentido de discutir o problema com os diretamente afetados, os estudantes. A intimidação sistemática (*bullying*), um tipo de violência escolar é um problema bastante atual e atinge aproximadamente trinta por cento dos estudantes brasileiros, sendo os jovens incluídos nesse quantitativo. Portanto, não pode-se privá-los dessa discussão, pois apesar de a juventude ser estereotipada por anos como “fase difícil”, transitória, ou seja, apenas uma passagem da infância para a fase adulta, ela se configura como “um momento determinado”, momento de construção enquanto sujeitos sociais, fortalecimento de identidade e agentes de transformação.

O projeto que originou esta pesquisa foi devidamente inserido na Plataforma Brasil e autorizado pelo Conselho de Ética em Pesquisas – CEP conforme Parecer Nº 5.590.723. A pesquisa está vinculada ao Mestrado Profissional em Educação

Profissional e Tecnológica – PROFEPT, integra a Linha de pesquisa: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), Macroprojeto 6 – Organização de espaços pedagógicos da EPT.

É evidente que o principal objetivo da Educação Profissional e Tecnológica é alcançar uma educação humana e integral a ser promovida por meio da escola. É, portanto, por meio da Educação, obrigação do Estado e direito de todos e de cada um, que esse objetivo tem possibilidade de ser alcançado. Com essa compreensão, problematizar *bullying* com os jovens é indispensável, pois a prática dessa violência não é recente e segundo as pesquisas, a incidência no meio dos estudantes é alta. Somente no ano de 2015 foi criada uma Lei Nacional que instituiu um Programa de Combate ao *bullying*, a qual conceitua e classifica a violência, apresenta tipos de ações praticadas, apresenta os objetivos, além de atribuir às instituições escolares responsabilidades relacionadas a prevenção e políticas de tratamento. No entanto, sabe-se que não basta apenas a existência da legislação, pois a existência da lei por si só não garante sua efetivação.

A pesquisa foi desenvolvida em uma turma de 1ª série do Ensino Médio Integrado do curso Agropecuária vinculada à disciplina de Sociologia, Campus Araguatins. Foram desenvolvidos com os estudantes os círculos de construção de paz, metodologia própria segundo roteiro anexo. Na oportunidade, promoveu-se a discussão e problematização da temática *bullying* com os estudantes, oportunidade ímpar de promoção de diálogo, abordagem do conflito e, sobretudo, oportunidade de chegar ao consenso. Foram colaboradores na pesquisa também os profissionais da Coordenação do curso, da Orientação Escolar, da Psicologia, com os quais foram aplicados questionários.

A abordagem metodológica é qualitativa, através de procedimentos da pesquisa-ação, por se tratar de um problema real, a presença de *bullying* no ambiente escolar. Optou-se por essa abordagem porque ela busca compreender e interpretar fenômenos sociais complexos por meio da coleta e análise de dados descritivos e não numéricos. Ela se concentra na compreensão dos significados, percepções, experiências e contextos dos participantes, explorando suas perspectivas e interações.

Para analisar os dados, utilizou-se da análise de conteúdo de Bardin, amplamente utilizada na pesquisa qualitativa para examinar e interpretar dados textuais, tendo como principal objetivo identificar e categorizar os temas, significados

e padrões presentes em um conjunto de dados.

Por se tratar de um Mestrado Profissional, o produto educacional materializado na forma de um caderno de atividades (Apêndice A), contendo informações conceituais e orientações claras e acessíveis sobre os círculos de construção de paz e seu desenvolvimento, de forma que todo e qualquer profissional tenha condições de realizá-los, mesmo não conhecendo a metodologia. Contém perguntas e respostas sobre o tema abordado nos círculos, o *bullying*, a partir de artigos científicos. Consta ainda depoimentos dos estudantes sobre a participação nos círculos.

Como referencial teórico, abordou-se as bases conceituais da Educação Profissional e Tecnológica, as quais apresentam o trabalho como princípio educativo defendido por Saviani e ratificado por vários outros pesquisadores, onde ele afirma que o trabalho constitui a realidade humana, a qual vem se aperfeiçoando ao longo da sua existência por meio da educação.

Na sequência, é apresentado o *bullying*, negação da formação integral do ser humano, o não respeito às diferenças, por se tratar de uma violência recorrente no espaço escolar entre os pares, a qual tem gerado inúmeros problemas aos jovens nessa fase tão importante de formação de identidade e construção enquanto sujeitos sociais. Traz-se à discussão ainda a Lei Nacional Nº 13.185 de 2015 que instituiu o programa de combate a essa forma de violência e o papel da escola enquanto instituição responsável por medidas de conscientização, prevenção, diagnóstico e combate. Em continuidade, a Justiça Restaurativa, por meio dos círculos de construção de paz, é apresentada como metodologia inovadora e estruturada de facilitação do diálogo, a qual propõe romper com a cultura do conflito, este segundo Jares (2008) é inerente ao ser humano, seres sociais vivendo em sociedade.

Logo em seguida, contém a análise das verbalizações dos estudantes a respeito do tema *bullying* e das respostas dos profissionais respondentes ao questionário, utilizando para tal as contribuições da análise de conteúdo a partir de Bardin (2021). Nesta seção, foram identificadas algumas inconsistências, a exemplo, a divergência de ocorrências da violência *bullying* conforme relatos dos estudantes e profissionais. Nas verbalizações dos estudantes foram reafirmadas muitas das discussões apresentadas pelos estudiosos do tema *bullying*, como os sentimentos negativos gerados nas vítimas, no entanto, nesta pesquisa, o grupo que se identifica como vítima de *bullying* apresenta dado novo e de grande importância, ou seja, alto poder de superação ao terem admiração por si diante do problema enfrentado e,

principalmente por não desistirem de sonhos.

Por fim, as considerações finais, momento em que se reafirma os benefícios do uso dos círculos de construção de paz no ambiente escolar, principalmente porque os mesmos reafirmam que os conflitos são inerentes à existência humana, proporcionam o diálogo e, por que não dizer, permite chegar a um consenso? Neste item ainda fica evidente que todos os envolvidos na Educação precisam estar dispostos a serem agentes de prevenção não só ao *bullying*, mas a todas as formas de violência e, sobretudo, respeitar as diferenças, o Brasil é um país multicultural. Ao final, consta as referências utilizadas ao longo da construção desse trabalho.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual é marcada pela sensação de medo e insegurança advinda dos altos índices de violência que impedem os cidadãos de desfrutarem plenamente do convívio social digno. É notório que a violência está cada vez mais presente na sociedade e a escola não está imune a esse comportamento, mesmo sendo espaço reservado para a educação e construção de valores. Exemplo disso é a recorrente presença de *bullying* no ambiente escolar como mostra a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE, 2015, 2019) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pois mostra que o *bullying* envolve quase 30% dos estudantes brasileiros, dados trazidos por Fante e Prudente (2015, p. 159).

A partir desse alto índice de ocorrências de *bullying* que este trabalho propôs a discussão da temática *bullying* por meio dos círculos de construção de paz, componente da Justiça Restaurativa, uma metodologia inovadora concebida como alternativa à justiça retributiva no Direito Penal, ou seja, idealizada para atender envolvidos em atos delituosos, porém devido às experiências positivas, foi amplamente sendo utilizada em vários espaços, inclusive no espaço escolar.

O Instituto Federal do Tocantins, Campus Araguatins é uma instituição escolar, portanto, não está imune a essa violência. Assim, o problema que conduziu a pesquisa foi: Quais as possíveis contribuições dos círculos de construção de paz, na perspectiva da Justiça Restaurativa, na prevenção ao *bullying* em uma turma de 1ª série de EPT no IFTO Campus Araguatins? Tendo como objetivo geral: Proporcionar a discussão e a problematização do tema *bullying* por meio da metodologia da Justiça Restaurativa e da prática de círculos de construção de paz no ambiente escolar.

Complementares ao objetivo geral, os objetivos específicos propostos foram: Apresentar o projeto e a metodologia do círculo de construção de paz no âmbito escolar; desenvolver a metodologia do círculo de construção de paz a partir do tema *bullying* no âmbito escolar; contribuir com a política de prevenção ao *bullying*; identificar os conflitos vivenciados, os tratamentos recebidos e as possíveis consequências do conflito no percurso formativo; e produzir um caderno de atividades.

Recorrentemente, o *bullying* tem se apresentado como uma forma específica de violência no espaço escolar, em suas diversas formas, conforme apresentado na Lei Nacional Nº 13.185, de 2015. Esta lei representa um marco legal sobre o problema *bullying* e a mesma instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática

(*bullying*) em todo o território nacional e impõe como dever do estabelecimento de ensino assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (*bullying*).

O *bullying* nas escolas pode levar a consequências imediatas, como por exemplo desinteresse pela escola, havendo diminuição do desempenho escolar, além de isolamento, ataques de pânico e ansiedade, comportamentos violentos e alterações físicas, como dificuldades para dormir, distúrbios alimentares e até mesmo consumo de álcool e drogas ilícitas.

Além das consequências imediatas, o *bullying* pode resultar em problemas a longo prazo, como dificuldade em relacionar-se com pessoas, provocando estresse no trabalho, pouca capacidade para manter um relacionamento amoroso, dificuldade na tomada de decisões, tendência à depressão, baixa autoestima e pouca rentabilidade no trabalho devido a falta de confiança.

O ambiente escolar é rico e diversificado, nele há muitas diferenças nas pessoas que o compõem: de funcionários aos alunos. Cada um tem sua história, condição social, raça/cor, religião, orientação sexual, gênero, como por exemplo o público LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexo, assexuais) e outros. É, portanto, um lugar propício para debater e vivenciar as diferenças buscando reconhecê-las, compreendê-las e, sobretudo, respeitá-las. Portanto, o espaço escolar, como espaço de formação humana é apropriado para fazer uso dessa metodologia inovadora, a qual pretende ver o humano e suas práticas a partir de suas necessidades.

A turma em que foi desenvolvida a pesquisa é formada por estudantes da 1ª série de Agropecuária. A turma é composta por jovens recém-chegados ao IFTO, Campus Araguatins, período de adaptação, afirmação, negação, formação de grupos por identificação de interesses, por afinidade, formação de lideranças, entre outros. A juventude brasileira é marcada pela diversidade. De acordo com Dayrell (2003, p. 42), “essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos”.

Sendo o jovem, sujeito social, conforme visto anteriormente, é necessário que o mesmo seja capaz de refletir e de se ver como um indivíduo que participa da sociedade, recebendo e exercendo influências. Assim, Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 1068) apontam esse momento como de grande relevância por estar “[...] permeado

de descobertas, emoções, ambivalências e conflitos, o jovem se defronta com perguntas como: Quem sou eu? Para onde vou?, Qual rumo devo dar à minha vida?”. Os autores afirmam que esses questionamentos estão relacionados a “[...] uma dimensão decisiva no seu processo de amadurecimento” (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011, p. 1068).

Nesse cenário, é necessário destacar o papel da escola, pois é a mesma por meio de seus educadores que subsidiarão, entre outras instâncias sociais, os jovens na construção de suas identidades. Estes mesmos autores trazem alguns questionamentos à reflexão a respeito da escola e sua responsabilidade, quais sejam:

Como a escola se coloca diante dessa realidade? Será que a instituição escolar, principalmente aquela do Ensino Médio, seus professores e os gestores buscam conhecer e refletir sobre a realidade dos alunos na sua dimensão de jovens? (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011, p. 1069).

Como visto, as escolas de Ensino Médio estão imbuídas por meio de seus agentes, dentre outros, no desafio de auxiliar os jovens a refletir, obter informações, desenvolver habilidades e competências a partir das suas realidades cotidianas. Nesse sentido, a prática do círculo, um dos componentes da Justiça Restaurativa, se apresenta como um espaço designado a promover o sentimento de pertencimento, a cultivar a conscientização e a consideração pelos outros e a assegurar a participação democrática respeitosa de todos os participantes, ou seja, uma maneira diferenciada de abordar e solucionar os conflitos, uma metodologia estruturada de facilitação do diálogo, que pode ser utilizada com fins preventivos, proposta deste trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Profissional e Tecnológica - EPT está pautada nas dimensões do trabalho, ciência, cultura e tecnologia e deve ser compreendida enquanto importante nível de ensino que propicia e incentiva os discentes ao pensamento crítico, científico e tecnológico para além do mercado de trabalho capitalista, ou seja, caminhar na direção de um projeto contra-hegemônico, que tenha como base uma educação unitária, omnilateral, politécnica, a formação integrada.

Nesse sentido, é que a primeira seção deste trabalho retoma as bases conceituais da Educação Profissional e Tecnológica e apresenta o trabalho como princípio educativo defendido por Saviani (1989) e ratificado por vários outros pesquisadores, onde ele afirma que o trabalho constitui a realidade humana, a qual vem se aperfeiçoando ao longo da sua existência por meio da educação. Ainda nesta seção, discorre sobre a necessidade de uma escola diferenciada, de base unitária, a ser garantida a todos sem distinção, indispensável à dignidade da pessoa humana, um direito constitucional, proporcionando o saber consciente para a posterior superação da dualidade trabalho manual versus trabalho intelectual a partir da classe trabalhadora idealizada por muitos estudiosos dentre eles o educador e humanista brasileiro Paulo Freire.

Na segunda seção, problematiza-se o *bullying*, o qual se configura como negação dessa formação integral do ser humano, o não respeito às diferenças, por se tratar de uma violência recorrente no espaço escolar entre os pares, a qual tem gerado inúmeros problemas aos jovens nessa fase tão importante de formação de identidade e construção enquanto sujeitos sociais. Este item traz à discussão ainda a lei que instituiu o programa de combate a essa forma de violência e o papel da escola enquanto instituição responsável por medidas de conscientização, prevenção, diagnóstico e combate.

Na terceira e última seção, apresenta-se um dos componentes da justiça restaurativa, os círculos de construção de paz, metodologia inovadora e estruturada de facilitação do diálogo, a qual propõe romper com a cultura do conflito, este segundo Jares (2008) é inerente ao ser humano, seres sociais vivendo em sociedade. Acredita-se ainda que a prática dos círculos contribui para o processo de construção de uma educação para a paz, modelo defendido nas obras de Jares (2002, 2007, 2008), o qual está relacionado aos direitos humanos. Assim, os círculos se apresentam como

uma forma de enfrentamento às práticas de *bullying*, corroborando também com os objetivos da EPT, ou seja, formação humana e integral.

Assim, por se tratar de um problema real na sociedade brasileira, apenas os conhecimentos curriculares não são suficientes para que se efetive o modelo educacional proposto pela EPT, pois um projeto educativo integrado requer que os estudantes sejam conscientes do seu papel social e, sobretudo, participantes ativos na sociedade, uma oportunidade ímpar de ressignificar nossas vivências e melhorar a comunidade.

2.1 A EPT e o acesso à educação como garantia da dignidade da pessoa humana

A Educação Profissional e Tecnológica - EPT é uma modalidade educacional prevista nos artigos 39 e 42 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, instituindo que a mesma “integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia”, redação dada pela Lei Nacional Nº 11.741/2008. A expressão anterior era Educação Profissional, que constava do artigo 39 da LDB.

Essa alteração teve por objetivo redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura. Essa transformação está intrinsecamente associada ao que Pacheco (2015) chama de “nova institucionalidade” se referindo a criação dos institutos federais, instituição inovadora e ousada que trouxe uma revolução à Educação Profissional e Tecnológica e, certamente, reafirmando a formação humana, cidadã.

Nesse mesmo sentido, Saviani (1989) de forma original e crítica problematiza as noções de trabalho, princípio educativo e organização escolar, pois estão interligados e facilitam a compreensão da Educação Profissional e Tecnológica que se espera alcançar para uma formação humana e integral. Ele afirma que “o papel da educação é a formação do homem. O que define a existência humana, o que caracteriza a realidade humana é exatamente o trabalho” (SAVIANI, 1989, p. 8). Em um determinado momento, o trabalho constitui a realidade humana, em outro, a formação do homem está centrada no trabalho e, finalmente, é também o trabalho que define a existência histórica dos homens. Enfim,

Através do trabalho o homem vai produzindo as condições de sua existência, e vai transformando a natureza e criando, portanto, a cultura, criando um mundo humano. Esse mundo humano vai se ampliando progressivamente com o passar dos tempos. Na formação dos homens, há que se levar em conta o grau atingido pelo desenvolvimento da humanidade (SAVIANI, 1989, p. 8).

Com o mesmo entendimento, Della Fonte (2018, p. 10), afirma que “o ser humano não nasce humano, ele faz-se humano; e o formar humano de cada um nunca esgota as possibilidades de humanizar-se já existentes na história humana ou passíveis de ainda serem criadas”. Assim, pode-se compreender que a formação humana, bem como o trabalho estão interligados e são interdependentes, ou seja, o trabalho representa a transformação da natureza pelo homem com objetivos de atender suas necessidades, igualmente seu trabalho se aperfeiçoa e perpassa as gerações por meio da educação.

Todavia, no cenário educacional proposto pela ótica das políticas neoliberais, a escola e o direito à educação ganham espaço, no entanto, não na perspectiva de alcançar o modelo educacional proposto pela formação integral, mas sim com objetivo de atender os interesses do capitalismo, da classe dominante, atendendo assim os interesses neoliberais como já criticava Manacorda (1990).

O Estado como condutor da política educacional, infelizmente tem negado esse direito fundamental indispensável à dignidade da pessoa humana e fortalecido a dualidade existente entre o ensino voltado ao trabalho manual e o ensino voltado ao trabalho intelectual, um exemplo recente é a contrarreforma do Ensino Médio que prevê os itinerários formativos. A classe trabalhadora, devido às reais condições de pobreza e a urgente necessidade de contribuir financeiramente com a renda familiar tem alcançado a instrução, o conhecimento, mas “em doses homeopáticas”, ou seja, só o mínimo de conhecimentos, o suficiente para exercer funções determinadas.

Há, portanto, perspectiva de mudanças a partir da formação de cada pessoa tendo como base os princípios da escola unitária, defendidos por Gramsci (2006, p. 39). Para ele,

[...] na escola unitária, a última fase deve ser concebida e organizada como a fase decisiva, na qual se tende a criar os valores fundamentais do 'humanismo', a autodisciplina intelectual e a autonomia moral necessárias a uma posterior especialização, seja ela de caráter científico (estudos universitários), seja de caráter imediatamente prático-produtivo (indústria, burocracia, comércio etc.). O estudo e o aprendizado dos métodos criativos na ciência e na vida devem começar nesta última fase da escola, não devendo mais ser um monopólio da universidade ou ser deixado ao acaso da vida prática: esta fase escolar já deve contribuir para desenvolver o elemento da responsabilidade autônoma dos indivíduos, deve ser uma escola criadora.

É perceptível que a proposta educacional e, por conseguinte, de escola defendido por Gramsci também fundamenta o ideal de formação almejado pela educação profissional e tecnológica, ou seja, a formação integral rumo à emancipação humana na sociedade capitalista e, por consequência, sua superação. Superação da divisão social do trabalho em que a classe trabalhadora está direcionada aos trabalhos manuais e a classe burguesa direcionada aos trabalhos intelectuais. É necessário, para tanto, formar o ser humano na sua integralidade física, mental, cultural, política, científico-tecnológica.

Nessa conjuntura, Saviani (1989, p. 14-15) afirma que “O ensino profissional é destinado àqueles que devem executar, enquanto que o ensino científico-cultural é destinado àqueles que devem conceber e controlar o processo [...]”, ou seja, o ensino tem objetivos diferentes a partir dos interesses societários. Nas palavras de Santos e Chauí (2013, p. 30), “A racionalidade em si do mercado, fragmenta o trabalho produtivo submetendo-o às exigências impostas pelo capital financeiro”.

Em contraposição a essa realidade, Saviani (1989) defende um modelo educacional que visa superar a dualidade entre educação geral e educação profissional, buscando uma formação mais integral e integrada dos indivíduos denominado “politecnia”. Saviani propõe a articulação entre o ensino geral e o ensino técnico-profissional, com o objetivo de desenvolver competências cognitivas, técnicas e sociais nos estudantes.

Para Saviani (1989, p. 15), “A ideia de politecnia contrapõe-se à referida concepção [...]”, portanto, não se trata apenas da oferta de disciplinas técnicas, mas sim de uma abordagem pedagógica que integra teoria e prática, visando à formação plena do indivíduo. Ele enfatiza que a formação politécnica deve proporcionar o desenvolvimento de habilidades intelectuais, a compreensão crítica da realidade e a

capacidade de agir de forma transformadora na sociedade. Essa concepção valoriza tanto o conhecimento geral, proporcionado pelas disciplinas acadêmicas, quanto o conhecimento técnico, relacionado às habilidades profissionais.

Esse projeto de educação tem seu cerne no ideário da educação socialista revolucionária, a qual tem como princípios: a educação para todos, a combinação estudo e trabalho, a participação, coeducação e gratuidade. Muito bem exposto por Ciavatta, (2014, p. 202), “Para que lutamos?”, no campo da educação e do trabalho, implica uma nova qualidade de educação universalizada para toda a população”. Nesse mesmo sentido, Mészáros (2008, p. 27) afirma que “[...] é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente”.

Em suas contribuições, Charlot (2014, p. 29) aborda a educação e o trabalho em três diferentes modelos, quais sejam, o Estado Educador, o Estado e Desenvolvementista e Estado Regulador, entendendo que o Estado Educador construiu a escola primária para todos, o Estado Desenvolvementista generalizou o Ensino Fundamental, o atual Estado Regulador precisa universalizar o Ensino Médio. O autor enfatiza, sobretudo, que no Brasil, país emergente, não resolveu nem a alfabetização do povo, ou seja, não resolveu os problemas do primeiro modelo de Estado e já tem que resolver os problemas dos demais relacionados ao Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Ainda sobre a triste realidade brasileira de desigualdade social em que muitas crianças e adolescentes precisam trabalhar para ajudar no sustento da família, Moura, Lima Filho e Silva (2015) e Moura (2014), demonstram que a profissionalização no Ensino Médio brasileiro não é uma escolha, é uma necessidade. Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005, p. 43) são enfáticos quando afirmam que

Se a preparação profissional no Ensino Médio é uma imposição da realidade, admitir legalmente essa necessidade é um problema ético. Não obstante, se o que se persegue não é somente atender a essa necessidade, mas mudar as condições em que ela se constitui, é também uma obrigação ética e política, garantir que o Ensino Médio se desenvolva sobre uma base unitária para todos. Portanto, o Ensino Médio integrado ao ensino técnico, sob uma base unitária de formação geral, é uma condição necessária para se fazer a ‘travessia’ para uma nova realidade.

Depreende-se desse questionamento que o Brasil enfrenta um problema mais

complexo do que aparenta. Em outras palavras, há deficiência ou, por que não dizer, ausência de políticas públicas governamentais efetivas para retirar a população da condição de pobreza, bem colocado por eles como obrigação ética e política. Finalmente, ao adotarem o termo “travessia”, retratam a necessidade de amenizar a urgente condição de pobreza do país e, conseqüentemente, a utopia da formação humana integral, um Ensino Médio de base unitária para todos. Em suma, “a educação compreendida em sua perspectiva verdadeira, que não é outra, senão a de humanizar o homem na ação consciente que este deve fazer para transformar o mundo” (FREIRE, 1983, p. 7), lembra Jacques Chonchol prefaciando sua obra.

A discussão acima nos leva a refletir sobre o texto constitucional positivado quando o mesmo afirma em seu preâmbulo que os representantes do povo instituem o “Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais”, dentre outros. Nesse mesmo sentido, a carta magna define a “dignidade da pessoa humana como princípio constitucional”, ou seja, a dignidade da pessoa humana fundamenta-se em princípios éticos e filosóficos que valorizam a autonomia, a liberdade, a integridade física e psicológica, a igualdade, a justiça e a solidariedade. Ela implica o reconhecimento de que cada pessoa é um fim em si mesma, com direito a ter suas necessidades básicas atendidas, a participar plenamente da vida social e política, e a ter sua individualidade e identidade respeitadas.

A dignidade da pessoa humana está intimamente ligada aos direitos humanos. A dignidade é o princípio fundamental que fundamenta a existência e o reconhecimento dos direitos humanos. Ela reconhece o valor intrínseco e inalienável de cada indivíduo, independentemente de sua origem, status social, gênero, raça, religião ou qualquer outra característica.

Os direitos humanos são os direitos e liberdades fundamentais que todas as pessoas possuem simplesmente por serem seres humanos. Esses direitos são universais, indivisíveis, interdependentes e inalienáveis. Eles incluem direitos civis e políticos, como o direito à vida, à liberdade de expressão, à igualdade perante a lei e à participação política. Além disso, também abrangem direitos econômicos, sociais e culturais, como o direito à saúde, à educação, ao trabalho digno e à moradia adequada.

A esse respeito, o constitucionalista José Afonso da Silva afirmou que “a dignidade da pessoa humana é um valor supremo que atrai o conteúdo de todos os direitos fundamentais do homem, desde o direito à vida”. (SILVA, 2007, p. 38). De

forma semelhante e complementar, o artigo 3º da Constituição Federal de 1988 enfatiza os objetivos fundamentais da República, dos quais ressalta-se o inciso “IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988).

Toda a positivação desses direitos é de extrema importância para a sociedade, porém, segundo Santos e Chauí (2013, p. 42) “A grande maioria da população mundial não é sujeito de direitos humanos. É objeto de discursos de direitos humanos”. É nesse sentido ainda que se problematizou a questão do *bullying*, pois suas práticas representam flagrantemente a violação desses direitos consagrados constitucionalmente. Daí abordá-los sob a perspectiva da justiça restaurativa por entendermos que a mesma ressalta as dimensões pessoais e interpessoais, trazendo à reflexão as compreensões, vivências e percepções dos participantes dos círculos.

A Constituição Federal, no artigo Art. 6º ao trazer o título “Dos direitos e garantias fundamentais”, portanto, indispensáveis a todos, cada um em suas particularidades, em seu texto garante que “**São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social [...]**” (BRASIL, 1988). Posteriormente, no artigo 205, a Constituição assegura que “**A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho**” (*Ibidem*, grifo nosso). Essa garantia educacional compartilha dos ideais da Educação Profissional e Tecnológica e, sobretudo, com o ideal da politecnia de Saviani (1989).

É evidente a dicotomia existente entre o que está positivado e a realidade, pois persiste a negação do direito à educação como direito social e humano, afinal a problemática da garantia dos direitos não reside em fundamentá-los, mas sim em efetivá-los, ou seja, “o problema fundamental em relação dos direitos do homem, hoje, não é tanto o de justificá-los, mas o de protegê-los. Trata-se de um problema não filosófico, mas político” (BOBBIO, 1992, p. 24).

Na convicção de contribuir com a formação humana humanizadora, no sentido de incluir, refletir, conscientizar, libertar, o educador brasileiro Paulo Freire em todos os seus escritos defendeu um modelo educacional revolucionário baseado no diálogo, na consciência crítica e no amor conhecido como pedagogia libertadora. Entendendo que o ensino tem a função de desenvolver nas pessoas autonomia e libertar os

oprimidos, Freire afirma em seu livro *A pedagogia do oprimido*:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 2011, p. 26).

O autor demonstra no texto acima que se trata de uma construção da consciência, de conhecimento, de autonomia que possibilita o protagonismo do oprimido em sua história. Não é um processo rápido, nem fácil, no entanto, possível na perspectiva freiriana. A “Educação Libertadora” defendida por Freire seria, portanto, instrumento de transformação do sujeito e da sociedade, devendo a mudança partir dos menos favorecidos, dos oprimidos, devendo a mudança partir de quem viveu a opressão, para poder construir consciência e se libertar. Os oprimidos, por óbvio, chegariam a esse patamar de consciência libertadora e lutariam por meio da educação em prol da transformação (FREIRE, 2011).

Acreditando no potencial do conhecimento proporcionado pela educação, em afirmação semelhante ao entendimento de Haguette (2010, p. 152), afirma que

Além do poder econômico, existe o poder do “saber” que tem se tornado, através dos tempos, monopólio dos grupos dominantes. Isto não significa que os oprimidos não possuam saber, eles o possuem, mas não tem consciência do valor que este saber representa.

Assim como Freire (2011), Haguette (2010), enfatiza a importância do saber consciente, este adquirido na escola, um saber tradicional que pode se transformar em saber orgânico, ou seja, rumo da “consciência possível” e das condições objetivas de transformação. A escola traz consigo em sua cultura

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p.10).

Apesar da definição de cultura escolar apresentada pela autora ainda ser muito

presente no dia-a-dia das políticas educacionais e, conseqüentemente, das escolas, o que se espera alcançar é o conhecimento como principal condutor de mudanças e a efetivação do acesso e permanência na escola, conforme previsto no texto constitucional. Não se pretende diminuir a responsabilidade da escola em sua missão de permitir aos estudantes saírem da condição de senso comum, afinal, é na escola em que são socializados os saberes científicos, necessários à nossa formação humana. No entanto, não é dicotômico pensar que a escola, local de acesso a conhecimentos científicos, construção de sujeitos sociais, local de interconectividade entre pares e espaço de socialização de histórias, vivências, fortalecimento da identidade, seja também local em que mais acontece a intimidação sistemática/*bullying*? Infelizmente, as escolas são espaços onde há violência, sofrimento e medo.

Na perspectiva de alcançar a formação integral, objetivo da EPT, bem como a formação humanística, na definição de Moreira (2019, p. 15), o estudante é considerado primeiramente como pessoa, livre para fazer escolhas. O ensino deve, portanto, facilitar o crescimento pessoal, pois “o aprendiz é visto como um todo - pensamentos, sentimentos e ações – não só o intelecto”. Por isso este trabalho propõe um tratamento diferente a problemas antigos, ou seja, usar o diálogo direcionado, proporcionar aos estudantes falarem de si, de suas experiências, escutar de forma empática, refletir sobre as situações do dia-a-dia, problematizar o *bullying*, tomada de consciência, ao invés de omitir as incidências, punir e reprimir como únicas alternativas possíveis. É urgente educar para o direito humano à liberdade, à diversidade, à inclusão, afinal a educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

2.2 Intimidação sistemática (*bullying*) e o papel da escola: basta a legislação?

Segundo Fante (2018), o *bullying* é um fenômeno mundial tão antigo quanto a própria escola, sendo seu estudo sistemático começado por volta da década de 1970, na Suécia, entretanto, no final de 1982, os jornais noruegueses noticiavam o suicídio de três crianças com grandes probabilidades de terem sido motivados por situações de maus-tratos a que eram submetidos pelos seus companheiros de escola. A autora traz ainda que foi Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, na Noruega,

quem desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações como incidentes, gozações e brincadeiras próprias da idade. Os resultados da pesquisa de Olweus evidenciaram que um em cada sete estudantes estava envolvido em casos de *bullying*.

No Brasil, Felizardo (2017) destaca que os primeiros estudos sobre *bullying* começaram após 2000, com a figura do Dr. Lauro Monteiro, médico pediatra que juntamente com Aramis Antonio Lopes Neto, também pediatra, e a psicóloga e psicopedagoga Lucia Helena Saavedra desenvolveram o programa de Redução do Comportamento Agressivo entre estudantes da 5ª a 8ª séries em nove escolas públicas e duas privadas do Estado do Rio de Janeiro. A autora menciona também as pesquisas de Cléo Fante, pois a mesma desenvolveu quatro pesquisas, de 2000 a 2003, com aplicação de questionários em cinco escolas no interior do Estado de São Paulo. Estas pesquisas confirmaram o alto índice de *bullying* no Brasil.

A partir das pesquisas de Fante (2018), Felizardo (2017, p. 70-71) elaborou três quadros com os respectivos resultados, estes condensados em um único quadro:

Quadro 1 - Três primeiras pesquisas de Fante

Ano	2000	2001	2002
Objetivo	Identificação do fenômeno	Identificação do fenômeno	Identificação do fenômeno
Instrumento de investigação	Questionário	Questionário	Questionário
Cidade	Barretos-SP	São José do Rio Preto -SP	São José do Rio Preto - SP
Tipo de pesquisa	Particular	Particular e pública	Pública
Quantidade de alunos	430	431	450
Séries atendidas	5ª a 8ª do Ensino Fundamental e 1ª e 2ª do Ensino Médio		
Idade dos alunos		7 a 16 anos	7 a 16 anos
Porcentagem de <i>bullying</i>	41,0%	47,0%	66,92%
Porcentagem de vítimas	18,0%	21,38%	25,56%

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Felizardo (2017)

Verifica-se que a média de ocorrência de *bullying* nas três pesquisas apresentadas no quadro é de 51,64%. O alto índice apresentado nos remete ao que Peres e Eisner (2018) afirmam “Nenhuma pessoa do mundo é igual à outra” e todos temos consciência dessa afirmação, no entanto, o que justifica tão elevado número

de violência? Só nos resta acreditar que o que falta é o respeito, a empatia, o amor. Os autores chamam de “marcadores sociais das diferenças” as características (inatas ou adquiridas) que possuem a força de uma marca social e certamente numa sociedade patriarcal, machista, sexista, homofóbica, misogênica como a nossa, “ser branco, heterossexual, magro e sem deficiência é muito diferente de ser negro, não heterossexual (gay, lésbica ou bissexual, por exemplo), obeso e viver com alguma deficiência (ser cego, por exemplo)”.

Em pesquisa mais recente, como evidenciado por Fante e Prudente (2015, p. 159) quase 30% dos estudantes brasileiros são vítimas de *bullying* no Brasil, número relativamente alto, portanto, um assunto a ser problematizado. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PENSE, 2015, p. 71),

Quando perguntados se o escolar já havia esculachado, zombado, mangado, intimidado ou caçoado algum de seus colegas de escola nos 30 dias anteriores à pesquisa, 19,8% responderam que sim. Dentre os meninos, esse percentual foi de 24,2% e entre as meninas, 15,6%. Percentual maior entre os alunos de escolas privadas (21,2%) do que entre as escolas públicas (19,5%). Dentre os que se sentiram humilhados pelas provocações dos colegas, responderam como **principais motivos**, a aparência do corpo (15,6%) e aparência do rosto (10,9%).

Fica perceptível que os percentuais são grandes tanto para estudantes de escolas públicas quanto privadas e os motivos continuam sendo os mesmos, ou seja, características físicas diferentes ou fora do modelo padrão de beleza veiculado nos meios de comunicação, ou quaisquer outras diferenças demonstradas pela literatura. A (PeNSE, 2019, p. 41), apresenta os seguintes dados:

Sobre ser esculachado, zoadado, mangado, intimidado ou caçoado pelos colegas tanto que ficaram magoados, incomodados, aborrecidos, ofendidos ou humilhados, 23,0% dos escolares afirmaram que duas ou mais vezes se sentiram humilhados por provocações dos colegas nos 30 dias anteriores à pesquisa (Gráfico 6). Os percentuais foram maiores entre as meninas (26,5%) do que entre os meninos (19,5%). Entre os alunos de escolas privadas, a proporção foi de 22,9% e entre aqueles de escolas públicas, 23,0%. Quando perguntados sobre o motivo de sofrerem *bullying*, os três maiores percentuais foram para aparência do corpo (16,5%), aparência do rosto (11,6%) e cor ou raça (4,6%).

Os dados apresentados pela PeNSE não foram muito diferentes nos dados obtidos, houve um leve aumento em ambos os tipos de escolas, porém quanto aos motivos desta forma de violência continuam sendo os mesmos, aspectos diferentes. A (PeNSE, 2019, p. 42) trouxe dados novos, números sobre esta forma de violência relacionada às redes sociais, caracterizando o *cyberbullying*,

Nessa edição foi perguntado aos escolares se eles se sentiram ameaçados, ofendidos ou humilhados nas redes sociais ou aplicativos de celular nos 30 dias anteriores à pesquisa. Do total de escolares, 13,2% responderam positivamente. Percentual proporcionalmente maior para as meninas (16,2%) do que para os meninos (10,2%). Entre as dependências administrativas das escolas, os alunos de escolas públicas (13,5%) tinham percentuais pouco mais elevados do que os de escolas privadas (11,8%).

Diferentes dos dados anteriores apresentados pela PeNSE, as escolas públicas estão com maior incidência. Os números de *bullying* em seu formato presencial estão em número superior. De acordo com Maldonado (2011, p. 33), “No *cyberbullying*, os membros da plateia participativa repassam mensagens difamatórias e fazem comentários sobre as fofocas e os boatos transmitidos pelos sites de relacionamento”, por sua vez, mais difíceis de serem identificados e, conseqüentemente, punidos, se for o caso.

Recentemente, em decorrência da pandemia da COVID-19, do distanciamento social, distanciamento da escola e dificuldades emocionais, os estudantes permaneceram em casa e interagem com professores e colegas apenas virtualmente, o que leva a crer que aumentaram os casos de *bullying* ou *cyberbullying*. É preocupante também a ocorrência de *bullying* pós-pandemia, pois existem algumas razões pelas quais o *bullying* pode se intensificar nesse contexto. Primeiramente, as crianças e adolescentes podem retornar à escola com diferentes níveis de habilidades sociais e emocionais, o que pode levar a tensões e conflitos entre eles.

Além disso, o estresse prolongado causado pela pandemia pode resultar em comportamentos negativos, incluindo o *bullying*, como uma forma inadequada de lidar com as emoções. Outro fator importante é a necessidade de reintegração social após um período de isolamento. À medida que os estudantes voltam a interagir em ambientes escolares, podem surgir dinâmicas de poder e exclusão social, aumentando o risco de *bullying*. Infelizmente não se tem dados sobre *bullying* pós-pandemia.

Apesar de os estudos sobre o problema do *bullying* serem relativamente novos no Brasil, Fante e Prudente (2015) afirmam que o mesmo é tão antigo quanto a escola e está presente em todos os países. Ao conceituarem o termo *bullying*, afirmam que “[...] é de origem inglesa, é utilizado para determinar um fenômeno (uma forma de violência escolar) bastante peculiar, com características definidas e que está em expansão”. Posteriormente, fazem questão de enfatizar

[...] não indica um conflito normal ou uma simples briga entre estudantes, mas sim um tipo de comportamento que dá origem a ataques (físicos, psicológicos, sexuais), de forma intencional e repetitiva, contra alguém que, geralmente, não tem condições de se defender (FANTE; PRUDENTE, 2015, p. 9).

É importante destacar que em muitos casos, ele é confundido com indisciplina ou mesmo brincadeiras da idade, ou, ainda, com agressões corriqueiras, casuais. Devido a isso, concorda-se com Fante (2018) quando ela diz que o fenômeno *bullying* apresenta-se de forma velada, por meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos por um longo período de tempo contra uma mesma vítima. Esse fenômeno tem como intenção excluir, agredir física ou verbalmente o outro, como também assediar sexualmente um indivíduo de modo repetitivo e intencional. Felizardo (2017, p. 39) exemplifica que “[...] entre as ações de *bullying* estão xingamentos, disseminação de falsos rumores, caretas ou gestos, exclusão social ou isolamento, agressões físicas e discriminação física, social, racial, religiosa e sexual”, reafirmando os dados da pesquisa apresentados acima.

Maldonado (2011, p. 14) chama atenção para o fato de esse comportamento agressivo não ser normal e enfatiza sua amplitude e complexidade, pois “ocorre em várias faixas etárias, em escolas públicas e particulares “[...] provoca sentimento nos que são atingidos por essas agressões repetitivas”. Além de intensificar uma das principais características dessa violência, a repetição, a autora enfatiza que “são feitas por uma pessoa ou um grupo que tem mais poder com a intenção de magoar, aterrorizar, intimidar, ameaçar, depreciar, excluir e prejudicar uma pessoa ou um grupo com menos poder”. Acredita-se tratar de um problema de difícil detecção, uma vez que se confunde com brincadeiras de mau gosto, no entanto, pressupõe-se que a partir de um conhecimento mais amplo sobre o *bullying*, as escolas, os educadores e os estudantes podem ter mais subsídios para enfrentamento do problema e intervir na redução dessa prática.

Tão importante quanto identificar os comportamentos violentos, em suas diversas formas, é saber lidar com as consequências, uma vez que “[...] sua ação maléfica provoca enormes traumas aos envolvidos, causando doenças psicossomáticas, transtornos mentais e psicopatologias graves, além de estimular a delinquência e abuso de drogas” (PEREIRA, 2009, p. 9). Fante (2018) acrescenta que essas agressões ocorrem sem motivação evidente. Além dos problemas acima relatados, Lopes Neto (2011, p. 26) acrescenta que

[...] o suicídio é um dos principais problemas de saúde na adolescência... o *bullying* não é o único fator de risco para pensamentos e comportamentos suicidas, mas ele deve ser incluído como um dos mais importantes, particularmente para os estudantes que se envolvem ora como agressores, ora como vítimas.

Como pode ser verificado, a relevância do tema é muito grande, uma vez que as consequências atingem tanto os agressores quanto às vítimas. É um sinalizador de que nas famílias, nas escolas e na sociedade, nas relações sociais entre os adultos permeiam condutas de desrespeito e autoritarismo, não havendo, portanto, participação democrática. Estas práticas carecem ser reavaliadas, repensadas, assim como os valores transmitidos às crianças e adolescentes e este entendimento presente nos objetivos do programa de combate ao *bullying* em seu artigo 4º, ou seja, tratar por outra perspectiva, por outro olhar, almejando a efetiva responsabilização e mudança de comportamento.

De acordo Fante e Prudente (2015), o *bullying* escolar envolve a todos e é constituído de protagonistas (ou personagens) que se classificam e distinguem-se em: a) alunos autores/agressores – são os que praticam o *bullying*; b) alunos alvo/vítima – são os que sofrem o *bullying*; c) alunos testemunhas/espectadores – são aqueles que testemunham as ações dos agressores contra as vítimas, mas não tomam qualquer atitude em relação a isso (FANTE; PRUDENTE, 2015, p. 142-147). Felizardo (2017) também faz importantes contribuições sobre essa abordagem e apresenta algumas características dos personagens do *bullying*, conforme pode ser verificado no quadro a seguir:

Quadro 2 - Personagens do bullying e principais características

Personagem do <i>bullying</i>	Característica
O agressor de <i>bullying</i>	geralmente espera que todos façam suas vontades e que suas ordens sejam atendidas. Gosta da sensação de poder, tem dificuldade de relacionamento, sofre intimidações, é maltratado em sua casa, vive sob pressão psicológica, é humilhado pelos adultos e sente-se inseguro e inadequado. p. 54
As vítimas de <i>bullying</i>	têm dificuldade de se defender, não oferecem resistência, tampouco, buscam ajuda com um adulto ou colega de classe. Geralmente apresenta uma dessas características: peso acima ou abaixo do ideal; físico frágil; estatura muito pequena ou muito grande; problemas de visão; deficiência física; muitas espinhas; cabelo enrolado, espetado ou colorido artificialmente; cor da pele diferente da dos demais; irmão gêmeo; notas altas; muita beleza; usa ou não roupas de marca, da moda, importadas; o poder aquisitivo dos pais é alto ou baixo; modo de falar diferente; introversão; falta de habilidade para se impor; baixa autoestima; traços diferentes do padrão nos aspectos social, de sexo, cultural, étnico e religioso. p. 56-57
Testemunhas, ou espectadores, de <i>bullying</i>	são estudantes que veem o <i>bullying</i> acontecer e não ajudam a vítima e nem ficam ao lado do agressor. Nessa situação sentem medo, impotência para agir e culpa por não agir; são tentados a participar, mas não tomam partido pelo agressor, com medo de serem as próximas vítimas, e assim reforçam as atitudes dele. p. 63

Fonte: elaborado pela autora a partir de Felizardo (2017).

Ficou evidente que todos os alunos, seja autor/agressor, alvo/vítima ou espectador/testemunha de *bullying*, são afetados de alguma forma, podendo apresentar consequências no desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicológico, pois, o medo, a intimidação, o receio, maus tratos, a humilhação, a insegurança, a impotência e outros sentimentos estão presentes em todos os envolvidos. Nesse caso, o trabalho escolar precisa ser amplo, de forma a atender a todos por meio dos círculos utilizando o diálogo como principal ferramenta.

Em caráter preventivo, no Brasil, há a Lei Nacional Nº 13.185 de 6 de novembro de 2015, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o território nacional, considerada, portanto, marco jurídico de combate ao *bullying*. A referida lei, no §1º do Art. 1º traz a definição legal *bullying*, qual seja,

[...] todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (BRASIL, 2015).

De forma simples e compreensível, a lei trouxe uma definição clara e objetiva e, ao mesmo tempo, apontando o objetivo a ser alcançado pelo agressor e as consequências causadas à vítima. Além da definição, a lei apresenta no artigo 2º as várias formas de *bullying*, quais sejam: ataques físicos; insultos pessoais; comentários

sistemáticos e apelidos pejorativos; ameaças por quaisquer meios; grafites depreciativos; expressões preconceituosas; isolamento social consciente e premeditado; pilhérias e intimidação sistemática na rede mundial de computadores (*cyberbullying*). Fante e Prudente (2015), ao se referirem a figura do *cyberbullying*, o classifica como um “fenômeno sem rosto”, devido os autores geralmente não se identificarem. Outros aspectos muito relevantes enfatizados por eles são: o fato de as vítimas sentirem um nível de intimidação muito maior pelo fato de não saberem quem as agredem, além da sensação de impunidade devido ao anonimato.

Em seguida, o artigo 2º da Lei é bem enfática ao caracterizar o que é considerado *bullying*, podendo ser compreendido como a tentativa de ser o mais claro e amplo possível no sentido de não deixar nenhuma prática vexatória ficar fora da caracterização, uma vez que algumas das descrições contidas nos incisos, compõem a descrição do caput, a exemplo o inciso I- ataques físicos corresponde a violência física.

Caracteriza-se a intimidação sistemática (*bullying*) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:

- I - ataques físicos;
- II - insultos pessoais;
- III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- IV - ameaças por quaisquer meios;
- V - grafites depreciativos;
- VI - expressões preconceituosas;
- VII - isolamento social consciente e premeditado;
- VIII - pilhérias.

Já no artigo 3º o legislador apresenta a respectiva classificação a partir das ações praticadas e a consequente exemplificação de ações que os caracterizam, podendo ser:

Quadro 3 - classificação do bullying e suas ações

classificação/tipificação	ações praticadas/verbos
Verbal	insultar, xingar e apelidar pejorativamente
Moral	difamar, caluniar, disseminar rumores
Sexual	assediar, induzir e/ou abusar
Social	ignorar, isolar e excluir
Psicológica	perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar
Físico	socar, chutar, bater
Material	furtar, roubar, destruir pertences de outrem
Virtual	depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social

Fonte: elaborado pela autora a partir da Lei nº 13.185, de 2015.

Todas as classificações mencionadas são bastante enfatizadas por Fante, Lopes Neto, Felizardo, em seus livros, demonstrando que a legislação positivou o que vinha sendo discutido pelos estudiosos brasileiros desse problema, não significando, portanto, que o fato de ter uma legislação, a mesma seja efetiva. Essa afirmação remete ao artigo 5º dessa mesma lei quando atribui que **“É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (*bullying*)”**.

Além dessa obrigatoriedade, o artigo 6º retrata a necessidade de serem produzidos e publicados relatórios bimestrais das ocorrências de intimidação sistemática (*bullying*). Apesar de a lei falar em relatórios bimestrais, não deixa claro qual será a operacionalização dos mesmos. Mais uma vez retoma-se a discussão de que as políticas públicas devem ser bem planejadas, com objetivos bem definidos, com metas, responsáveis, cronograma de realização e, principalmente, com definição clara de financiamento para contemplar qualidade de vida e alcançar resultados satisfatórios, caso contrário, será mais uma lei engavetada, o que não é novidade em se tratando de nosso país.

São nove os objetivos propostos pelo Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) e descritos no artigo 4º da lei estão relacionados ao tratamentos diferenciado que propõe a justiça restaurativa principalmente os três últimos, pois pretendem promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil e promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência.

Os seis demais objetivos abordam sobretudo, a prevenção e combate, a capacitação docente e equipes pedagógicas, implementação de campanhas de educação, orientação aos pais, familiares e responsáveis, dar assistência psicológica, social e jurídica e conscientização.

Na perspectiva de fortalecer os objetivos da Lei Nacional Nº 13.185 de 2015, a Lei Nacional Nº. 13.663, de 14.05.2018, entrou em vigor com o objetivo de promover paz nas escolas, propiciando medidas de conscientização e combate de todos os tipos de violência, especialmente a prática do *bullying*. Esta, inclusive, altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino.

A Declaração sobre uma Cultura de Paz, da Organização das Nações Unidas – ONU, 1999, afirma em seu artigo 1º:

Uma Cultura de Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados: [...] no respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não-violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação. [...] no pleno respeito e na promoção de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais; [...] no compromisso com a solução pacífica dos conflitos; [...] no respeito e fomento à igualdade de direitos e oportunidades de mulheres e homens (ONU, 1999).

Diante da obrigatoriedade imposta pela legislação e da responsabilidade formativa da escola, acredita-se que a conscientização e a aceitação de que o *bullying* é um fenômeno que ocorre, com maior ou menor incidência, em todas as escolas do mundo, independente das características culturais, econômicas e sociais dos alunos, e que deve ser encarado como fonte geradora de inúmeras outras formas de violências são fatores decisivos para iniciativas bem-sucedidas no combate à violência entre escolares, como já enfatizava Fante (2018). A justiça restaurativa, próximo item, se apresenta como metodologia parceira da escola rumo a essa conquista, uma vez que a formação do ser humano acontece preponderantemente nesse espaço de socialização e aquisição de saberes chamado escola, a qual segundo Klein e Torres (2015, p. 252) chamam atenção para a formação para a cidadania, tarefa política que se relaciona à participação das novas gerações na vida pública, um de suas principais responsabilidades.

2.3 Justiça restaurativa - JR e Círculos de Construção de Paz: um caminho possível rumo a prevenção ao *bullying*

Ao analisarem, a partir da década de 1970, as sociedades indígenas e tradicionais de países como a Nova Zelândia, Canadá e África do Sul, cientistas descobriram que a forma básica de resolução de conflitos entre os membros dessas comunidades não era a partir de uma proposta de punição aos culpados, mas sim de uma composição entre as diferentes partes envolvidas em uma determinada disputa. A partir dessas experiências, nasceu o movimento pela Justiça Restaurativa - JR, um modelo alternativo e complementar da justiça retributiva que busca de forma pacífica, de forma educativa resolver um conflito usando como principal ferramenta o diálogo, possibilitando ao autor do delito, repensar seus atos e reparar os danos.

A literatura concebe a JR como uma mudança de paradigmas no âmbito da justiça penal sob a perspectiva da pacificação social mediante métodos baseados na autocomposição e no diálogo voluntário, contexto onde se destaca a metodologia dos Círculos de Construção da Paz, a qual reúne os agentes envolvidos no delito, ofensor e vítima, incluindo ainda membros da comunidade. Para Ellwanger (2020), o diálogo oportuniza acolhimento e solidariedade na resolução do conflito, o que contribui para um desfecho saudável benéfico à sociedade.

Reconhecido mundialmente um dos pioneiros na temática restaurativa, Zehr (2015, p. 100), assinala que “a justiça restaurativa surgiu nos anos de 1970 como esforço para corrigir algumas das fraquezas do sistema jurídico ocidental. A maior preocupação tem sido a negligência das vítimas e suas necessidades. O sistema judiciário trata basicamente do que fazer com os ofensores”. Além dessas considerações iniciais, o autor acrescenta ainda que “a punição é frequentemente ineficaz”. Sua proposta, acima de tudo, é a promoção de uma transformação das formas de resolução de conflitos usados regularmente, substituindo a lógica das respostas retributivas, aquelas focadas na punição, por uma lógica restaurativa.

A Justiça Restaurativa tem força legal internacional, uma vez que a Organização das Nações Unidas - ONU, desde 2002 por meio do Conselho Social e Econômico editou a Resolução 12/2002, abordando a temática, a qual define “Programa de Justiça Restaurativa significa qualquer programa que use processos restaurativos e objetive atingir resultados restaurativos”. Logo na sequência aborda o

significado do processo restaurativo, ou seja, é “qualquer processo no qual a vítima e o ofensor, e, quando apropriado, quaisquer outros indivíduos ou membros da comunidade afetados por um crime, participam ativamente na resolução das questões oriundas do crime, geralmente com a ajuda de um facilitador”. Assim, observa-se que a participação da vítima e do ofensor é indispensável no processo restaurativo.

O artigo 20 da Resolução determina a implantação desse novo paradigma de justiça por todos os Estados membros da ONU, conforme pode ser observado abaixo:

Os Estados Membros devem buscar a formulação de estratégias e políticas nacionais objetivando o desenvolvimento da justiça restaurativa e a promoção de uma cultura favorável ao uso da justiça restaurativa pelas autoridades de segurança e das autoridades judiciais e sociais, bem assim em nível das comunidades locais (ONU, 1999).

Enfatiza-se nesse texto legal a Justiça Restaurativa como uma política de Estado, a ser incorporada não somente nas práticas de justiça criminal, mas também a ser utilizada em comunidades, instituições, órgãos públicos, escolas, dentre outros. Cabe ao Estado, nesse sentido, um importante papel de estimulador dessas práticas criando a cultura e políticas nacionais necessárias para a promoção das mesmas. Ressalta-se ainda a existência de diferentes metodologias aplicadas aos processos restaurativos, podendo incluir a mediação, conciliação, reunião familiar e círculos decisórios. É importante destacar que a Justiça Restaurativa não propõe a impunidade, mas sim autocomposição a partir dos envolvidos.

A Justiça Restaurativa no Brasil tem um percurso legal amplo e concatenado, portanto, na intenção de esclarecer a relação estabelecida neste trabalho, recorre-se às principais normatizações existentes a respeito da mesma, as quais seguem. O Conselho Nacional de Justiça, Órgão do Poder Judiciário, através da Resolução nº 125, de 29 de novembro de 2010, dispõe sobre a política judiciária nacional de tratamento adequado dos conflitos de interesses e, através da Emenda nº 2, de 08 de março de 2016, no seu artigo 7º, aduz:

Os tribunais deverão criar, no prazo de 30 dias, Núcleos Permanentes de Métodos Consensuais de Solução de Conflitos (Núcleos), coordenados por magistrados e compostos por magistrados da ativa ou aposentados e servidores, preferencialmente atuantes na área, com as seguintes atribuições, entre outras: [...].

Mais recente e atendendo as recomendações da Organização das Nações Unidas (ONU) em relação a temática da Justiça Restaurativa, o Conselho Nacional de Justiça, elaborou a Resolução Nº 225, em 2016, a qual dispõe sobre a Política Nacional de Justiça Restaurativa no âmbito do Poder Judiciário.

Art. 1º. A Justiça Restaurativa constitui-se como um conjunto ordenado e sistêmico de princípios, métodos, técnicas e atividades próprias, que visa à conscientização sobre os fatores relacionais, institucionais e sociais motivadores de conflitos e violência, e por meio do qual os conflitos que geram dano, concreto ou abstrato (BRASIL, 2016).

A Resolução contém diretrizes para a implementação e difusão da prática da Justiça Restaurativa no Brasil. Especificamente, no âmbito do Poder Judiciário do Tocantins, a Política Estadual de Justiça Restaurativa foi instituída pela Resolução Nº 17, de 24 de junho de 2020, a qual assinala que a Justiça Restaurativa constitui-se como um conjunto ordenado e sistêmico de princípios, métodos, técnicas e atividades próprias, que visa à conscientização sobre os fatores relacionais, institucionais e sociais motivadores de conflitos e violência, e por meio do qual os conflitos que geram dano, concreto ou abstrato, e serão solucionados de acordo com os parâmetros e os princípios estabelecidos nos artigos 1º e 2º da Resolução nº 225, de 31 de maio de 2016, do Conselho Nacional de Justiça. A implantação das práticas restaurativas é supervisionada pelo Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania - CEJUSC de cada Comarca.

Para melhor compreensão, apresenta-se o Quadro 4 contendo os principais marcos legais sobre Justiça Restaurativa de forma a facilitar a construção histórica do tema no que diz respeito a esse modelo alternativo ao direito retributivo e, sobretudo, a compreensão da política de tratamento adequado do conflito e das práticas restaurativas:

Quadro 4 - Principais legislações sobre Justiça Restaurativa

Ano	Documento legal	Responsável	Objetivo
2002	Resolução 12, de 24 de julho de 2002	Organização das Nações Unidas - ONU, por meio do Conselho Social e Econômico	Princípios básicos para utilização de programas de justiça restaurativa em matéria criminal.
2010	Resolução nº 125, de 29 de novembro de 2010	Conselho Nacional de Justiça, Órgão do Poder Judiciário	Dispõe sobre a Política Judiciária Nacional de tratamento adequado dos conflitos de interesses no âmbito do Poder Judiciário e dá outras providências.
2016	Resolução Nº 225, de 31 de maio de 2016	Conselho Nacional de Justiça	Dispõe sobre a Política Nacional de Justiça Restaurativa no âmbito do Poder Judiciário e dá outras providências.
2020	Resolução Nº 17, de 24 de junho de 2020	TJTO	Institui a Política de Justiça Restaurativa, cria o Órgão Central de Macrogestão e Coordenação no âmbito do Poder Judiciário do Tocantins, bem como adota outras providências.

Fonte: elaborado pela autora.

Considerando a relevância das práticas restaurativas é que foram desenvolvidos círculos de construção de paz, uma das práticas mencionadas na literatura para discutir o problema do *bullying* no espaço escolar, pois de acordo com Boyes-Watson e Pranis (2011. p. 35), círculo

É um processo estruturado para organizar a comunicação em grupo, a construção de relacionamentos, tomada de decisões e resolução de conflitos de forma eficiente. O processo cria um espaço à parte de nossos modos de estarmos juntos.

As autoras descrevem dois tipos de círculos de construção de paz: círculos mais complexos e círculos menos complexos, sendo que os círculos mais complexos são mais aprofundados e são mais adequados para situações de conflito mais intensas ou traumas coletivos. Eles abordam questões emocionais, cura e transformação pessoal e comunitária. Os círculos mais complexos envolvem a criação de um espaço seguro e inclusivo para que os participantes compartilhem suas histórias, expressando emoções e experiências profundas. Eles podem ser utilizados em contextos de justiça restaurativa, reconciliação pós-conflito ou situações de violência comunitária.

Por sua vez, os círculos menos complexos são estruturados de forma mais simples e são mais adequados para situações menos intensas de conflito ou violência. Eles são mais direcionados para a promoção da comunicação e do diálogo aberto entre os participantes. Os mesmos são utilizados em contextos escolares,

comunitários ou organizacionais, onde o objetivo principal é construir relacionamentos, fortalecer a coesão social e melhorar a comunicação. A proposta desse trabalho foi enfatizar a prevenção à violência *bullying* problematizando com estudantes de 1ª série.

Em suas várias experiências, Pranis (2010. p. 16) afirma que “Os círculos de Construção de Paz estão sendo usados em variados contextos e, especificamente “Nas escolas, criam um ambiente positivo na sala de aula e resolvem problemas de comportamento”. (grifo nosso). A condução da citada metodologia está fundada na Comunicação Não-Violenta de Marshal Rosenberg, doutor em psicologia clínica, mediador internacional e fundador do Centro de Comunicação Não-Violenta - CNV, que lida com o tema há vários anos, na busca de resolução pacífica de conflitos, através da linguagem e comportamento. A Comunicação Não-Violenta é uma abordagem de comunicação e resolução de conflitos que busca promover a empatia, a compreensão mútua e a conexão entre as pessoas. A CNV se baseia em princípios de compaixão, autenticidade e respeito, visando construir relações mais saudáveis e harmoniosas.

Rosenberg (2006) afirma que são quatro os componentes de uma comunicação não-violenta: observar sem avaliar; expressar como nos sentimos; reconhecimento das necessidades que estão por trás de nossos sentimentos; e aborda a questão do que gostaríamos de pedir uns aos outros para enriquecer nossa vida.

A CNV começa com a “Observação objetiva de fatos concretos”, sem julgamentos ou avaliações. É importante descrever a situação de forma imparcial, focando nos eventos observáveis. Em seguida, no componente “Reconhecimento de necessidades”, a CNV encoraja a identificação e a expressão de sentimentos autênticos relacionados à situação. Reconhecer e nomear os sentimentos ajuda a criar uma conexão emocional com os outros. No componente “Necessidades”, a CNV destaca a importância de identificar as necessidades fundamentais por trás dos sentimentos. Reconhecer e compartilhar as necessidades ajuda a promover a compreensão mútua e a busca de soluções que atendam a ambas as partes. Por fim, o componente “Pedido”, a CNV encoraja a formulação de pedidos claros e específicos, que sejam viáveis e respeitem as necessidades de todas as partes envolvidas. Os pedidos são feitos de forma positiva, evitando exigências ou ameaças.

A CNV busca superar a comunicação violenta, que se baseia em críticas, julgamentos, acusações e demandas. Em vez disso, promove a escuta empática, o

reconhecimento das emoções e necessidades de todos os envolvidos, e a busca por soluções que levem em consideração o bem-estar de todos.

No círculo de construção da paz, os participantes exploram determinada questão ou assunto a partir de vários pontos de vista. Não procuram consenso sobre o assunto. Ao contrário, permitem que todas as vozes sejam ouvidas respeitosamente e oferecem aos participantes perspectivas diferentes que estimulam suas reflexões. As autoras Boyes-Watson e Pranis (2011, p. 37) apresentam os elementos essenciais da construção do círculo: Cerimônia de abertura, Peça de centro, Discussão de valores e orientações, Objeto da palavra, Perguntas norteadoras, Cerimônia de fechamento. Momentos estes conduzidos por um “facilitador do círculo”, por vezes chamado de “guardião”, pessoa que planeja e direciona os círculos. Estes deverão ser capacitados antes de assumir sua função, apresentar boa compreensão das culturas regionais e das comunidades onde atuarão. Deverão atuar de maneira imparcial, capacitando as partes a encontrar a solução cabível entre elas, ou seja, a autocomposição.

O facilitador deve organizar a logística do círculo, a qual inclui estabelecer o lugar e horário, fazer convites, preparar todas as partes, selecionar o objeto da palavra e a peça do centro, planejar as cerimônias de abertura e fechamento e formular as perguntas norteadoras, sempre atento para as necessidades e interesses de todos os participantes. Necessita ainda garantir que os elementos essenciais do círculo: abertura, peças de centro, valores e diretrizes, objeto da palavra, perguntas norteadoras e fechamento efetivamente aconteçam conforme descrito por Boyes-Watson e Pranis (2011. p. 38-40), em que cada um tem sua importância na composição do círculo.

A **abertura** ajuda os participantes a se centrarem, a colocarem-se como completamente presentes no espaço, a reconhecer a interconectividade, a liberar distrações que não estejam relacionadas, e a estarem atentos aos valores do eu verdadeiro. A **peça de centro** frequentemente enfatiza a inclusão ao incorporarem símbolos de membros individuais do círculo, bem como culturas que estejam representadas no círculo.

Os participantes em um círculo desempenham um papel principal na projeção de seu próprio espaço de duas maneiras. Primeiro, discutindo os **valores** que são importantes para eles e para aqueles que eles querem trazer para o diálogo. As **diretrizes** descrevem os comportamentos que os participantes sentem que deixarão

o espaço seguro para que falem suas verdades. As diretrizes não são restrições rígidas, mas lembretes que dão apoio às expectativas comportamentais que os participantes do círculo compartilham.

Os círculos utilizam um **objeto da palavra** para regular o diálogo dos participantes. Somente a pessoa segurando o objeto da palavra pode falar. O objeto da palavra permite que aquele que está de posse do mesmo fale sem interrupção, permite aos ouvintes se focarem na escuta e não se distrair pensando em dar uma resposta ao que está sendo dito. Os círculos usam **perguntas norteadoras** ou temas norteadores no início da maior parte das rodadas, a fim de estimular a conversa a respeito do interesse principal do círculo. E, por fim, o **fechamento** reconhece os esforços do círculo, afirma a interconectividade dos presentes, gera o sentido de esperança para o futuro e prepara os participantes para retornarem ao espaço comum de suas vidas.

Assim, pode-se afirmar que os círculos de construção da paz contribuem na prevenção ao *bullying*, primeiramente pelo estabelecimento de um ambiente seguro e acolhedor no qual os participantes são incentivados a expressar seus pensamentos, sentimentos e experiências sem medo de julgamento ou retaliação. Contribuem para a prevenção do *bullying* também pela promoção da empatia e compreensão quando reforçam a importância da escuta ativa e da empatia. Os participantes são encorajados a ouvir verdadeiramente uns aos outros, tentando compreender as perspectivas e emoções de cada indivíduo.

Além das características citadas, os círculos de construção de paz proporcionam um espaço seguro para o desenvolvimento e a prática de habilidades sociais, como a comunicação eficaz, a resolução de conflitos e a negociação. Ao adquirir essas habilidades, os estudantes podem aprender a se expressar de forma assertiva, a lidar com conflitos de maneira construtiva e a encontrar soluções pacíficas para os problemas, reduzindo assim a propensão ao *bullying*. Os círculos de construção de paz promovem a construção de relacionamentos positivos entre os participantes. Ao compartilhar experiências e se envolver em atividades colaborativas, os estudantes têm a oportunidade de criar laços mais fortes uns com os outros. Isso fortalece o senso de comunidade e pertencimento, reduzindo a propensão ao *bullying*, que muitas vezes se baseia na exclusão e na alienação.

A prática dos círculos fomenta a cultura do respeito e cuidado, na perspectiva de estabelecer uma cultura escolar baseada no respeito mútuo, na escuta ativa e no

cuidado com o bem-estar de todos. Esses valores são essenciais na prevenção do *bullying*, pois promovem a valorização da dignidade e dos direitos de cada indivíduo, tornando menos provável que ocorram comportamentos agressivos e prejudiciais, consequentemente, contribui com o processo de Educação para a paz, que Jares (2007) define

[...] como um processo educativo, contínuo e permanente, fundamentado nos dois conceitos fundadores (concepção de paz positiva e perspectiva criativa do conflito), que, pela aplicação de métodos problematizantes, pretende desenvolver um novo tipo de cultura, a cultura da paz, que ajude as pessoas a entender criticamente a realidade, desigual, violenta, complexa e conflituosa, para poder ter uma atitude e uma ação diante dela (JARES, 2007, p. 44-45).

Em outras palavras, é necessário reconhecer “o conflito como o que realmente ele é, um processo natural, necessário e potencialmente positivo para as pessoas e os grupos sociais” (JARES, 2002, p. 134). Quanto a paz positiva, Jares (2002, 2007) retoma os conceitos de paz tradicional e apresenta o conceito de paz positiva para fins da Educação para a paz, ou seja, “a concepção positiva de paz leva-nos a relacioná-la com o conceito direitos humanos e democracia” (JARES, 2002, p. 126).

Portanto, a paz está relacionada aos princípios fundamentais contidos no artigo 1º da Constituição Federal de 1988, especificamente o inciso III, a dignidade da pessoa humana. Tanto Jares quanto para Bobbio (1992), a educação para a paz está relacionada à democracia, à dignidade da pessoa humana e aos direitos humanos, pois este define paz como “o pressuposto necessário para o reconhecimento e efetiva proteção dos direitos humanos” (BOBBIO, 1992, p. 14).

Por fim, Jares (2007, p. 105) afirma que, “Sem alimentação suficiente, sem casa nem abrigo, sem meios para ter acesso à cultura, sem proteção diante da enfermidade, da velhice, da aposentadoria ou desemprego, é pura hipocrisia dizer a uma pessoa que é livre [...]”, dessa maneira, entendemos que o desafio posto à humanidade é desenvolver uma cultura dos direitos que tem como finalidade a defesa da dignidade humana, da liberdade, igualdade, solidariedade, justiça, democracia e paz.

Nesse cenário, a Justiça Restaurativa, por meio dos círculos de construção de paz, por se tratar de uma metodologia diferenciada no tratamento do conflito, portanto, espaços intencionais de diálogos, promovem a escuta empática, a aceitação de que

todos merecem respeito, o desenvolvimento de responsabilidade, habilidade para compartilhamento, dentre outros, estão intimamente ligados ao que já propunha Freire, pois o mesmo desenvolveu uma metodologia de alfabetização totalmente inovadora utilizando os círculos de cultura e o diálogo em que as pessoas se propõem construir juntas o saber solidário em que todos ensinam e aprendem.

Nesse mesmo sentido, Jares (2008), reconhecido por sua extraordinária e original elaboração conceitual e metodológica no campo da construção de uma proposta de educação para a paz, sustenta, em sua obra *Pedagogia da Convivência*, uma definição que é muito apropriada para os objetivos desse trabalho de pesquisa, pois aprofunda e amplia, em uma perspectiva de maior complexidade, a definição do ato de conviver. Para o referido autor,

Conviver significa viver uns com os outros com base em certas relações sociais e códigos valorativos, forçosamente subjetivos, no marco de um determinado contexto social. Estes polos, que marcam o tipo de convivência, estão potencialmente cruzados por relações de conflito, o que de modo algum significa ameaça à convivência. Conflito e convivência são duas realidades sociais inerentes a toda forma de vida em sociedade (JARES, 2008).

É interessante destacar que a definição para a convivência é trazida pelo autor, enfatizando que o conflito e a convivência estão e estarão juntos. Nessa sociedade, no cenário atual, observa-se um modelo de convivência adoecedor, no qual o ódio, o preconceito, o medo, a discriminação e tantas outras formas de exclusão são perpetuadas nos espaços relacionais, na família, nas escolas e nos demais espaços de convivência na sociedade em geral.

Nessa perspectiva, está evidente o desrespeito à diversidade nos moldes apresentados pela Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, diversidade esta que envolve a variedade cultural, manifesta através da linguagem, do comportamento, do vestuário, das crenças, dos valores, dos posicionamentos políticos, da orientação sexual, das tradições, das artes e de toda forma de expressão. (UNESCO, 2002).

Jares (2008) apresenta na mesma obra três dimensões da pedagogia da convivência, denominando-as como conteúdos de natureza humana, que dizem respeito ao direito à vida e ao desejo de viver; conteúdos de relação, tais como ternura, respeito, não violência, aceitação da diversidade e rejeição à discriminação; e conteúdos de cidadania, relacionados a justiça social, laicismo, Estado de Direito,

direitos humanos, dentre outros. Numa amplitude maior que as dimensões, o autor apresenta valores essenciais à convivência, quais sejam: respeito, diálogo, solidariedade, laicismo, caráter mestiço das culturas, ternura, perdão, aceitação da diversidade e o compromisso com os mais necessitados, felicidade e esperança. Destes, destaco o respeito, pois o mesmo na definição do autor “é uma qualidade básica e imprescindível que fundamenta a convivência democrática em um plano de igualdade e contém implícita a ideia de dignidade humana, supõe a reciprocidade no trato e no reconhecimento de cada pessoa” (JARES, 2008).

Como educadores, agentes no espaço institucional, precisa-se cotidianamente, construir um novo modelo de convivência que se fundamenta na dignidade da pessoa humana, expressa em direitos humanos experienciados no cotidiano das relações de uns com os outros, pelo perdão, pela compreensão, pelo diálogo, pela superação dos conflitos.

Em uma breve síntese preliminar, à guisa de conclusão, compreende-se que tanto as práticas restaurativas, quanto a metodologia de Freire bem como a proposta de Jares (2002, 2007, 2008) instigam o processo educativo a promover uma relação horizontal entre os seus sujeitos, pois se caracterizam pela construção do conhecimento por meio do diálogo, do encontro dos seres humanos em uma perspectiva comunicativa, podendo resultar desse encontro e das reflexões proporcionadas uma importante e significativa contribuição para que se alcance a tão sonhada emancipação dos seres humanos, proposta e principal objetivo da Educação Profissional e Tecnológica.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

O trabalho desenvolvido abordando aspectos da subjetividade, requer uma abordagem específica. Nesse sentido, a metodologia qualitativa desempenhou um papel fundamental, proporcionando uma compreensão aprofundada e significativa dos fenômenos educacionais. Ela se baseia na interpretação e na compreensão das experiências, perspectivas e significados dos participantes, permitindo uma abordagem mais holística e contextualizada do processo.

Na perspectiva de Haguette (2010, p. 20), “As metodologias qualitativas derivam da convicção de que a ação social é fundamental na configuração da sociedade”. A partir dessa compreensão, a abordagem utilizada foi qualitativa, através de procedimentos da pesquisa-ação, por tratar de um problema real que afeta a sociedade, o *bullying*. Neste trabalho, o tema *bullying* foi problematizado com estudantes por meio dos círculos de construção de paz. Em virtude da limitação temporal de um programa de mestrado, os resultados alcançados não podem ser considerados prontos e acabados, deverão sim, por sua vez, ser entendidos como o início de uma vasta discussão sobre a temática em pauta.

Corroborando com essa proposta, Thiollent (1986, p. 15) afirma que “Toda pesquisa-ação é do tipo participativo: a participação das pessoas implicadas nos problemas investigados é absolutamente necessária”, portanto, abordar o problema de pesquisa aqui proposto não é apenas uma escolha voluntária do pesquisador, é uma necessidade, uma demanda específica desse tipo de estudo.

Este mesmo autor ao aprofundar suas considerações sobre a pesquisa-ação, eleva a importância desse tipo de pesquisa e do papel do pesquisador, o qual segundo ele deve ir além dos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais, exercendo ativamente sua função, desenvolvendo o encorajamento e protagonismo na sua realidade (THIOLLENT, 1986, p. 16).

Por fim, a pesquisa-ação é um processo educativo contínuo e de acordo com Tripp (2005, p. 446), as fases do ciclo básico da investigação-ação são 4, quais sejam: “planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática”, justamente o que se pretende desenvolver nesta pesquisa, não se tem a pretensão de mudar a realidade, mas problematizá-la.

3.2 Caracterização do contexto de pesquisa e seus sujeitos

A presente pesquisa-ação foi desenvolvida no campus IFTO de Araguatins na turma de 1ª série do Ensino Médio Integrado do curso Agropecuária em parceria com a disciplina de Sociologia. O município é membro da microrregião do Bico do Papagaio do Estado do Tocantins. A escolha do campo da pesquisa está vinculada ao Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica e a necessidade de desenvolvimento em espaço escolar em que esse modelo de educação acontece. A opção pela 1ª série se deu por ser uma turma de “calouros”, período de adaptação dos estudantes ao espaço, aos profissionais e aos colegas e considerada turma mais suscetível a sofrerem *bullying*.

3.3 Instrumentos de Coleta de Dados

A coleta de dados é um dos elementos essenciais para a realização de uma pesquisa, portanto, o pesquisador deve a partir do seu referencial teórico da abordagem qualitativa encontrar o instrumento que esteja coerente com a proposta de trabalho. Neste caso, a coleta de dados se deu por meio dos círculos de construção de paz, nos quais discuti-se sobre a temática *bullying* com os estudantes colaboradores, tendo sido realizados três círculos. É importante esclarecer que nesta metodologia, o roteiro, apêndice B, é o condutor das questões norteadoras, porém, o mesmo é flexível, devendo ser readequar sempre em prol da qualidade do trabalho.

Este tipo de pesquisa se identifica como pesquisa-ação, a qual na compreensão de Tripp (2005, p. 448) “[...] a pesquisa-ação é participativa na medida em que inclui todos os que, de um modo ou outro, estão envolvidos nela e é colaborativa em seu modo de trabalhar [...]”, ou seja, exatamente a proposta desenvolvida, pois os estudantes foram levados a refletir sobre a violência escolar *bullying*.

A referida metodologia se assemelha a experiência de Freire (1983) por permitir a cada estudante socializar aspectos históricos e valores pessoais, fazer considerações sobre o assunto em pauta e, posteriormente, materializar a pesquisa em forma de produto educacional que contribuirá para a realização de círculos de construção de paz, bem como, contribuirá para a identificação, prevenção e o

enfrentamento do fenômeno *bullying* a partir de uma metodologia específica.

A pretensão inicial foi alcançada, ou seja, os estudantes trouxeram suas narrativas a partir de suas histórias, suas memórias, de forma a reconhecer o passado, de entender o presente e ter esperança do futuro, demonstrando capacidade de reconhecer a si mesmo por meio da memória, pois de acordo com Le Goff (1990) e Ricoeur (2007), a história é feita por pessoas e a memória se torna objeto da história.

Além das verbalizações dos estudantes por meio dos círculos, foi aplicado questionário, Apêndice C, com os demais colaboradores, quais sejam, profissionais de Coordenação do curso, Orientação Escolar e de Psicologia. De acordo com Gil (2010, p. 114) “Por questionário entende-se um conjunto de questões respondidas por escrito pelo pesquisado”. A opção pelo questionário objetivou complementar a pesquisa, conhecendo a realidade sobre o *bullying* no campus a partir de profissionais, bem como conhecer a maneira de a instituição escolar lidar com a violência entre escolares a partir de seus atos normativos e legais.

3.4 Análise dos Dados

A análise dos dados é o momento crucial dentro de uma pesquisa, pois é o momento no qual o pesquisador, a partir do material bruto coletado nos seus diferentes instrumentos, se debruça sobre o material e a partir dessa fase, ele vai produzir ciência, porque é justamente nesse material onde estão colocados os dados que vão fundamentar as conclusões de seu estudo.

Tendo em vista os círculos de construção de paz (rodas de conversas) que nos gerou uma quantidade grande de dados, a perspectiva era a de coletar as representações dos estudantes sobre o *bullying*, então nesse momento a metodologia que mais se mostrou adequada ao nosso propósito é a metodologia da análise de conteúdo, especialmente aquela produzida por Bardin (2021), para a qual o termo análise de conteúdo designa:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2021, p. 44)

Esta metodologia prevê três fases fundamentais, quais sejam: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados – a inferência e a interpretação (BARDIN, 2021, p. 121). A pré-análise, “é a fase de organização propriamente dita” (*Ibidem*, p. 121), ela consiste na organização do corpus da pesquisa. A autora aponta que neste momento da pesquisa é realizada a leitura flutuante dos documentos a serem analisados, a formulação de hipóteses e objetivos, a elaboração de indicadores e a preparação do material a ser investigado. O corpus desta pesquisa é formado pelas verbalizações (posteriormente escritas) dos estudantes realizada nos círculos e pelas respostas dos questionários semiestruturados aplicados aos demais colaboradores, os profissionais da Coordenação do curso, da Orientação Escolar, da Psicologia. A partir da análise do corpus da pesquisa foram sistematizadas as seguintes hipóteses e objetivos:

Quadro 5 - Hipóteses e objetivos a partir da análise do corpus da pesquisa

Hipóteses	Objetivos
- Se o estudante tiver conhecimento sobre os tipos de violência escolar <i>bullying</i> , suas formas de manifestação, as causas e consequências na vida dos atores (agressor, vítima e espectador) e puder dialogar sobre o referido tema, será impactado positivamente, tornando-se um agente de prevenção ao fenômeno, ou, ainda assim, não o considerar motivo suficiente para atitudes devastadoras e não assumir uma postura a favor da conscientização dos males causados por esse tipo de violência?	- Problematizar o tema <i>bullying</i> com estudantes, identificar os conflitos vivenciados, os tratamentos recebidos e as possíveis consequências do conflito no percurso formativo. - Contribuir com a política de prevenção ao <i>bullying</i> .
- Há supervisão adequada, políticas claras e suporte emocional aos estudantes em relação ao tema <i>bullying</i> no que diz respeito a identificação e acompanhamento e tratamento de possíveis casos?	Identificar se os profissionais com ligação direta com os estudantes tem conhecimento sobre a violência entre escolares <i>bullying</i> e suas consequências e, principalmente se os mesmos tem conhecimento sobre a imposição da Lei Nacional Nº 13.185/2015 lhes impõe enquanto instituição de ensino, ou seja, assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate.

Fonte: elaborado pela autora.

Em seguida, na segunda fase, ou exploração do material, “consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 2021, p. 127). Trata-se de realizar uma análise criteriosa do corpus de pesquisa, buscando garantir sua significância e validade. Nesta fase de descrição analítica, foram estabelecidas as categorias de análise, sistematizadas as unidades de registro e as unidades de contexto, sendo, portanto, os indicadores das ideias inferidas, embasadas nos

referenciais teóricos adotados no estudo. As unidades de registro em forma de palavras-chave não obedeceram, necessariamente, a uma frequência de aparição, foi considerado a relevância conforme o tema da pesquisa, pois segundo Bardin (2021, p. 142) “[...] o que caracteriza a análise qualitativa é o fato de a inferência – sempre que é realizada – ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem, etc.), e não sobre a frequência da sua aparição em cada comunicação individual”. Essas etapas são fundamentais para uma análise aprofundada e coerente dos dados coletados, permitindo a obtenção de resultados confiáveis e a interpretação dos fenômenos estudados, conforme quadro abaixo:

Quadro 6 - Categorias de análise e unidades de registro (palavras-chave)

Categoria	Unidades de Registro
<i>Bullying</i> , um fenômeno complexo e multifacetado	Violência
	Sofrimento físico e emocional
	Falta de respeito às diferenças
	Sentimentos: medo, raiva
	Problema
	Sérios danos
	Necessidades
	Causas individuais
	Personagens: agressor, vítima e espectador
	Receio de exposição pessoal
Estratégias de prevenção e intervenção no combate ao <i>bullying</i>	Oferecer suporte emocional aos estudantes
	Acolhimento
	Criar um ambiente seguro e inclusivo
	Incentivar o respeito pelas diferenças entre os estudantes
	Promoção de eventos
	Intervir rapidamente para interromper o comportamento agressivo
	Fornecer apoio às vítimas e aos agressores
	Desafios
	Supervisão
	Regulamento
Ser agente de prevenção ao <i>bullying</i>	Auto-estima positiva
	Compartilhar experiências
	Sensibilização e educação
	Promoção de eventos
	Superação
	Protagonismo

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

A última fase da Análise de Conteúdo, tratamento dos resultados – a inferência e a interpretação, o pesquisador realiza a análise propriamente dita, interpretando as categorias e identificando os significados subjacentes. Nesta etapa, busca-se compreender o contexto, os discursos implícitos e explícitos, presentes nos dados. O pesquisador apresenta os resultados da análise de conteúdo em forma de relatório

escrito, como pode ser verificado no item 4 deste trabalho.

3.5 Caracterização do Produto Educacional construído

Como é sabido, o objetivo principal deste trabalho foi proporcionar a discussão e a problematização do tema *bullying* por meio da metodologia da Justiça Restaurativa e da prática de círculos de construção de paz. No intuito de atender ao objetivo proposto, foram realizados 3 círculos entre os meses de setembro e dezembro de 2022 com estudantes de uma 1ª série Agropecuária por ser uma turma iniciante e os alunos ainda estarem em período de adaptação em relação ao ambiente escolar, professores e colegas. No primeiro contato com os estudantes, quando da apresentação do Projeto, fui inserida no grupo de *WhatsApp* da turma, o que permitiu o compartilhamento de arquivos sobre *bullying*, dentre eles o artigo da revista Nova Escola intitulado 21 perguntas e respostas sobre *bullying*, das quais algumas compõem o produto educacional.

Os círculos de construção e paz seguem metodologia própria, contendo elementos essenciais para sua construção, quais sejam, Cerimônia de abertura, Peça de centro, Discussão de valores e orientações, Objeto da palavra, Perguntas norteadoras e Cerimônia de fechamento, conforme as autoras Boyes-Watson e Pranis (2011) e melhor explicitados no item 2.3 deste trabalho. Os círculos são previamente planejados e conduzidos por um “facilitador do círculo”, por vezes chamado de “guardião”, ou seja, foram elaborados roteiros (Apêndice B) para a realização dos mesmos, estes são flexíveis, indicando um direcionamento ao diálogo.

Simultaneamente à realização dos círculos, seus elementos e suas etapas todos foram explicados aos participantes, enfatizando a importância de seguir a dinâmica para fins de alcançar o objetivo proposto. O tema abordado neste trabalho foi a violência entre escolares *bullying*, porém, com a presente metodologia podem ser abordados os mais diversos temas.

A princípio a sugestão era realizar os encontros no horário das aulas da disciplina de Sociologia, o que seria 40 minutos em cada encontro, no entanto, os próprios estudantes mencionaram a disponibilidade da turma participar em horário vago nas quintas-feiras das 13h30min às 15h30min, a partir daí estabeleceu-se esse dia e horário para realização dos círculos, tendo mais tempo para o diálogo, fato positivo considerando que um dos aspectos mais relevantes da atividade circular é a

escuta ativa, ou seja, não é simplesmente ouvir, implica em haver interesses reais no que é dito é expresso.

Segundo informações dos participantes da turma, a mesma iniciou com 40 estudantes, porém, atualmente conta com 30. Destes, somente 10 participaram da atividade proposta e entregaram os termos constando autorização conforme exigência do Conselho de Ética e Pesquisa – CEP, esta, até o momento foi a maior dificuldade encontrada em toda a pesquisa, pois houve muita morosidade nas assinaturas dos respectivos termos.

3.6 1º Círculo

O primeiro dia de círculo teve como objetivo apresentar o projeto, a metodologia adotada nos círculos de construção de paz e ouvir dos estudantes colaboradores o que entendem ser o fenômeno *bullying*. Estando os estudantes em formato circular ao redor da peça de centro e com o objeto da palavra em mãos, sem nenhuma cadeira vazia entre os participantes, foi feita a abertura com acolhimento para o grupo ficar à vontade seguida da explicação da metodologia, sua dinâmica e reapresentação do tema principal a ser abordado, qual seja, *bullying*. Em continuidade, aconteceu a etapa de *check-in* e/ou apresentação, em que cada estudante falou de si, trazendo um sentimento, uma necessidade, uma emoção. Inicialmente o grupo estava um pouco desconfortável, mesmo já tendo mais de 8 meses de aulas. O início das atividades se deu de forma a acolher os participantes e deixá-los à vontade para expressar a partir de suas próprias histórias e vivências, enfatizando sempre um olhar positivo sobre suas experiências. Esse momento permitiu aos participantes um olhar internalizado e, sobretudo, uma afirmação positiva de si mesmos. Desse momento surgiram palavras como amor, empatia, respeito, alegria, fé e afeto.

Em continuidade, os participantes apresentam os valores que são importantes para eles e para aqueles que eles querem trazer para o diálogo, aprendidos ao longo de suas vivências, tais como respeito, honra, paciência, amor, humildade.

A partir de então, o grupo passa a estabelecer as diretrizes e/ou combinados, que são construções do grupo para que todos se sintam bem, à vontade e confortáveis no ambiente circular. Sobre esta etapa em particular, Pranis (2010) frisa a importância de quatro itens para o desenvolvimento do círculo: respeitar o objeto da palavra, falar

em primeira pessoa, manter o sigilo e não julgar¹. Os participantes acrescentaram também que todos deveriam evitar distrações, tais como celulares ou outros eletrônicos e evitar ficar entrando e saindo da sala durante a atividade e houve concordância do grupo.

Ficou claro aos participantes que as etapas construção de valores e construção de diretrizes/combinados seria necessário realizar apenas no primeiro dia de círculo, pois nos próximos o grupo continuaria sendo o mesmo, carecendo apenas de rememorar as definições estabelecidas anteriormente. Logo após, inicia-se a etapa é a contação de histórias, o ápice do círculo, pois aborda o assunto principal, porém considerando a delicadeza do mesmo, ou seja, o “*bullying*”, optou-se por abordar a história de vida dos estudantes, momento riquíssimo, pois os participantes demonstraram diversos aspectos desconhecidos para a maioria dos colegas.

Reafirmando Pranis (2010, p. 56-57) “Os círculos são processos de contação de histórias [...]. Abrindo nossa história individual aos outros, permitimos que eles se liguem a nós, encontrando pontos em comum conosco e nos conhecendo melhor”, essa experiência circular trouxe a confirmação de que os estudantes foram sensibilizados pelas histórias de seus pares, afinal “o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade” (DAYRELL, 2003, p. 42).

O roteiro para realização do círculo é flexível, deve indicar apenas um direcionamento ao diálogo e, neste encontro, as particularidades dos participantes foi explorada além do que propunha o roteiro. E, quando o grupo estava mais à vontade, mais desenvolvido, o assunto *bullying* foi abordado na perspectiva de coletar o conhecimento dos estudantes sobre esse tema com a seguinte indagação: O que você compreende por *bullying*?

Após as verbalizações em resposta ao questionamento, realiza-se o *check-out* / finalização, frisando a aprendizagem pessoal relacionada a experiência circular e temática. Em seguida, a cerimônia de encerramento, reafirmando a interconectividade do grupo e o retorno para o espaço de suas vivências.

¹ Ao respeitar o objeto da palavra, reconhecemos a importância de dar atenção e consideração ao que está sendo comunicado, evitando distorções, interpretações equivocadas ou desrespeitosas. Falar em primeira pessoa significa falar apenas de minhas experiências. Manter o sigilo está relacionada a honrar a privacidade. Não julgar tem a ver com empatia, propiciando espaço confortável para os participantes.

3.7 2º Círculo

O segundo dia do círculo objetivou auxiliar na identificação dos personagens do *bullying*, aumentar a capacidade de reconhecer os tipos e as consequências dessa agressão. Seguindo com a metodologia do círculo e atendendo ao passo-a-passo com os elementos essenciais do círculo, inicia-se com a abertura, seguida do *check-in*, de forma a deixar os estudantes à vontade no espaço e, sobretudo, trazendo reflexão e aspectos da rotina pessoal. Novamente foi enfatizado que devido ao grupo ser o mesmo do encontro anterior, não haveria necessidade de abordar as etapas construção de valores e construção de diretrizes/combinados, apenas retomar os acordos estabelecidos anteriormente.

As rodadas de conversas abordaram: O que você acha que leva uma pessoa a praticar ou sofrer *bullying*? Você presencia um caso de *bullying*. O que diria ao agressor? Conte uma experiência sua ou de um conhecido que tenha sofrido *bullying*. Você sabe como são tratados os casos de *bullying* na escola? Eu sou muito bom e relatarem o motivo, associando às vivências de cada um.

O momento foi emocionante, pois houve compartilhamento de algumas experiências enquanto vítimas de *bullying* e, sobretudo, houve acolhimento pelos colegas em forma de silêncio e abraços sem, contudo, atrapalhar a dinâmica do círculo. Em momentos como este, o facilitador intervém apenas quando percebe que os sentimentos não são acolhidos pelo grupo, não havendo nenhuma manifestação de carinho, amizade e companheirismo, não foi o caso. Pranis (2010) ao enfatizar a importância do “facilitador ou guardião”, ou seja, o condutor do círculo, afirma

Ele supervisiona a qualidade do espaço e estimula as reflexões do grupo através de perguntas ou pautas. O guardião não controla as questões a serem levantadas pelo grupo, nem tenta conduzi-lo na direção de determinada conclusão, mas pode intervir para zelar pela qualidade da interação grupal (PRANIS, 2010, p. 26-27).

Em casos de as emoções aflorarem, a pausa, o silêncio e o acolhimento dos sentimentos entre os participantes demonstra sensibilidade e conexão grupal. Assim como no encontro anterior, após as rodadas de conversas, aconteceu o check-out / finalização como forma de avaliar o momento com uma palavra, seguida da cerimônia de encerramento em forma de despedida grupal.

3.8 3º Círculo

No terceiro dia de círculo teve-se como objetivo: Refletir a respeito de comportamento de *bullying* e nosso papel enquanto cidadãos na prevenção dessa violência. Os estudantes já estavam muito familiarizados com a metodologia e, principalmente, respeitando a fala dos colegas e escutando com atenção os relatos dos colegas. Após os elementos iniciais de cerimônia de abertura e check-in, a pergunta inicial para contação de histórias foi: Você já participou de algum evento sobre a temática *bullying* na escola? (referindo-se ao IFTO). Esta pergunta, de certa forma, também tem o objetivo de colher informações a partir dos estudantes sobre a conscientização, prevenção, diagnose e combate ao *bullying*, responsabilidade atribuída aos estabelecimentos de ensino no artigo 5º da Lei Nacional Nº 13.185 de 2015.

As demais rodadas de conversas foram: Que ações poderiam ajudar na conscientização dos males causados pelo *bullying*, podendo diminuir esse tipo de violência? Enquanto cidadão, ser humano conhecedor dessa violência e das consequências deixadas por ela, como agir diante de uma situação de *bullying*? Como ser agente de prevenção ao *bullying* ou outras formas de violência?

O *check-out* / finalização desafiou os estudantes a se posicionarem como agentes de prevenção ao *bullying*, momento riquíssimo, pois os mesmos refletiram sobre a realidade e se posicionaram positivamente. A cerimônia de encerramento, agregou agradecimentos e despedidas do momento e da realização da pesquisa, uma vez que o mesmo previa apenas três círculos.

Especificamente, por este ser um Mestrado Profissional, o produto educacional materializado foi um caderno de atividades, intitulado “Círculos de Construção de Paz: um caminho possível rumo à prevenção ao *bullying*”. O mesmo se enquadra na categoria materiais textuais e contém informações conceituais e orientações claras e acessíveis sobre os círculos de construção de paz e seu desenvolvimento, possibilitando a perfeita condução da metodologia por professores, coordenadores, orientadores, psicólogos ou demais profissionais que tenham interesse. O caderno contém ainda perguntas e respostas sobre o tema abordado nos círculos, o *bullying*, a partir de artigos científicos. Consta ainda depoimentos dos estudantes sobre a experiência com a referida metodologia. O produto educacional poderá ser aplicado

na Educação Profissional e Tecnológica, modalidade de ensino em que a pesquisa foi desenvolvida ou, em qualquer espaço que tenha pessoas. O produto educacional tem o objetivo comum de possibilitar o acesso ao conhecimento e, assim, possibilitar a transformação da realidade social em que vivem.

4 ANÁLISE DOS DADOS (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

Ratificando a importância da análise dos dados numa pesquisa, frisa-se que a mesma desempenha extremamente importante na interpretação e na compreensão dos resultados da pesquisa. Ela permite a identificação de insights e padrões que podem fornecer respostas às questões de pesquisa, bem como gerar novas perguntas e direcionamentos para estudos futuros.

A partir da análise do corpus da pesquisa, foram elencadas 3 categorias: *Bullying*, um fenômeno complexo e multifacetado, Estratégias de prevenção e intervenção no combate ao *bullying* e Ser agente de prevenção ao *bullying*, analisadas a seguir e com objetivo de contribuir para a geração de conhecimento.

4.1 *Bullying*, um fenômeno complexo e multifacetado

O *bullying* como fenômeno complexo e multifacetado envolve interações sociais prejudiciais, repetitivas e de difícil identificação, ocorrendo em contextos escolares. Suas manifestações podem variar desde agressões físicas e verbais até a exclusão social e o uso de tecnologias digitais para assediar ou difamar indivíduos. Além disso, o *bullying* pode assumir diferentes formas, como *bullying* direto, em que o agressor tem como alvo uma vítima específica, ou *bullying* indireto, em que ocorre a disseminação de rumores ou a exclusão em grupo.

O *bullying* também é influenciado por diversos fatores, incluindo características individuais dos envolvidos, dinâmicas sociais, influências culturais e contextos institucionais. Aspectos como a personalidade dos agressores, o clima escolar, a educação familiar, as normas sociais e as desigualdades socioeconômicas podem desempenhar um papel significativo na ocorrência e perpetuação do *bullying*. Além disso, as consequências do *bullying* podem ser profundas, afetando negativamente a saúde mental, o bem-estar emocional e o desempenho acadêmico das vítimas, além de ter um impacto mais amplo na coesão social e no clima geral de segurança e respeito.

A partir das verbalizações dos estudantes respondentes da pesquisa demonstram ter conhecimento e vivência da temática, pois fizeram relação do tema com o conceito e os tipos específicos de *bullying* a apresentados na Lei Nacional nº 13.185/2015, quais sejam: verbal, moral, social, psicológica e física conforme pode

ser verificado no quadro abaixo:

Quadro 7 - O que você compreende por *bullying*?

Estudantes	Respostas
E1	É uma falta de amor ao próximo. No caso é uma ofensa que vai abalar o encorajamento da pessoa.
E2	Uma forma de violência com alguém.
E3	É uma ofensa pra outra pessoa.
E4	É uma forma de atingir uma pessoa, falar coisas que desagrada ela. Eu acho que faz isso só uma pessoa que não tem sentimento, nem coração porque vê a pessoa de cabeça baixa sofrendo e ao invés de dar a mão, faz é criticar e apontar defeitos.
E5	É uma forma de a pessoa atingir alguém, ameaçar, a pessoa se sentir melhor que alguém, criticar a pessoa, deixar ela pra baixo porque muitas vezes é por causa da aparência.
E6	É violência verbal e começa a partir do momento que você faz uma brincadeira que a pessoa não gosta. Eu, particularmente tive uma infância muito conturbada devido ao <i>bullying</i> . Eu tive problemas psicológicos, até hoje trato deles e... pra mim tem marcas muito grande na minha vida. Até hoje lido com as consequências dele, até hoje eu vejo em ambientes escolares, e eu acho uma experiência muito dolorosa. Me acompanhou, me acompanha em todo o processo escolar que tive e não é uma coisa muito boa, não desejo pra ninguém, e isso gera sérias consequências.
E7	Pra mim é agredir e xingar alguém por causa de alguma coisa que não gostou.
E8	É falar mal de alguém por causa de alguma coisa que não agrada pra deixar a pessoa triste, pra baixo e se sentindo mal.

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com a classificação do *bullying* a partir da Lei Nacional nº 13.185/2015, apenas os tipos sexual, material e virtual não foram mencionadas nas verbalizações dos estudantes, talvez menos recorrentes entre os mesmos. A partir das respostas no quadro acima, os termos violência e sofrimento representam de forma reducionista a compreensão dos estudantes sobre o *bullying*, as quais estão relacionadas à definição de *bullying* enfatizados por Fante (2018), ou seja, conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos. Todas as respostas dos estudantes, sem exceção, frisaram a violência, no entanto, o sofrimento foi abordado apenas pelos E1, E4, E5, E6 e E8, estes, em suas respostas, vão além do que é solicitado no questionamento inicial. Especificamente, o (a) E6 faz questão de mencionar sua experiência pessoal trazendo à conversa seu problema, sua luta e, sua superação: “*Eu tive problemas psicológicos, até hoje trato deles*”, o que nos remete aos estudos de Fante (2018) que apontam que as crianças vitimizadas tendem a apresentar maiores problemas afetivos e de comportamento, como depressão, ansiedade e suicídio.

Daí a importância da realização de círculos no ambiente escolar e recorre-se a

Pranis (2010, p. 57) especificamente sobre a etapa de contação de histórias, pois ela afirma

[...] é um processo de reflexão sobre nós mesmos. Ao contar nossa própria história, se esclarece o nosso modo pessoal de compreender aquilo que nos aconteceu, por que e como aquilo nos afetou, e como vemos a nós mesmos e aos outros.

Este é um aspecto evidenciado no relato do (a) E6. O sofrimento é evidenciado também quando é solicitado dos estudantes compartilhar uma experiência sua ou de um conhecido que tenha sofrido *bullying*.

Quadro 8 - Compartilhamento de experiências de *bullying*

Estudantes	Respostas
E1	Esse ano eu já sofri <i>bullying</i> , os colegas presenciaram, foi inclusive uma pessoa dessa turma. Isso me abalou um pouco psicologicamente. Essa pessoa falou mal do meu corpo, falou mal de mim do jeito que eu me comportava e ela falou sobre o jeito que eu trato as outras pessoas...me deixou muito chateada.
E2	Aconteceu <i>bullying</i> comigo já também. A questão do meu sobrenome ser ... Quando eu estudava o 5º ano, os colegas ficavam me atentando, mas agora sinto é feliz por ter um sobrenome diferente dos outros, o que me torna diferente. Não foi bom, ficava zangado, mas passei e hoje sou feliz com meu sobrenome.
E3	Uma vez eu fui num parque e só podia brincar no brinquedo quem tinha 1 metro e meio, as pessoas riram de mim, aí pensei vou comprar uma arma pra atirar nesses desgraçados, mas passou a gente vai se acostumando (houve descontração nesse momento...o estudante falava com superação - grifo do autor).
E4	Eu sofri <i>bullying</i> por causa da minha cor, por causa de usar óculos e antes eu tinha uma turma me chamava de burra e tal... e quando eu chegava em casa eu me mutilava, ficava toda cortada.
E5	Eu particularmente sofro <i>bullying</i> até hoje pelos meus próprios familiares. Eu não levo a sério tanto que eu evito, mas até hoje sou chamada de várias coisas por conta do meu cabelo, da minha cor, do meu tamanho, do tempo que eu era bem mais gorda.
E6	Até hoje sofro <i>bullying</i> . Nesse ano nessa sala teve um caso de <i>bullying</i> , um não, vários... sempre fui zoada porque eu nunca tive muito tamanho e eu sempre fui gordinha. Eu acho que eu sou proporcional. E assim, quando eu era mais nova, eu não era bem desenvolvida, então eu era bem mais cheinha. Nossa! Gente, como eu sofria com isso. Teve uma vez que... nossa! Acho que é o mais marcado pra mim. A gente tava indo pra uma aula de natação, normal. E a gente tava subindo nas escadinhas, só que a escada não tinha proteção dos lados... e aí um menino me empurrou e eu caí e uma menina que eu considerava minha amiga falou assim: sentiram o terremoto? Gente sabe o que era a turma inteira e as pessoas que estavam passando olhar pra mim e rir? E gente, nossa senhora, só de falar já morri... é uma coisa assim que levo pra minha vida inteira e acho que nunca vou esquecer esse acontecimento. Esse ano já teve um caso eu tava na aula de natação e ouvi comentários sobre o meu corpo... coisas assim eu me pergunto como uma pessoa na faculdade que se diz respeitador(a) como consegue falar uma coisa dessa, gente, nossa senhora. Eu tive muita coisa, já tive início de depressão, tenho ansiedade, tive início de anorexia e são marcas até hoje.

E7	Eu nunca tive, mas quando eu era moleque, os meninos me apelidavam, mas todo mundo era inocente. Eu tenho apelido, pode chamar, não tô nem aí simplesmente.
----	---

Fonte: elaborado pela autora.

Das sete experiências acima compartilhadas, quase a totalidade afirma ter sofrido ou ainda sofrer com *bullying*, apenas 2 (dois) estudantes, os (as) E3 e E7 não se encaixam nesse perfil, apesar de seus relatos mencionarem características de *bullying*: E3: “Uma vez [...], as pessoas riram de mim” e E7: “meninos me apelidavam [...] não tô nem aí”. Estes para se caracterizarem nesse formato de violência de acordo com Fante (2018) deveriam ser repetitivos e não apenas uma vez como relata o (a) E3, e ainda necessita causar na vítima intimidações, porém isso não ocorreu com o (a) E7. Os (as) demais estudantes, além de trazerem as suas experiências, acrescentam o “sofrimento” como consequência do *bullying*, nas mais diversas formas, que se elenca como categoria e recorre-se a Fante (2018) quando frisa que

As consequências da conduta do *bullying* afetam todos os envolvidos e em todos os níveis, porém especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar. Pode trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de filhos, além de acarretar prejuízos para a sua saúde física e mental (FANTE, 2018, p. 78-79).

As consequências do *bullying* não param por aí, Fante (2018) complementa

Dependendo da intensidade do sofrimento vivido em consequência do *bullying*, a vítima poderá desenvolver reações intra-psíquicas, com sintomatologias de natureza psicossomática: enurese, taquicardia, sudorese, insônia, cefaleia, dor epigástrica, bloqueio dos pensamentos e do raciocínio, ansiedade, estresse e depressão, pensamentos de vingança e de suicídio, bem como reações extra-psíquicas, expressas por agressividade, impulsividade, hiperatividade e abuso de substâncias químicas (FANTE, 2018, p. 80).

Não resta dúvidas, trata-se de um assunto delicado e que requer de todos uma atenção mais que especial, pois certamente não é fácil uma pessoa afetada por qualquer das consequências mencionadas, livrar-se das mesmas ou de várias, principalmente se não tem conhecimento, orientação, apoio ou mesmo condições emocionais e financeiras para enfrentamento do problema.

Assim como os estudantes, os profissionais compartilharam seus conhecimentos a respeito do *bullying*, reafirmando termos utilizados pelos estudantes

conforme pode ser verificado.

Quadro 9 - Questão 1: Em termos profissionais, quais suas considerações sobre o tema *bullying*?

Profissional	Resposta
P1	É um problema a ser combatido na sociedade atual.
P2	<i>Bullying</i> é extremamente prejudicial ao desenvolvimento do aluno, em especial na fase da infância e adolescência. Estudos comprovam que casos de <i>bullying</i> estão diretamente relacionados a casos depressivos, causando transtornos e prejuízos emocionais graves ao desenvolvimento do indivíduo. Como educadores precisamos estar atentos a essas situações e nos dispor a combater e a informar sobre o respeito no ambiente, sem fazer vista grossa. Algumas pessoas são mais frágeis que outras e cabe a todos nós ter empatia para respeitar as diferenças e as diferentes formas de expressão que fogem ao “padrão” imposto pela sociedade.
P3	O <i>Bullying</i> é uma forma de violência social que pode causar sérios danos psicológicos e emocionais tanto aos agressores quanto às vítimas. Sendo a prevenção e intervenção precoce muito importantes para minimizar os danos e promover um ambiente de respeito e tolerância.

Fonte: elaborado pela autora.

Todas as respondentes além de trazerem a definição sobre o *bullying* acrescentam informações relacionadas ao que a literatura e a própria lei de combate ao problema apresenta, ou seja, um problema extremamente prejudicial e que causa diversos tipos de danos, carecendo, portanto, de combater. Reforçam os termos “violência” e “sofrimento” elencadas anteriormente pelos estudantes, bem como a ocorrência dos mesmos estarem associados ao “ser diferente” como mencionado pela P2 “respeitar as diferenças e as diferentes formas de expressão que fogem ao “padrão imposto pela sociedade” e, para além dessa responsabilidade que é de todos (a)s, as P2 e P3 apresentam o “respeito” que na compreensão de Jares (2008, p. 31) “é uma qualidade básica e imprescindível que fundamenta a convivência democrática em um plano de igualdade e contém implícita a ideia de dignidade humana”.

A respeito da prática de *bullying*, apenas uma profissional afirma ter presenciado e, prontamente, já menciona ter recorrido à tentativa de conscientização a respeito das diferenças e da importância do respeito em ambiente coletivo. “Conscientização”, o caminho mais viável rumo à boa convivência, à cidadania democrática e, sobretudo, à resolução e prevenção de conflitos em meio a ideologia neoliberal no âmbito educacional. Jares (2008) ressalta a importância do profissional orientador, pois para ele “A função do orientador é cada vez mais importante para a educação e ocupa um lugar preferencial na aprendizagem da convivência” (JARES, 2008, p. 138).

Quadro 10 - Você já presenciou práticas de Bullying entre os educandos em qualquer de suas formas? Se já presenciou, qual foi sua reação?

Profissional	Resposta
P1	Não presenciei, fui comunicada.
P2	Sim, já presenciei estudantes rindo e ressaltando alguma característica diferente do colega como algo “engraçado”. Deixei claro que era uma atitude errada e desrespeitosa com o colega, que todos temos algum ponto fraco e que apesar disso devemos nos respeitar e ressaltar as qualidades, e que o principal é o caráter.
P3	Nunca presenciei qualquer forma de <i>bullying</i> entre educandos.

Fonte: elaborado pela autora.

Especificamente, sobre a existência do problema na instituição, todas as profissionais tem ciência da ocorrência de *bullying*, no entanto, suas respostas contrapõem aos relatos dos estudantes conforme quadro a seguir.

Quadro 11 - No desenvolvimento de sua função, já identificou se na escola há registro de ocorrências de bullying? Se sim, qual a frequência?

Profissional	Resposta
P1	Sim. Situações isoladas, não muito frequente, mas ocorre.
P2	Sim. O <i>bullying</i> no Campus Araguatins do IFTO é uma prática que está em constante queda, devido sua política de tolerância zero, em conformidade com a sua Organização Didático-Pedagógica.
P3	Sim, a frequência dos casos identificados pela Psicologia é moderada.

Fonte: elaborado pela autora.

Como pode-se verificar, todas as respostas são coerentes com os relatos dos estudantes contidas no quadro 8, confirmando os casos, porém é necessário trazermos à reflexão que o referido quadro 8, traz 7 respostas, das quais 5 estudantes afirmam ter sido vítima de *bullying*. É necessário destacar também que a turma em que a pesquisa foi desenvolvida conta com 30 estudantes matriculados, dos quais apenas 10 foram ouvidos, o que nos leva a refletir que há uma ligeira diferença entre as quantidades de ocorrências de *bullying* que chegam ao conhecimento dos profissionais e a quantidade de *bullying* de fato, já que os profissionais afirmam que o número é pequeno de *bullying*. Em contraposição, os estudantes demonstram o oposto, considerando a quantidade de respondentes com a amplitude do campus. Essa situação nos remete aos dizeres de Fante (2018) quando afirma que o *bullying* se apresenta de forma velada, disfarçada. Ficou evidente ainda que parece não haver um controle rígido e sistemático sobre a periodicidade das ocorrências de *bullying*.

Para além das compreensões iniciais dos participantes da pesquisa, abordam a “falta de respeito” relacionada ao agressor de *bullying*, bem como “ser diferente”,

relacionada à vítima quando são conduzidos a refletir sobre os motivos de uma pessoa agredir ou ser agredido.

Quadro 12 - O que você acha que leva uma pessoa a praticar ou sofrer *bullying*?

Estudantes	Respostas
E1	Começa com achar diferente... começa com brincadeiras e não sabe a hora de parar... Sofrer <i>bullying</i> , ser estranho, diferente dos outros ninguém escolhe, acontece e muda sua vida.
E2	Pra mim é gente ruim mesmo que pratica essa violência e faz questão de chamar atenção pras características de outras pessoas que simplesmente não gosta. Talvez quem mais sofre com isso é porque também não aprendeu ainda que cada pessoa é diferente da outra, não sei não, mas é sério...
E3	Começa em casa com pais, parentes... às vezes a pessoa não tem intenção de praticar o <i>bullying</i> e isso causa entretenimento, vontade de querer aparecer, fazer graça, de querer ser o motivo das risadas ou aquele sentimento de afetar a outra pessoa, aí isso vai fazendo a pessoa se achar engraçada e vai crescendo e fazendo o inferno na vida do outro. Gente do céu acho que ninguém quer ser motivo de graça e piada não, mas infelizmente nem todo mundo entendeu que somos diferentes uns dos outros e precisamos de apoio e ajuda para tá bem e feliz.
E4	A pessoa se achar melhor do que as outras pessoas, fazendo graça, piada. E quem sofre tem uma ou várias coisas que não é comum ou não é o modelo ideal. Isso é estranho porque todo mundo é diferente, mas não quer dizer que os outros podem fazer o que quiser não é?
E5	A pessoa não ter amor ao próximo, porque se tivesse amor não conseguiria enxergar defeito no outro, mesmo o outro tendo defeito. Até porque todos somos filhos de Deus e pra Deus não existe diferente.
E6	A pessoa que faz <i>bullying</i> quer fazer brincadeira expondo os defeitos ou o que acha que é defeito, ou estranho, ou que não agrada... é triste ver que tem gente que acha que ser diferente é motivo pra piadas e gozação. Geralmente quem sofre com <i>bullying</i> é diferente daquilo que a maioria acha bonito ou bom, por exemplo, a pessoa é mais cheinha, bem alta ou baixinha, usa óculos ou até mesmo a que tem dificuldade de aprender os conteúdos na sala e os gays também sofrem com isso, é muita coisa.
E7	Começa quando a pessoa enxergar a diferença da outra pessoa e não respeita essa diferença. Começa em casa e às vezes essa pessoa já sofreu também por ser diferente, mas não aprendeu e prefere descontar nos outros.

Fonte: elaborado pela autora.

Os estudantes associaram com o que a literatura aponta como causas relacionadas ao agressor de *bullying* que segundo Fante (2018, p. 73) “Ele sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça e de conseguir aquilo a que se propõe... é considerado malvado, duro e mostra pouca simpatia para com suas vítimas”, como pode ser confirmado pelas verbalizações de todos os estudantes, e, mais claramente nos (as) E2, E3, E4, E5 e E7. Pode-se ainda relacionar o aspecto “diferente” mencionados por todos os estudantes, se referindo às vítimas de *bullying*, ao que Felizardo (2017, p. 56-57) pontua e já foi mencionado anteriormente, ou seja,

Geralmente apresenta uma dessas características: peso acima ou abaixo do ideal; físico frágil; estatura muito pequena ou muito grande; problemas de visão; deficiência física; muitas espinhas; cabelo enrolado, espetado ou colorido artificialmente; cor da pele diferente da dos demais; irmão gêmeo; notas altas; muita beleza; usa ou não roupas de marca, da moda, importadas; o poder aquisitivo dos pais é alto ou baixo; modo de falar diferente; introversão; falta de habilidade para se impor; baixa autoestima; traços diferentes do padrão nos aspectos social, de sexo, cultural, étnico e religioso.

Corroborando com esse mesmo pensamento Maldonado (2011, p. 18) diz “Os alvos preferidos são os negros, os homossexuais, os que apresentam características fora dos padrões de beleza e os portadores de necessidades especiais”, portanto, os diferentes.

Em suma, a falta de respeito, bem como as atitudes do agressor nos remetem aos escritos de Jares (2008, p. 31) quando o mesmo afirma “se há falta o respeito, a convivência torna-se impossível ou, ao menos, se transforma em um tipo de convivência violenta e não democrática”. É nesta realidade que os estudantes estão inseridos, realidade esta que Jares (2002, 2007, 2008) defende que necessita ser mudada.

Evidencia-se ainda que entre os estudantes há uma curiosidade de saber o “real motivo” do agressor de *bullying* ter atitudes violentas, ou seja, as causas, qual a necessidade de causar humilhação, medo, dentre outros sentimentos em suas vítimas, enfatizado pelos respondentes E1, E4 e E5.

Quadro 13 - Você presencia um caso de bullying. O que diria ao agressor?

Estudantes	Respostas
E1	Eu perguntaria qual a necessidade dela de tentar outra pessoa naquele nível.
E2	Eu não sei se teria coragem de falar com a pessoa porque sou agitada e poderia gerar uma briga.
E3	Presenciei... A pessoa humilhou não só na sala. Fiquei com medo, foi horrível, não disse e nem fiz nada, mas penso que poderia ter feito algo, coisa de doido como sair gritando sobre o que tava acontecendo. Agora sei que não fazer nada é dar apoio.
E4	Depende da situação. Se for sobre uma pessoa que eu amo e que tem importância pra mim, eu pego a primeira coisa que tiver na frente e tacho. Agora se for uma pessoa que eu não conheço, eu pergunto qual a necessidade, pergunto o que tá acontecendo com ela porque o <i>bullying</i> muitas vezes é levado por um sentimento ruim do agressor. Perguntaria como tá o dia dele, se tinha acontecido alguma coisa, o que levou a cometer aquele ato.
E5	Perguntaria pra pessoa qual a necessidade de fazer aquilo

Fonte: elaborado pela autora.

Para Lopes Neto (2011, p. 49)

Não há uma causa única que determine a prática de *bullying* nas escolas. Um grande número de diferentes fatores pode conduzir um estudante a se tornar autor de *bullying*. Entretanto, algumas crianças e adolescentes, que vivem em condições familiares adversas, parecem ter maior predisposição para desenvolver a agressividade.

Além da predisposição apontada pelo autor, acrescenta fatores de risco para tal comportamento e segundo ele

[...] podem ser destacados a falta de afetividade e de envolvimento dos pais, o excesso de tolerância ou permissividade (falta de limites) em relação ao comportamento agressivo, a ausência ou perda de um ou de ambos os pais, os atos de *bullying* em casa e a afirmação de poder familiar pela prática de maus tratos físicos ou de explosões emocionais violentas (violência doméstica) (LOPES NETO, 2011, p. 49).

Diante da diversidade de possibilidades para as possíveis causas para as práticas de *bullying*, é interessante a abordagem de Zehr (2008, 2015), de Rosenberg (2006) e, sobretudo de Jares (2002, 2007, 2008) na perspectiva de se obter uma educação que combata o conflito, a violência e promova a paz.

Destaca-se ainda que o típico comportamento de devolver a agressão em forma de agressão é presente nos pensamentos de alguns estudantes, a exemplo, o (a) E4 quando diz “*eu pego a primeira coisa que tiver na frente e taco*”, no sentido de defender o (a) amigo (a) vítima de *bullying*. Aparentemente pode parecer a atitude certa, no entanto, Zehr (2008) propõe justamente um olhar diferenciado para o agressor de forma a tentar compreender os motivos pelos quais cometeu determinada agressão, embora sua análise aconteça em âmbito criminal, pode-se trazer a discussão para o tema em análise, pois trata-se de uma forma de violência que, se não for identificada e tratada ou, pelo menos amenizada, desembocará no sistema judiciário, mas até chegar nesse espaço, a escola é o local das manifestações violentas.

Esse mesmo autor ao abordar o tema Justiça Restaurativa aponta a necessidade de tratar não somente os danos, mas também as causas. Nesse sentido, afirma

Se é necessário tratar dos danos e das causas, é preciso examinar os danos que o próprio ofensor sofreu. Pesquisas mostram que muitos dos que causam ofensas foram, eles mesmos, vítimas de traumas significativos. Muitos deles se percebem como vítimas mesmo que não tenham sido diretamente atingidos. Os males sofridos ou percebidos podem ter contribuído de modo importante para dar origem ao crime (ZEHR, 2015, p. 47).

Nesse mesmo entendimento, Rosenberg (2006) propõe o uso da abordagem criada por ele e denominada Comunicação Não-Violenta - CNV, um processo de comunicação que tem quatro componentes básicos: observação, sentimento, necessidades e pedido. Para este autor “o primeiro componente da CNV é observar sem avaliar; o segundo é expressar como nos sentimos”. ROSENBERG (2006, p.63). Sobre os demais elementos, assegura

Com esse terceiro componente, somos levados a aceitar a responsabilidade pelo que fazemos para gerar os nossos próprios sentimentos [...]. Finalmente, uma quarta opção, ao reconhecermos uma mensagem negativa, seria virar o foco para a consciência dos sentimentos e necessidades da outra pessoa (ROSENBERG, 2006, p. 79-80).

Em outras palavras, a CNV contribui para os relacionamentos de um modo geral, pois o mesmo está baseado na sinceridade e na empatia. O (A) estudante E3 traz à discussão um outro personagem importante do *bullying* quando verbalizou “não disse e nem fiz nada”, qual seja, a figura do espectador. Este, para Felizardo (2017, p. 16)

São estudantes que veem o *bullying* acontecer e não ajudam a vítima e nem ficam ao lado do agressor. Nessa situação sentem medo, impotência para agir e culpa por não agir; são tentados a participar, mas não tomam partido pelo agressor, com medo de serem as próximas vítimas, e assim reforçam as atitudes dele.

Confirmando o posicionamento de Felizardo (2017), o (a) E3, manifestou o sentimento de medo e culpa conforme pode ser verificado em suas falas: “*Fiquei com medo, foi horrível*” e “*penso que poderia ter feito algo*”. Para Lopes Neto (2011, p. 57) “o silêncio é considerado como uma manifestação de apoio aos autores de *bullying*”, a figura do espectador, de certa forma, reforça as atitudes do agressor e representa medo de se tornar a próxima vítima dessa violência que afeta a tantos. Convictos da existência de *bullying*, há necessidade de esforço conjuntos no acompanhamento,

tratamento e, concomitante, prevenir episódios posteriores.

4.2 Estratégias de prevenção e intervenção no combate ao *bullying*

As estratégias de prevenção e intervenção são abordagens e ações adotadas para combater o *bullying* e promover um ambiente seguro e respeitoso. As estratégias de prevenção visam identificar e abordar os fatores de risco que contribuem para a ocorrência do *bullying*, promovendo a conscientização, a educação e a formação de habilidades sociais e emocionais. Isso pode incluir programas de conscientização, treinamentos para educadores, criação de políticas antibullying, promoção da empatia e da inclusão, além de estabelecimento de canais de denúncia e suporte adequado para as vítimas. Já as estratégias de intervenção são voltadas para agir diante de casos de *bullying* já ocorridos, buscando interromper o ciclo de violência, oferecer suporte às vítimas e responsabilizar os agressores. Isso pode envolver medidas disciplinares, mediação de conflitos, apoio psicossocial às vítimas e orientação para os agressores, com o objetivo de promover a mudança de comportamento e prevenir futuras ocorrências de *bullying*.

Quando indagados sobre este assunto, a maioria dos estudantes respondentes desconhece como acontece o acompanhamento institucional em casos de ocorrência de *bullying*, conforme Quadro 14.

Quadro 14 - Você sabe como são tratados os casos de bullying na escola?

Estudantes	Respostas
E1	Não sei como funciona, mas sei que tem psicóloga pra atender a gente, mas não recebi esse atendimento.
E2	Não sei como acontece esse atendimento, só sei que podemos contar com alguns profissionais. Não falei de meus problemas com pessoal daqui.
E3	No campus tem Orientador e Psicólogo, nesses casos, eles ajudam, embora eu não tenha procurado.
E4	Não sei não oh!
E5	Não sei como isso funciona não.
E6	Não sei explicar, mas tem o auxílio ao estudante, deve ser por aí.
E7	Gente tem também a coordenadora do curso, acho que também pode ajudar.
E8	Não sei se tem esse atendimento e também não precisei.
E9	Se tem esse serviço pro aluno, não tô sabendo como é.

Fonte: elaborado pela autora.

Apenas os (as) estudantes E1, E3 e E7 demonstraram ter o mínimo de conhecimento sobre como proceder em casos de serem vítimas de algum tipo de

violência, a exemplo, o *bullying*. É interessante destacar que nas verbalizações sobre a experiência com o *bullying*, 7 (sete) estudantes que responderam ao questionamento, 5 (cinco) afirmaram ter sofrido ou ainda sofrer com o *bullying*, no entanto, nenhum foi atendido nessa situação específica, o que nos leva a reafirmar se tratar de um problema de difícil detecção, uma vez que as próprias vítimas não relatam os casos a profissionais, não buscam apoio na escola, tampouco, buscam ajuda. Pode-se enfatizar a “falta de conhecimento” ou, simplesmente “receio da exposição”, considerando que os (as) estudantes E1, E3 e E7, mesmo não tendo buscado ajuda, sabem onde ou por meio de quem consegui-la. O fato é que não é estranho que os estudantes não busquem ajuda em situações de sofrimento, demonstra apenas que a incidência dessa violência é superior aos números que aparecem nas pesquisas.

Embora o desconhecimento dos estudantes seja evidente, para as profissionais está bem claro como é o atendimento aos estudantes conforme aparece nas respostas das mesmas.

Quadro 15 - O artigo 5º da Lei estabelece que “É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (*bullying*)”. O Instituto cumpre esse dispositivo legal? Se sim, de que forma?

Profissional	Resposta
P1	Sim. Com conversas por turma e individuais, quando necessário.
P2	Sim. O Instituto possui regulamento que dispõe sobre a organização didático-pedagógica dos seus cursos de ensino técnicos de nível médio e profissionalizantes e cursos de graduação. Neste documento, dentre outros assuntos, estabelece os direitos e deveres dos estudantes. No artigo 240, por exemplo, trata das vedações ao corpo discente, e descreve das vedações do corpo discente “cometer <i>bullying</i> nas dependências do Campus”. Ao descumprir esse dispositivo, o estudante está passível de sanções disciplinares de acordo com as condições da gravidade do caso. Há semestralmente um Acolhimento feito com os estudantes novatos e veteranos, onde é apresentado o tema <i>bullying</i> e há previsto em calendário escolar eventos que dentre outros objetivos, como a de entrosamento entre as turmas e trazem situações que servem de reflexão para fazerem os estudantes lembrarem e refletir sobre o tema.
P3	Sim, educando a comunidade escolar sobre os efeitos negativos do <i>bullying</i> e como combater esse comportamento; supervisionando e monitorando; disponibilizando acolhimento psicológico tanto aos agressores quanto às vítimas; realizando punições apropriadas e medidas disciplinares aos agressores, entre outros.

Fonte: elaborado pela autora.

A resposta das três profissionais foi unânime quanto ao cumprimento da norma legal pelo Instituto, todas consideram o devido cumprimento. Em relação à forma, as respostas se complementaram, pois, a P1 menciona conversas, a P2 cita eventos e a P3 supervisão e monitoramento e as P2 e P3 falam do acolhimento. Todos os tipos

apresentados contribuem com o processo de conhecimento e, conseqüentemente, conseqüentemente com a conscientização. Podem ser somados a estes o rol apresentado pelos estudantes conforme quadro 18. O “acolhimento”, entendendo que neste podem ser ofertados uma diversidade de eventos, podendo ser os sugerido pelos estudantes.

Em relação ao conhecimento dos estudantes sobre o atendimento a agressores e vítima de *bullying*, os profissionais poderiam considerar a possibilidade de intensificar um pouco mais as referidas atividades e/ou eventos voltados ao tema, uma vez que a maioria dos estudantes demonstra não saber como funciona o atendimento a quem tiver problemas com *bullying* segundo o quadro 14, mesmo alguns tendo participado de palestra voltada ao tema em análise conforme apresenta os respondentes no quadro 17. Outro fator que merece atenção é a “punição”, mencionadas pelas P2 e P3 e vai contra o que as orientações da justiça restaurativa e contra o que propõe Jares, ou seja, seria tratar a violência com violência, remetendo ao conceito tradicional de violência. Na compreensão da CNV, o ideal seria trazer o agressor à reflexão, pois para Rosenberg (2006, p. 205) “A violência vem da crença de que as outras pessoas nos causam sofrimento e, portanto, merecem ser punidas”. Segundo Rosenberg (2006, p. 211), “quando escutamos os sentimentos e necessidade da outra pessoa, reconhecemos nossa humanidade em comum”. Em outras palavras, é necessário que haja empatia de ambos os lados.

Rosenberg (2006, p. 225) é mais enfático sobre as ações punitivas quando afirma que as mesmas

[...] baseiam-se na premissa de que as pessoas fazem coisas ruins porque são más, e de que para corrigir a situação, é preciso fazer que elas se arrependam. Sua ‘correção’ é efetuada através de ações punitivas idealizadas para fazê-las: (1) sofrerem o bastante para perceberem quanto suas ações são erradas; (2) arrependem-se; (3) mudarem. Na prática, porém, é mais provável que em vez de gerarem arrependimento e aprendizado, ações punitivas produzam ressentimento e hostilidade, e que alimentem a resistência o próprio comportamento que estamos buscando.

Zehr (2008) também corrobora com pensamento, a principal justificativa para o surgimento da justiça restaurativa como alternativa ao direito retributivo, pois o mesmo não estava tendo os resultados esperados. Esse pensamento de punição também permeia os pensamentos dos estudantes, a exemplo o E4 conforme consta no quadro

13. Não se pretende afirmar com isso que a punição não deva ser utilizada, mas sim apresentar um modelo alternativo ao conflito e à violência. Como evidência do trabalho institucional preventivo, os profissionais relatam atividades de caráter preventivo ao *bullying*.

Quadro 16 - Você trabalha ou já trabalhou o tema Bullying com os educandos? Se sim, informe a periodicidade e relate a experiência

Profissional	Resposta
P1	Conversas eventuais (docente) e orientação, direção e coordenação.
P2	Sim. No início do ano ou período letivo a temática do <i>bullying</i> é lembrada como algo repudiado pela instituição. Informamos aos estudantes novatos e veteranos que qualquer tipo de desrespeito ou atitude que cause constrangimento não será tolerada e que será penalizada de acordo com a gravidade, e pode ocasionar, entre outras penalidades, até o cancelamento de matrícula.
P3	Sim, não a uma periodicidade exata, mas sempre que um ou mais casos de <i>bullying</i> são identificados é realizada alguma intervenção. Além disso, pelo menos quatro vezes no ano o assunto é trabalhado de forma preventiva. Na minha experiência com o Campus, que se deu de forma presencial a partir de março de 2022, o efeito tem sido positivo, já que os alunos participam e interagem. Além disso, os alunos estão, aos poucos, mais encorajados para relatarem agressões.

Fonte: elaborado pela autora.

Nesta questão, ficou evidente que embora as três profissionais responderam de forma afirmativa tendo trabalhado com os estudantes a temática *bullying*, há uma leve diferença entre os dados informados pela P2 e a P3, o que pode ser compreendido como especificidade de cada área de atuação, a depender da proximidade, é menos ou mais abordado, sendo a periodicidade semestral trimestral de forma preventiva. Esta questão está associada ao quesito “acompanhamento” e “intervenção”, medida adotada pelos profissionais respondentes, em situações de detecção desse tipo de violência entre escolares.

Em ratificação ao dado informado pelas profissionais, os (as) E1, E3, E5, E6 e E8 confirmam que a escola está atendendo a demanda atribuída pela Lei Nacional Nº 13.185 de 2015, não se pretende dizer com isso que um evento é suficiente para atender aos requisitos do artigo 5º da lei, no entanto, é uma confirmação do trabalho realizado e, certamente, evidência de ter alcançado estudantes em suas necessidades, mesmo que de forma tímida.

Quadro 17 - Você já participou de algum evento sobre a temática bullying na escola? (referindo-se ao IFTO)

Estudantes	Respostas
E1	Participei de uma palestra.
E2	Não lembro.
E3	Sim.
E4	Não.
E5	Participei de uma palestra e foi muito bom porque aprendi muita coisa e compartilhei com os colegas nessa pesquisa.
E6	Sim e tratou de casos reais e muitos deles que a gente sabe pela televisão e depois mostrou jogadores, muitos negros que também passaram por isso.
E7	Participei também não.
E8	Não participei, mas fiquei sabendo que ia ter o evento, eu tava fazendo trabalho e por isso não fui.

Fonte: elaborado pela autora.

Os estudantes elencam um misto sugestões de prevenção ao *bullying*, demonstrando sensibilidade, maturidade e compreensão da importância que os mesmos podem trazer à comunidade acadêmica e, principalmente, representa crescimento por parte dos mesmos.

Quadro 18 - Que ações poderiam ajudar na conscientização dos males causados pelo *bullying*, podendo diminuir esse tipo de violência?

Estudantes	Respostas
E1	Talvez mais eventos sobre esse tema porque não é fácil passar por isso.
E2	Esse movimento de círculo é muito bom, podia ter mais e ter mais gente.
E3	Acho que panfletos seria uma ideia boa.
E4	Não sei muito, mas projeto sempre ajuda.
E5	As palestras envolvendo todos porque a gente não sabe quem vai ser o agressor e a vítima né.
E6	Podia até ter cartaz também com desenhos nos corredores, todo mundo ia ver.
E7	As palestras ajuda e muito.
E8	Os círculos iguais a esse, gostei e aprendi muito. Me ajudou a pensar sobre todos nós.
E9	As palestras podem ser aliadas contra esse mal.

Fonte: elaborado pela autora.

As diversas sugestões mencionadas pelos estudantes nos remetem a Maldonado (2011, p. 108), pois a mesma afirmava “Abordar o tema do *bullying* e *cyberbullying* na sala de aula estimula as vítimas a saírem do silêncio, criando coragem para falar sobre os ataques e reivindicar o respeito devido”, objetivo presente ao longo deste trabalho. Considerando a sugestão dos estudantes E2 e E8 de pontuar os círculos de construção de paz no rol de eventos a serem desenvolvidos rumo à conscientização da violência *bullying* representa no dizer de Maldonado (2011, p. 124), “O primeiro passo para construir um programa antibullying eficaz é a escuta

atenta e sensível dos alunos, das famílias e da equipe escolar para perceber como se manifesta o problema”.

Considerando que a conscientização não ocorre de forma homogênea e demanda tempo, se todas as estratégias preventivas não alcançarem todos os estudantes e, mesmo assim, ocorrer situações de *bullying*, as profissionais são enfáticas em relação ao protocolo de enfrentamento a essa forma de violência.

Quadro 19 - No exercício de suas funções já fez uso de algum protocolo de enfrentamento dos casos de bullying envolvendo os educandos? Se sim, esclareça como acontece

Profissional	Resposta
P1	Não. Já acompanhei o trabalho da Orientação Educacional e Psicologia.
P2	Sim. O estudante é ouvido em um ambiente reservado e é identificada a gravidade da situação. A partir dessa etapa, os envolvidos são chamados e ouvidos, junto a comunicação e presença da família. Conforme a gravidade, a partir dessa etapa, um Conselho Disciplinar é convocado para tratativas da punição compatível à gravidade do caso.
P3	Não, não há um protocolo para o setor de Psicologia referente ao <i>Bullying</i> , até então.

Fonte: elaborado pela autora.

Sobre a questão do protocolo de enfrentamento, duas profissionais responderam não haver, porém uma respondeu de forma afirmativa e esclareceu que realiza a escuta dos envolvidos, a comunicação à família e, mais uma vez, a punição aparece como alternativa, item já analisado em questões anteriores. Sobre as respostas apresentadas nessa questão e que não foram discutidas, a “parceria família e escola”, o “acompanhamento” se apresenta como viável, pois de acordo com a P2, uma vez tendo conhecimento do caso, há um atendimento particularizado e a comunicação aos responsáveis, restando a “punição” para última alternativa. A escuta individualizada se aproxima do que a justiça restaurativa apresenta como alternativa ao tratamento adequado do conflito e materializado por meio dos círculos de construção de paz.

4.3 Ser agente de prevenção ao *bullying*

Os agentes de prevenção ao *bullying* desempenham um papel fundamental na promoção de ambientes seguros e saudáveis nas escolas. Suas práticas são variadas e abrangem desde a conscientização e educação até a implementação de políticas e

intervenções diretas. Uma prática comum dos agentes de prevenção é a realização de programas educacionais que visam aumentar a conscientização sobre o *bullying*, seus efeitos negativos e formas de prevenção, a exemplo, os mencionados por estudantes e profissionais no item 4.2. Essas iniciativas têm o objetivo de promover a empatia, a tolerância e o respeito mútuo, além de fornecer estratégias para lidar com situações de *bullying*.

Há casos de *bullying* não conhecidos, consequentemente, não tratados institucionalmente e, sobretudo, relatos positivos de enfrentamento e superação dos mesmos, demonstrando que a imagem positiva que os estudantes têm de si, representa uma aliada forte e, sobretudo, os fortalecem na luta contra o *bullying*.

Quadro 20 - Eu sou muito bom e relatarem o motivo, associando às vivências de cada um

Estudantes	Respostas
E1	Desde pequena eu sempre tinha apelido, mas não sofri <i>bullying</i> não porque pra mim é uma brincadeira, não levava a sério.
E2	Eu sou uma pessoa lutadora por aguentar muita coisa calada, principalmente pela paciência de me controlar em certos momentos.
E3	Sou forte porque já passei por muitos momentos e sempre supero.
E4	Sou inteligente, não me deixo levar por outras pessoas acham de mim.
E5	Eu diria que sou uma pessoa forte e batalhadora e consegui chegar aonde eu tô e continuar lutando, o povo acha que minha vida é fácil e tal, mas não é, completamente contrário.
E6	Eu me considero forte porque não deixo ninguém me humilhar...eu não gosto desse tipo de coisa.
E7	Eu sou forte, muito forte mesmo por ter conseguido muita coisa sozinha, por lutar, por ter me aceitado, por ter conseguido meu amor próprio, por perceber que eu sou suficiente pra mim. Eu sou forte por estar viva, por eu ter saído de uma situação muito delicada sozinha.
E8	Eu sou uma pessoa guerreira porque... a coisa mais difícil que alguém vai me ver é triste, eu sou sempre brincalhão...quando vejo que alguém tá triste eu tento ajudar deixar ele o mais feliz possível.

Fonte: elaborado pela autora.

Apesar de o assunto abordado nos círculos ser um assunto, delicado e recorrente entre os participantes da pesquisa, os estudantes demonstraram que mesmo ante todo sofrimento, consequências já mencionadas anteriormente, tendo enfrentado o problema sozinhos ou, contando apenas com seus pares, pode-se trazer à discussão a “superação”, embora nem sempre seja o mais recorrente. Implicitamente, é como se os estudantes afetados pelo *bullying* compreendessem o terceiro componente da CNV por Rosenberg (2006), ou seja, a necessidade por trás do comportamento de seu agressor e, caminhassem rumo a libertação emocional ou,

simplesmente, “aceitar a responsabilidade pelo que fazemos para gerar os nossos próprios sentimentos”, no dizer de Rosenberg (2006, p. 79).

Complementar a questão levantada anteriormente, os estudantes refletiram ainda sobre a responsabilidade social de ter acesso a um determinado conhecimento e mudança de postura em decorrência do mesmo.

Quadro 21 - Enquanto cidadão, ser humano conhecedor dessa violência e das consequências deixadas por ela, como agir diante de uma situação de bullying? Como ser agente de prevenção ao bullying ou outras formas de violência?

Estudante s	Respostas
E1	Hoje eu sei mais do que nunca que é um problema sério e que eu posso ajudar, quero ser poio para as vítimas e dizer pra elas que podemos superar e se for preciso, buscar ajuda fora com psicólogos ou mesmo na polícia.
E2	Eu acho que posso ser um ponto de apoio para aqueles que tão sofrendo com <i>bullying</i> , usando meu exemplo. Temos que primeiro identificar e oferecer ajuda.
E3	Eu não sei não, mas pra mim os agressores tinham que ser punidos e eu quero ajudar assim... quando souber de alguém ou algum caso, levar isso pra coordenação, professores, orientador porque alguém fará alguma coisa. O que não pode é a violência continuar.
E4	Acredito que tão dando importância demais pra isso, gente é só não ligar quando alguém te zoar.
E5	Vou espalhar informações para as pessoas próximas a mim, na família, na escola e até na minha rua sobre os problemas que o <i>bullying</i> pode causar.
E6	Temos que falar do <i>bullying</i> pras pessoas, acho que é o caminho certo pra gente ter um lugar melhor pra viver.
E7	A grande lição pra mim é não ser espectador, ver ou ficar sabendo e não fazer nada. Temos que enfrentar o problema, senão só aumenta.
E8	Tem gente achando que é brincadeira e pode até ser, mas tem que parar porque se não é engraçado pra mim, não é brincadeira, é violência. Tem que denunciar. Não vou me calar.

Fonte: elaborado pela autora.

Quase a totalidade dos estudantes respondentes se põe na condição de agente de prevenção ao *bullying* e outras formas de violência, apenas o (a) estudante E4 possivelmente não compreendeu na sua totalidade o tamanho do problema e suas consequências para os envolvidos. É necessário ater-se a disposição positiva que a maioria dos estudantes manifestam ter e ao desejo de ser agente contra o *bullying* e sobre esse assunto, é pertinente observar as recomendações de Lopes Neto (2011, p. 59-60)

Para que sejam agentes *antibullying* proativos, os estudantes devem ser treinados com base em quatro princípios: 1. Apresente o termo *bullying* e incentive para que a turma crie uma definição para esse fenômeno; 2. Diga aos escolares que o *bullying* causa danos a toda a escola e que todos são responsáveis por preveni-lo. Peça que criem regras claras de convivência, que todos possam cumprir...; 3. Discuta sobre a diferença entre “fofoca” e “relato”. Fofocar é dizer o que o colega fez apenas com a intenção de colocá-lo em apuros. Relato é descrever o que um indivíduo fez contra o outro. 4. Recomende a todos para que nunca encorajem os autores e que não participem de atos de *bullying*.

Certamente seguindo esses princípios apontados por Lopes Neto (2011) e escutando os estudantes, as chances de a realidade do *bullying* nas escolas tende a amenizar significativamente. Nesse sentido, todos os educadores devem também ser agentes de prevenção ao *bullying*, incluindo os docentes, pois ficam muito tempo com os estudantes e exercem uma grande influência sobre eles, sendo, portanto, o que Gadotti, Freire e Guimarães (1995) chamam educador revolucionário e orgânico no sentido de trabalhar na perspectiva da emancipação, considerando os saberes dos estudantes. por consequência, alcançando protagonismo, autonomia. Para Araújo e Frigotto (2015, p. 74),

A autonomia, condição desejável pelo ensino integrado, é aqui entendida como capacidade de os indivíduos compreenderem a sua realidade, de modo crítico, em articulação com a totalidade social, intervindo na mesma conforme as suas condições objetivas e subjetivas. Em outras palavras, reconhecendo-se como produto da história, mas também como sujeito de sua história.

Nessa perspectiva, os círculos de construção de paz nas escolas, metodologia flexível, têm se mostrado uma abordagem promissora no combate ao *bullying*, proporcionando um espaço seguro e acolhedor para que os estudantes possam expressar suas opiniões sem inibições, cabendo reflexão apenas em relação à dificuldade devido ao tamanho da amostra com estudantes, tendo participado apenas 10 em sua totalidade, podendo ter impactado a abrangência dos resultados. Em nenhum momento das verbalizações dos estudantes apareceu a tentativa de suicídio, uma consequência grave de *bullying*, o que não significa que não tenha permeada a mente das vítimas, sugere apenas que o tempo de conversas não foi suficiente para maiores revelações.

A utilização do método de coleta de dados por meio dos círculos de construção

de paz revelou-se enriquecedora, uma vez que a interação entre os participantes permitiu que as falas de um indivíduo provocassem insights em outros. Essa condição de identificação promoveu um ambiente propício para que os respondentes se sentissem acolhidos nas narrativas uns dos outros, permitindo o aprofundamento das discussões e a lembrança de situações de *bullying* que possam ter sido vivenciadas, mas sem a consciência da condição.

É importante ressaltar que a metodologia dos círculos de construção de paz não se limitou a uma aplicação estrita, mas buscou, por meio da interação com os estudantes, aprimorar continuamente a proposta em desenvolvimento. A flexibilidade desse método permite que se adapte às necessidades e características de cada grupo, promovendo uma participação mais ativa e engajada dos estudantes no combate ao *bullying*.

Ao adotar os círculos de construção de paz como ferramenta de prevenção ao bullying, as escolas proporcionam aos estudantes a oportunidade de compartilhar suas experiências e sentimentos de forma mais autêntica. Essa abordagem incentiva a escuta empática entre os participantes, fortalecendo os laços de respeito e compreensão mútua. Permite ainda que os estudantes se sintam parte de um grupo solidário, encorajando ações coletivas para enfrentar o bullying e promover um ambiente escolar mais seguro e inclusivo, pois já diz Klein e Torres (2015, p. 252) “Dentre os papéis da escola, destaca-se a formação para a cidadania, tarefa política que se relaciona à participação das novas gerações na vida pública”.

As profissionais demonstraram que asseguram cumprem com a imposição legal referente a assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate aos casos relacionados ao *bullying*, carecendo talvez de mais profissionais para um atendimento mais particularizado com os estudantes, pois há apenas 1 profissional de psicologia e 1 de orientação escolar para atender toda a demanda do campus Araguatins. Espera-se com esse trabalho melhorar as relações interpessoais na escola, criar um ambiente que fortaleça a prevenção do *bullying*, estimule relacionamentos saudáveis e empodere os alunos a agirem de maneira pacífica e respeitosa, pois o produto materializado a partir desta pesquisa ficará à disposição para também ser implementada por profissionais de auxílio direto com os estudantes, pois o produto desenvolvido tem essa perspectiva.

Em suma, compreender o *bullying* como um fenômeno complexo requer uma abordagem holística, que considere a interação de diversos fatores e busque

estratégias abrangentes de prevenção e intervenção, eis aqui, portanto, os círculos de construção de paz.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade atual está polarizada e individualista que segue a passos largos o caminho do neoliberalismo e, por consequência, da intolerância e da violência, portanto, desrespeitando toda e qualquer diferença, o que é estranho pois a sociedade é formada por uma grande diversidade cultural, mais um tema para fazer parte dos círculos que se realizarão posteriormente, em escolas ou quaisquer outros lugares.

Acredita-se que a escolha da metodologia, bem como do tema foram assertivos, por se tratar de um problema real nas escolas brasileiras, tanto públicas quanto particulares. Ficou perceptível pelas verbalizações dos estudantes que a realidade das ocorrências de *bullying* é mais preocupante do que as pesquisas apresentam, fator de proporção diminuída pelos profissionais das instituições escolares, pois a eles não chegam todos os casos, conclusão a partir do confronto das informações dos estudantes X informações dos profissionais, evidenciando que os casos são mais comuns e recorrentes que aparentam. Entende-se que esta conclusão não é novidade por se tratar de uma violência disfarçada e entre escolares, ou seja, os espaços em que elas se apresentam, na maioria das vezes, não há presença de profissionais, fato que intimida ainda mais as vítimas a falarem sobre o assunto e buscarem ajuda.

Entende-se que os círculos de construção de paz, uma metodologia simples e acessível que utiliza como principal ferramenta o diálogo, fizeram sentido para os estudantes, porque oportunizaram o diálogo organizado, democrático, respeito mútuo, solidariedade, compreensão, desenvolvimento de empatia e apaziguamento nas relações interpessoais e, certamente, são fortes aliados das instituições escolares para atender a imposição do artigo 5º da Lei Nacional Nº 13.185 de 2015 no sentido de assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (*bullying*).

Foi interessante confirmar aspectos relevantes e comuns aos círculos de construção de paz e aos objetivos da Educação Profissional e Tecnológica, pois ambas enaltecem e objetivam a promoção do protagonismo dos envolvidos com o fim de alcançarem uma formação denominada humana e integral em que os estudantes sejam conscientes do seu papel social, participantes ativos na sociedade em conformidade com o que Freire defendia, pois, sua pedagogia tinha cunho humanista e libertador, em que o processo de desvelamento da realidade permitia a

transformação por meio do conhecimento. Assim, Trata-se de uma construção da consciência, de conhecimento, de autonomia que possibilita o protagonismo do oprimido em sua história. Não é um processo rápido, nem fácil, no entanto, possível na perspectiva freiriana.

Jares defendia que a Educação para a paz deveria ser um conteúdo transversal que permitisse aos estudantes receberem educação em conteúdos e valores democráticos, de forma a contribuir para a dignidade da pessoa humana e, nesse sentido, os conhecimentos curriculares precisam transcender para que se efetive a escola de base unitária, modelo educacional proposto pela EPT, o qual possibilita a todos acesso aos bens socialmente construídos e, dessa maneira, tenham direito a satisfazer as necessidades básicas, alcançando a dignidade humana, pois sem esta, não há como falar em paz.

Enquanto educadores, nos resta ainda a indignação e o não conformismo aos desmandos e interesses capitalistas, pois as escolas são espaços de conflitos, pois é formado por pessoas e, se os mesmos não existirem, significa que seres humanos foram calados, porém é por meio do diálogo que são apresentados os posicionamentos, ao ouvir pessoas do próprio convívio, podendo, a partir de então, estabelecer-se o consenso, sem ferir a expressão, os sentimentos, as necessidades do outro.

Ficou evidente que todos os envolvidos na Educação precisam estar dispostos a ser agentes de prevenção não só ao *bullying*, mas a todas as formas de violência e, sobretudo, respeitar as diferenças, afinal o Brasil é um país multicultural, carecendo garantir e não apenas discursar sobre a dignidade da pessoa humana, a igualdade de oportunidades, a inclusão social, a justiça distributiva e o respeito à diversidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. M. de L.; FRIGOTTO, G. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, maio/ago, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2021.

BOBBIO, N. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BOYES-WATSON, C.; PRANIS, K. **No coração da esperança**: guia de práticas circulares: o uso de círculos de construção da paz para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e construir relacionamentos saudáveis. Tradução: Fátima De Bastiani. Porto Alegre: TJ-RN, 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Presidência da República, Brasília: 2008.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB Nº 16, de 5 de outubro de 1999**. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Médio. Brasília: MEC, 1999.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB Nº 11, de 9 de maio de 2012**. Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Brasília: MEC, 2012.

BRASIL. **Resolução Nº 125 de 29 de novembro de 2010**. Dispõe sobre a Política Judiciária Nacional de tratamento adequado dos conflitos de interesses no âmbito do Poder Judiciário e dá outras providências. Brasília: CNJ, 2010. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=2579>. Acesso em: 8 maio 2021.

BRASIL. **Pesquisa nacional de saúde escolar**: 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 132 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2021.

BRASIL. **Lei 13.105, de 16 de março de 2015**. Código de Processo Civil. Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13105.htm. Acessado em 10 maio 2021.

BRASIL. **Lei 13.185, de 06 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm. Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. **Lei 13.277, de 29 de abril de 2016**. Institui o dia 7 de abril como o dia nacional de combate ao *bullying* e à violência na escola. Brasília: Presidência da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13277.htm. Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. **Resolução Nº 225 de 31 de maio de 2016**. Dispõe sobre a Política

Nacional de Justiça Restaurativa no âmbito do Poder Judiciário e dá outras providências. Brasília: CNJ, 2016. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/atos-normativos?documento=2289>. Acesso em: 8 maio 2021.

BRASIL. **Lei 13.663, de 14 de maio de 2018**. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Brasília: Presidência da República, 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13663.htm. Acesso em: 11 mar. 2022.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais: Revista interinstitucional de Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 179-191, jul-dez, 2013.

CHARLOT, B. **Trabalho e educação**: abordagens antropológica e sócio-histórica da relação com o saber às práticas educativas. São Paulo: Cortez, 2014.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (org.). **Ensino Médio integrado**: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005. p. 83-105.

CIAVATTA, M. **Trabalho como princípio educativo**: dicionário da educação do profissional da saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/trapriedu.html>. Acesso em: 16 maio 2021.

CIAVATTA, M. Ensino integrado, a politecnia e a educação omnilateral: por que lutamos? **Revista Trabalho & Educação**, v. 23, n. 1, p. 187-205, 2014. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/7693/5935>. Acesso em: 8 maio 2021.

CRUZ, F. B. da (coord.). **Justiça restaurativa**: horizontes a partir da Resolução CNJ 225. Brasília: CNJ, 2016.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, Set/Out/Nov /Dez., 2003.

DELLA FONTE, S. S. Formação no e para o trabalho. **Educação profissional e Tecnológica em Revista**, Vitória: IFES, v. 2, n. 2, p.6-19, 2018.

ELLWANGER, C. A efetivação do ideário restaurativo a partir da aplicação das práticas restaurativas. **Revista de Formas Consensuais de Solução de Conflitos**, v. 6, n. 2, p. 1-21, 2020.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 8. ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2018.

FANTE, C.; PRUDENTE, N. M. **Bullying em debate**. São Paulo: Paulinas, 2015.

FELIZARDO, A. R. **Bullying escolar**: prevenção, intervenção e resolução com

princípios da justiça restaurativa. Curitiba: Intersaberes, 2017.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução: Rosisca Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. N. (org.). **Ensino Médio integrado**: concepção e contradições. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

GADOTTI, M. FREIRE, P. GUIMARÃES, S. **Pedagogia**: diálogo e conflito. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere (volume 2)**: Os intelectuais. O princípio educativo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

JARES, X. R. **Educação para a paz**: sua teoria e sua prática. Tradução: Fátima Murad. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JARES, X. R. **Educar para a paz em tempos difíceis**. Tradução: Elizabete de Moraes Santana. São Paulo: Palas Athena, 2007.

JARES, X. R. **Pedagogia da convivência**. Tradução: Elizabete de Moraes Santana. São Paulo: Palas Athena, 2008.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.

KLEIN, A. M.; TORRES, J. C. **Educação, projetos de vida e participação política da juventude**. Ponto-e-vírgula 17, 2015. p. 251-269.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 1990.

LEÃO, G.; DAYRELL, J.; REIS, J. B. dos. Juventude, projetos de vida e Ensino Médio. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out.-dez., 2011.

LOPES NETO, A. A. **Bullying**: saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011.

MALDONADO, M. T. **Bullying e cyberbullying**: o que fazemos com o que fazem conosco? São Paulo: Moderna, 2011.

MANACORDA, M. A. **O princípio educativo em Gramsci**. Porto Alegre: Artmed, 1990. p. 201-247.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MÉSZÁRÓS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOREIRA, M. A. **Teorias de Aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: EPU. 2019. 246 p.

MOURA, D. H. **Trabalho e formação docente na educação profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014.

MOURA, D. H.; LIMA FILHO, D. L.; SILVA, M. R. Politecnia e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 63, p. 1057–1080, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n63/1413-2478-rbedu-20-63-1057.pdf>. Acesso em: 8 maio 2021.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ONU. **Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz**. 1999.

Disponível em:

<http://www.comitepaz.org.br/download/Declara%C3%A7%C3%A3o%20e%20Programa%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20uma%20Cultura%20de%20Paz%20-%20ONU.pdf>. Acesso em: 30 maio 2023.

ONU. **Resolução 2002/12 da ONU** - princípios básicos para utilização de programas de justiça restaurativa em matéria criminal. Disponível em: [www.juridica.mppr.mp.br › Material_de_Apoio › Resolucao_ONU_2002](http://www.juridica.mppr.mp.br/Material_de_Apoio/Resolucao_ONU_2002). Acesso em: 5 abr. 2021.

PACHECO, E. **Fundamentos político-pedagógicos dos institutos federais**: diretrizes para uma educação profissional e tecnológica transformadora. Natal: IFRN, 2015.

PeNSE. **Pesquisa nacional de saúde do escolar**: 2015. IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

PeNSE. **Pesquisa nacional de saúde do escolar**: 2019. IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

PEREIRA, S. M. de S. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2009.

PERES, M. F. T.; EISNER, M. (2018). **Violência, bullying e repercussões na saúde**: resultados do Projeto São Paulo para o desenvolvimento social de crianças e adolescentes (SP-PROSO). Departamento de Medicina Preventiva/FMUSP. 156 p.

PRANIS, K. **Processos circulares de construção de paz**. Tradução: Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2010.

PRANIS, K. **Círculos de justiça restaurativa e de construção da paz**: guia do facilitador. Tradução: Fátima De Bastiani. Porto Alegre: TJ-RS, 2011.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, M. N. Ensino Médio integrado: da conceituação à operacionalização. **Caderno de Pesquisa em Educação – PPGE/UFES**, Vitória, a.11, v. 19, n.39, p. 15-29, jan./jun., 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/10243/7029>. Acesso em: 16 maio 2021.

RAMOS, M. N. História e política da educação profissional. **Coleção Formação Pedagógica**, IFP, Curitiba, v. 5, p 1-121, 2014. Disponível em: <http://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2016/05/Hist%C3%B3ria-e-pol%C3%ADtica-da-educa%C3%A7%C3%A3o-profissional.pdf>. Acesso em: 16 maio 2021.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

ROSENBERG, M. B. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

SANTOS, B. de S.; CHAUÍ, M. **Direitos humanos, democracia e desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2013.

SAVIANI, D. **Sobre a concepção de politecnia**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1989.

SAVIANI, D. O choque teórico da politecnia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 1, n. 1, 131-152, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v1n1/10.pdf>. Acesso em: 12 maio 2021.

SILVA, J. A. da. **Comentário contextual à Constituição**. 4. ed. São Paulo: Malheiros, 2007.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez., 2005.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf> Acesso em: 15 de jun. 2022.

ZEHR, H. **Trocando as lentes**: justiça restaurativa para o nosso tempo. Tradução: Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2008.

ZEHR, H. **Justiça restaurativa**. Tradução: Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2015.

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL

**CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO
DE PAZ:**

**UM CAMINHO POSSÍVEL
RUMO A PREVENÇÃO AO
BULLYING**





MINI CURRÍCULO DOS AUTORES



Professora efetiva da Rede Municipal de Araguatins-TO, lotada na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Araguatins. Colaboradora do TJ-TO por meio do GGEM como Pedagoga. Conciliadora no CEJUSC, Pólo Araguatins-TO. Advogada vinculada à Subseção de Araguatins-TO. Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica pelo IFTO.

Possui graduação em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo (1996), Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília (2008) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2017).

É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - Campus Palmas.

Tem experiência na área de Filosofia, Gestão e Educação.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

C838c Costa, Vanessa Pereira
Círculos de Construção de Paz : Um caminho possível rumo a
prevenção ao bullying / Vanessa Pereira Costa. – Palmas, TO, 2023.
40 p. : il. color.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e
Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2023.

Orientador: Dr. Marcelo Rythowem

1. Círculos de construção de paz. 2. Prevenção. 3. Bullying. I.
Rythowem, Marcelo. II. Título.

CDD 370

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins
de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.
Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a).

978-65-00-74879-6



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ	6
ELEMENTOS ESSENCIAIS PARA A CONSTRUÇÃO DE CÍRCULOS	8
QUEM CONDUZ OS CÍRCULOS?	10
ORIENTAÇÕES PRÁTICAS PARA A REALIZAÇÃO DO CÍRCULO	11
ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DO CÍRCULO DE CONSTRUÇÃO DE PAZ COM O TEMA BULLYING	14
PERGUNTAS E RESPOSTAS 23 PRINCIPAIS TIPOS DE BULLYING	31
O QUE APRENDI COM O CÍRCULO?	33
A QUEM POSSO RECORRER?	35
COMO DENUNCIAR CASOS DE CYBERBULLYING?	35
EMOÇÕES QUE PODEM APARECER NO DESENVOLVIMENTO DOS CÍRCULOS	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39



INTRODUÇÃO

Este produto educacional intitulado “Círculos de Construção de Paz: um caminho possível rumo a prevenção ao bullying” foi desenvolvido no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO e está vinculado à dissertação intitulada “Práticas restaurativas como prevenção ao bullying no âmbito escolar: experiências no IFTO Campus Araguatins – TO”, a qual objetivou proporcionar a discussão e a problematização do tema bullying por meio da metodologia da Justiça Restaurativa e da prática de círculos de construção de paz no ambiente escolar. O projeto que originou esta pesquisa foi devidamente inserido na Plataforma Brasil e autorizado pelo Conselho de Ética em Pesquisas – CEP conforme Parecer Nº 5.590.723.

No intuito de atender ao objetivo proposto, foram realizados 3 círculos entre os meses de setembro e dezembro de 2022 com estudantes de uma turma de 1ª série de Agropecuária na disciplina de Sociologia por ser uma turma iniciante e os alunos ainda estarem em período de adaptação em relação ao ambiente escolar, professores e colegas. O tema bullying, violência entre escolares, foi pauta de discussão porque segundo as pesquisas afeta quase 30% dos estudantes brasileiros de acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar – Pense (2015 e 2019) e Fante e Prudente (2015), índice considerado alto. Daí inquietação e o desejo de discutir o problema com os diretamente afetados, os estudantes.

Este caderno de atividades contém informações conceituais e orientações claras e acessíveis sobre os círculos de construção de paz e seu desenvolvimento, de forma que todo e qualquer profissional tenha condições de realizá-los, mesmo não conhecendo a metodologia, pois a mesma é orientada por um roteiro flexível. Contém perguntas e respostas sobre o tema abordado nos círculos, o bullying, a partir de artigos científicos. Consta ainda depoimentos dos estudantes sobre suas experiências com a metodologia desenvolvida.

CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ

Os círculos de construção de paz de acordo com Boyes-Watson e Pranis (2011, p.35)

É um processo estruturado para organizar a comunicação em grupo, a construção de relacionamentos, tomada de decisões e resolução de conflitos de forma eficiente. O processo cria um espaço à parte de nossos modos de estarmos juntos.

Estes, compõem a Justiça Restaurativa - JR, tema da Resolução Nº 225, de 2016 do Conselho Nacional de Justiça - CNJ, a qual dispõe sobre a Política Nacional de Justiça Restaurativa no âmbito do Poder Judiciário. Esta resolução atende as recomendações da Organização das Nações Unidas - ONU em relação a temática da Justiça Restaurativa e assim a define em seu Art. 1º como

Um conjunto ordenado e sistêmico de princípios, métodos, técnicas e atividades próprias, que visa à conscientização sobre os fatores relacionais, institucionais e sociais motivadores de conflitos e violência, e por meio do qual os conflitos que geram dano, concreto ou abstrato, são solucionados de modo estruturado.

A Resolução contém diretrizes para a implementação e difusão da prática da Justiça Restaurativa no Brasil e, posteriormente, foram regulamentados em cada Tribunal por seu respectivo Estado. A literatura concebe a JR como uma mudança de paradigmas no âmbito da justiça penal sob a perspectiva da pacificação social mediante métodos baseados na autocomposição e no diálogo voluntário, contexto onde se destaca a metodologia dos Círculos de Construção da Paz, a qual reúne os agentes envolvidos no delito, ofensor e vítima, incluindo ainda membros da comunidade. Para Ellwanger (2020), o diálogo oportuniza acolhimento e solidariedade na resolução do conflito, o que contribui para um desfecho saudável benéfico à sociedade.

Reconhecido mundialmente um dos pioneiros na temática restaurativa, Zehr (2015, p.100), assinala que "a justiça restaurativa surgiu nos anos de 1970 como esforço para corrigir algumas das fraquezas do sistema jurídico ocidental. A maior preocupação tem sido a negligência das vítimas e suas necessidades". Além dessas considerações iniciais, o autor acrescenta ainda que "a punição é frequentemente ineficaz". Sua proposta, acima de tudo, é a promoção de uma





transformação das formas de resolução de conflitos que nós regularmente usamos, substituindo a lógica das respostas retributivas, aquelas focadas na punição, por uma lógica restaurativa.

Em suas várias experiências, Pranis (2010. p.16) afirma que “Os círculos de Construção de Paz estão sendo usados em variados contextos” e, especificamente “Nas escolas, criam um ambiente positivo na sala de aula e resolvem problemas de comportamento”.

As autoras Boyes-Watson e Pranis (2011) descrevem dois tipos de círculos de construção de paz: círculos mais complexos e círculos menos complexos, sendo que os círculos mais complexos são mais aprofundados e são mais adequados para situações de conflito mais intensas ou traumas coletivos. Eles abordam questões emocionais, cura e transformação pessoal e comunitária. Os círculos mais complexos envolvem a criação de um espaço seguro e inclusivo para que os participantes compartilhem suas histórias, expressando emoções e experiências profundas, utilizados em situações de violência.

Por sua vez, os círculos menos complexos são estruturados de forma mais simples e são mais adequados para situações menos intensas de conflito ou violência. Eles são mais direcionados para a promoção da comunicação e do diálogo aberto entre os participantes. Os mesmos são utilizados em contextos escolares, comunitários ou organizacionais, onde o objetivo principal é construir relacionamentos, fortalecer a coesão social e melhorar a comunicação. A proposta deste trabalho foi enfatizar a prevenção à violência bullying problematizando com estudantes de 1ª série.

ELEMENTOS ESSENCIAS PARA CONSTRUÇÃO DO CÍRCULO

As autoras Boyes-Watson e Pranis (2011, p.37-40) apresentam os elementos essenciais da construção do círculo: Cerimônia de abertura, Peça de centro, Discussão de valores e orientações, Objeto da palavra, Perguntas norteadoras, Cerimônia de fechamento, cada um tem sua importância na composição do círculo.

A **abertura** ajuda os participantes a se centrarem, a colocarem-se como completamente presentes no espaço, a reconhecer a interconectividade, a liberar distrações que não estejam relacionadas, e a estarem atentos aos valores do eu verdadeiro. A **peça de centro** frequentemente enfatiza a inclusão ao incorporarem símbolos de membros individuais do círculo, bem como culturas que estejam representadas no círculo. De acordo com Pranis (2011)

uma peça central para criar um ponto de convergência que dá apoio ao falar de coração e escutar de coração. A Peça de centro geralmente fica no chão, no centro do espaço aberto dentro do círculo de cadeiras. Em geral, é uma base ou um trilha de tecido. O centro pode incluir objetos representando os valores do eu verdadeiro, os princípios que alicerçam o processo, uma visão compartilhada do grupo. As peças do centro com frequência enfatizam a inclusão pela incorporação de símbolos dos membros individuais do grupo do círculo, bem como as culturas representadas no mesmo. Os centros podem ser construídos de forma coletiva, com cada vez mais representação do grupo e dos indivíduos no círculo, à medida que o tempo passa e o grupo volta a se reunir. (PRANIS, 2011, p.14-15)

Os participantes em um círculo desempenham um papel principal na projeção de seu próprio espaço de duas maneiras. Primeiro, discutindo os **valores** que são importantes para eles e para aqueles que eles querem trazer para o diálogo, aprendidos ao longo de suas vivências, tais como respeito, honra, paciência, dentre outros.

As **diretrizes** descrevem os comportamentos que os participantes sentem que deixarão o espaço seguro para que falem suas verdades. As diretrizes não são restrições rígidas, mas lembretes que dão apoio às expectativas comportamentais que os participantes do círculo compartilham. Para Boyes-Watson e Pranis (2011, p.39)



Se liga!

As diretrizes articulam os acordos entre os participantes sobre como eles vão se conduzir no círculo de diálogo. Elas não são impostas aos participantes, mas são adotadas por consenso no círculo. Os participantes elaboram as diretrizes juntos, concordam com elas conjuntamente e então apoiam-se mutuamente para observá-las no decorrer do círculo.

Sobre esta etapa em particular, Pranis (2010) frisa a importância de quatro itens para o desenvolvimento do círculo: respeitar o objeto da palavra, falar em primeira pessoa, manter o sigilo e não julgar. Ao respeitar o objeto da palavra, reconhecemos a importância de dar atenção e consideração ao que está sendo comunicado, evitando distorções, interpretações equivocadas ou desrespeitosas. Falar em primeira pessoa significa falar apenas de minhas experiências. Manter o sigilo está relacionada a honrar a privacidade. Não julgar tem a ver com empatia, propiciando espaço confortável para os participantes.

Os círculos utilizam um **objeto da palavra** para regular o diálogo dos participantes. Somente a pessoa segurando o objeto da palavra pode falar. O objeto da palavra permite que aquele que está de posse do mesmo fale sem interrupção, permite aos ouvintes se focarem na escuta e não se distrair pensando em dar uma resposta ao que está sendo dito. Os círculos usam perguntas norteadoras ou temas norteadores no início da maior parte das rodadas, a fim de estimular a conversa a respeito do interesse principal do círculo. As perguntas norteadoras irão:

encorajar os participantes a falar de suas próprias experiências vividas; convidar os participantes a compartilhar histórias de suas vivências; focar-se em sentimentos e impactos ao invés de nos fatos; ajudar os participantes a fazerem a transição da discussão de acontecimentos difíceis ou dolorosos para a discussão do que pode ser feito agora para fazer com que as coisas fiquem melhores. (BOYES-WATSON e PRANIS (2011, p.40)

E, por fim, o **fechamento** reconhece os esforços do círculo, afirma a interconectividade dos presentes, gera o sentido de esperança para o futuro e prepara os participantes para retornarem ao espaço comum de suas vidas. Pranis (2010, p.26) faz questão de enfatizar que no fechamento, bem como na abertura, "os participantes se colocam diante de si mesmos e dos outros com uma qualidade de presença distinta dos encontros corriqueiros do dia-a-dia".

Se liga! **QUEM CONDUZ OS CÍRCULOS?**

Momentos como estes são conduzidos por um “facilitador do círculo”, por vezes chamado de “guardião”, pessoa que planeja e direciona os círculos. Estes deverão ser capacitados antes de assumir sua função, apresentar boa compreensão das culturas regionais e das comunidades onde atuarão. Deverão atuar de maneira imparcial, capacitando as partes a encontrar a solução cabível entre elas, ou seja, a autocomposição.

O facilitador deve organizar a logística do círculo, a qual inclui estabelecer o lugar e horário, fazer convites, preparar todas as partes, selecionar o objeto da palavra e a peça do centro, planejar as cerimônias de abertura e fechamento e formular as perguntas norteadoras, sempre atento para as necessidades e interesses de todos os participantes. Precisa ainda garantir que os elementos essenciais do círculo aconteçam.

Por fim, Pranis (2011) acrescenta que

A responsabilidade do facilitador é ajudar os participantes a criar um espaço seguro para a sua conversa e monitorar a qualidade do espaço durante o tempo que o círculo estiver acontecendo. Se o ambiente se tornar desrespeitoso, é responsabilidade do facilitador chamar a atenção do grupo para esse problema e ajudar o grupo a restabelecer um espaço de respeito. (PRANIS, 2011, p.9)

Complementar às responsabilidades elencadas, Pranis (2011, p.9) enfatiza que “Fazer uso de um processo circular não é simplesmente colocar as cadeiras em círculo. Uma preparação cuidadosa é essencial para que se tenha uma boa prática quando se utilizar esse processo”. Preparar as partes para participarem do círculo e preparar o plano para envolver os participantes no círculo requer uma etapa decisiva: a autopreparação. O espaço do círculo não é nosso espaço normal. Demanda comportamento intencional que esteja alinhado com os valores tanto quanto possível. Isso não é fácil de fazer em um contexto de empregos e vida pessoal com muita pressão. Priorizar tempo para autopreparação é uma responsabilidade essencial para ser facilitador.

Se
liga!

ORIENTAÇÕES PRÁTICAS PARA A REALIZAÇÃO DOS CÍRCULOS

Ao montar o dinâmica do círculo é importante responder às seguintes questões:

- Quando? Em que horário?
- Onde?
- Qual vai ser o objeto da palavra?
- O que se colocará no centro?
- Que cerimônia de abertura será usada?
- Que perguntas serão feitas para gerar valores para o círculo?
- Que perguntas serão feitas para uma rodada de apresentação ou de check-in?
- Há necessidade de incrementar o relacionamento antes de abordar os problemas? Se houver, como será realizado?
- Que pergunta (ou perguntas) será usada para iniciar o diálogo a respeito dos assuntos-chave?
- Que outras perguntas poderão ser úteis, se o grupo não estiver se aprofundando suficiente nos assuntos-problema?
- Que cerimônia de fechamento será usada?
-

A realização dos círculos de construção de paz nas escolas requer um planejamento cuidadoso e uma abordagem sensível para garantir o sucesso da atividade. Aqui estão algumas orientações práticas para a realização dos círculos de construção de paz:

Preparação: Antes de iniciar os círculos, é essencial preparar o ambiente adequado. Certifique-se de ter um espaço tranquilo, sem distrações, onde os participantes possam se sentir confortáveis e seguros para compartilhar suas experiências. Disponha as cadeiras em formato de círculo para promover a igualdade e a conexão entre os participantes.

Se liga! **ORIENTAÇÕES PRÁTICAS PARA A REALIZAÇÃO DOS CÍRCULOS**

Estabeleça as regras básicas: Antes de começar, estabeleça regras básicas para garantir um ambiente respeitoso e seguro. Explique a importância da escuta ativa, do respeito pelas opiniões dos outros e da confidencialidade das informações compartilhadas durante os círculos. Encoraje a participação de todos, mas respeite a vontade daqueles que preferem apenas ouvir.

Defina um tema ou pergunta orientadora: Determine um tema ou pergunta que será o foco do círculo. Por exemplo, você pode perguntar aos participantes sobre suas experiências com o bullying, como eles se sentem em relação a isso ou quais estratégias eles acham eficazes para prevenir o bullying. Certifique-se de que a pergunta seja aberta e incentive a reflexão e a discussão.

Incentive a escuta empática: Durante o círculo, estimule a escuta empática entre os participantes. Explique a importância de ouvir atentamente as experiências e sentimentos dos outros sem julgamentos. Encoraje o uso de expressões de apoio, como acenos de cabeça, sorrisos e palavras de encorajamento, para demonstrar que estão sendo ouvidos e compreendidos.

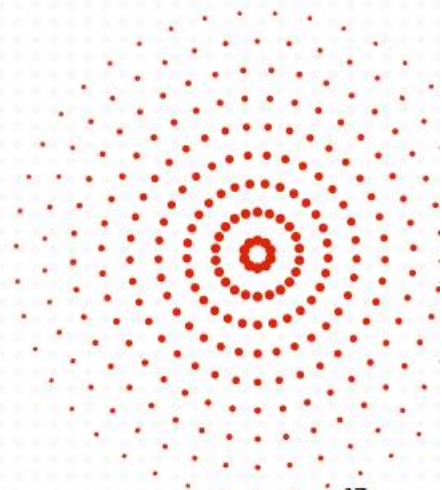
- Facilite a discussão: Como facilitador, sua função é garantir que a discussão seja equilibrada e inclusiva. Evite interromper ou dominar a conversa, permitindo que todos tenham a oportunidade de falar. Faça perguntas adicionais para aprofundar as reflexões dos participantes e incentive-os a responder uns aos outros, promovendo uma interação construtiva.

Encerre com reflexões e ações: Ao final do círculo, promova uma reflexão coletiva sobre as principais ideias e insights compartilhados. Incentive os participantes a identificarem ações práticas que possam ser tomadas para prevenir o bullying e promover a construção de paz na escola. Essas ações podem incluir campanhas de conscientização, a criação de um comitê antibullying ou a implementação de estratégias de apoio às vítimas.

Lembre-se de que os círculos de construção de paz são uma jornada contínua. A cada encontro, é importante avaliar e ajustar a abordagem com base no feedback dos participantes, visando aprimorar a experiência e fortalecer os resultados. O papel do facilitador é fundamental para criar um ambiente seguro e promover a participação ativa de todos os envolvidos.



Fonte: www.canva.com/design/DAFbU0LPQqM/9fBICEIt9sWdHaZ7EdjT2g/edit



Roteiro para realização do círculo de construção de paz com tema Bullying

Os círculos são previamente planejados e conduzidos por um "facilitador do círculo", por vezes chamado de "guardião". Os roteiros são flexíveis, indicando um direcionamento ao diálogo.

DIA 1

OBJETIVO

Apresentar o projeto e a metodologia adotada dos círculos de construção de paz; Ouvir dos alunos colaboradores o que sabem sobre o fenômeno bullying.

MATERIAIS

Objeto da palavra, itens para a peça de centro (tapete, livros, canetinhas, bloco de anotações, caixa de som e outros que representam o público-alvo.



Fonte: <https://pixabay.com/pt/illustrations/c%C3%ADculo-de-cadeira-cadeiras-c%C3%ADculo-7416565/>

Compõem a peça de centro. Enfatiza a inclusão pela incorporação de símbolos dos membros individuais do grupo do círculo.

O objeto da palavra será passado em volta do Círculo de pessoa para pessoa. Somente a pessoa segurando o objeto poderá falar. Não há problema em passar o objeto Esboço do Círculo sem falar. O facilitador poderá falar sem o objeto, se necessário, para facilitar o processo, mas, em geral, não vai falar sem estar de posse deste. Se o objeto da palavra tiver algum significado em particular, explique.

Exemplos de objetos e possíveis simbologias:

- Óculos: pode representar a possibilidade de troca de lentes e a chance de compreender melhor uma questão.
- Ovo cozido: pode simbolizar o nascimento de novas ideias, a resistência (à pressão) e ao mesmo tempo a fragilidade de cada um de nós.
- Lápis: pode representar nosso poder construtivo para escrever e reescrever nossa história.
- Espelho: pode simbolizar a necessidade de refletirmos sobre nossos atos e como eles refletem na vida alheia, ou sobre o tipo de reflexo que queremos projetar no espelho.

PREPARAÇÃO

Acomode a todos em um círculo de cadeiras, sem nenhum outro móvel. Dê as boas-vindas a todos ao espaço do círculo.



O formato espacial do círculo simboliza liderança partilhada, igualdade, conexão e inclusão. Também promove foco, responsabilidade e participação de todos. (PRANIS, 2010, p. 25)

1. ABERTURA

Música "Saber viver".

Ajuda os participantes a se centrarem, a colocarem-se completamente presentes no espaço, a reconhecer a interconectividade, a liberar distrações que não estejam relacionadas, e a estarem atentos aos valores do eu verdadeiro.

2. RODADA DE CHECK-IN / APRESENTAÇÃO

Diga seu nome e responda se você fosse um tipo de tempo hoje (sol, chovendo, temporal), como estaria esse tempo?

Cada estudante falou de si, trazendo um sentimento, uma necessidade, uma emoção. Inicialmente o grupo estava um pouco desconfortável, mesmo já tendo mais de 8 meses de aulas. O início das atividades se deu de forma a acolher os participantes e deixá-los à vontade para expressar a partir de suas próprias histórias e vivências, enfatizando sempre um olhar positivo sobre suas experiências. Esse momento permitiu aos participantes um olhar internalizado e, sobretudo, uma afirmação positiva de si mesmos. Desse momento surgiram palavras como amor, empatia, respeito, alegria, fé e afeto.

3. CONSTRUÇÃO DE VALORES

Qual sua melhor qualidade?

Os participantes apresentam os valores que são importantes para eles e para aqueles que eles querem trazer para o diálogo, aprendidos ao longo de suas vivências, tais como respeito, honra, paciência, dentre outros.

4. CONSTRUÇÃO DE DIRETRIZES / COMBINADOS

O que você precisa para ficar bem nesse espaço?

São essenciais: respeitar o objeto da palavra, falar em primeira pessoa, manter sigilo e não julgar.

São construções do grupo para que todos se sintam bem, à vontade e confortáveis no ambiente circular. Sobre esta etapa em particular, Pranis (2010) frisa a importância de quatro itens para o desenvolvimento do círculo: respeitar o objeto da palavra, falar em primeira pessoa, manter o sigilo e não julgar.

Ao respeitar o objeto da palavra, reconhecemos a importância de dar atenção e consideração ao que está sendo comunicado, evitando distorções, interpretações equivocadas ou desrespeitosas. Falar em primeira pessoa significa falar apenas de minhas experiências. Manter o sigilo está relacionada a honrar a privacidade. Não julgar tem a ver com empatia, propiciando espaço confortável para os participantes.



5. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O ápice do círculo, pois aborda o assunto principal.

Rodada 1: Quem sou eu? Qual a minha história?

Rodada 2: Cite 2 momentos bons de sua vida? Por que?

Rodada 3: O você compreende por bullying?

Devido a delicadeza do tema, ou seja, o "bullying", optou-se por abordar a história de vida dos estudantes, momento riquíssimo, pois os participantes demonstraram diversos aspectos desconhecidos para a maioria dos colegas.

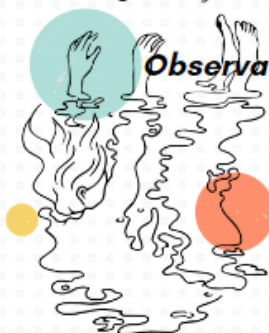
6. CHECK-OUT / FINALIZAÇÃO: O que você está levando desse Círculo que poderia ajudar a você ou a outra pessoa no futuro?

7. CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO

Diga algo bom ao seu colega.

Reconhece os esforços do círculo, afirma a interconectividade dos presentes, gera o sentido de esperança para o futuro e prepara os participantes para retornarem ao espaço comum de suas vidas.

Agradeça a todos por terem participado do Círculo!



Observações importantes: Em todas as etapas, o facilitador sempre inicia o diálogo, exceto no check-out/finalização. As etapas "construção de valores" e "construção de diretrizes/combinados" foram realizadas apenas no primeiro dia de círculo, pois o grupo continuaria o mesmo nos círculos posteriores, carecendo apenas de rememorar as definições estabelecidas anteriormente.

Roteiro para realização do círculo de construção de paz com tema Bullying

DIA 2

OBJETIVO: aprender a identificar os personagens do bullying, aumentar a capacidade de reconhecer os tipos e as consequências dessa agressão.

MATERIAIS: Objeto da palavra, itens para a peça de centro (tapete, livros, canetinhas, bloco de anotações, caixa de som e outros que representam o público-alvo.

PREPARAÇÃO: Acomode a todos em um círculo de cadeiras, sem nenhum outro móvel. Dê as boas-vindas a todos ao espaço do círculo.

1. ABERTURA

Cada participante fica em silêncio por dois minutos, como prática de relaxamento.

2. RODADA DE CHECK-IN / APRESENTAÇÃO

Qual é a força, o que de positivo você traz para o Círculo?

3. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Rodada 1: O que você acha que leva uma pessoa a praticar ou sofrer bullying?

Rodada 2: Que tipos de ação fazem você sentir que está sofrendo bullying?

Rodada 3: As formas de manifestação do são diversas: verbal, moral, psicológica, sexual, material, social, física e virtual. Você já presenciou alguma dessas formas de bullying?

Rodada 4: Os protagonistas do bullying são: agressor, vítima ou espectador. Como esses personagens atuam?

Rodada 5: Você já foi vítima de bullying ou conhece alguém que foi vítima de bullying? Se sim, como você relataria essa experiência? Qual foi a sensação, o sentimento?

Essa etapa remete os participantes a conhecimento e experiências, independente do tema. Especificamente, sobre o tema bullying, é necessário haver sensibilidade do facilitador em acolher as emoções e sentimentos dos participantes.



4. CHECK-OUT / FINALIZAÇÃO

Defina com uma palavra o evento de hoje.

5. CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO

Cada um se despeça de um modo diferente, sem repetir o gesto.

Agradeça a todos por terem participado do Círculo!

Seguindo com a metodologia do círculo e atendendo ao passo-a-passo com os elementos essenciais do círculo, iniciou-se com a abertura, seguida do check-in, de forma a deixar os estudantes à vontade no espaço e, sobretudo, trazendo reflexão e aspectos da rotina pessoal. Novamente foi enfatizado que devido ao grupo ser o mesmo do encontro anterior, não haveria necessidade de abordar as etapas construção de valores e construção de diretrizes/combinados, apenas retomar os acordos estabelecidos anteriormente. As rodadas de conversas abordaram:

- O que você acha que leva uma pessoa a praticar ou sofrer bullying?
- Você presenciou um caso de bullying. O que diria ao agressor?
- Conte uma experiência sua ou de um conhecido que tenha sofrido bullying. Você sabe como são tratados os casos de bullying na escola?
- Eu sou muito bom e relatarem o motivo, associando às vivências de cada um.



Eu sou uma pessoa lutadora por aguentar muita coisa calada, principalmente pela paciência de me controlar em certos momentos.

Sou forte porque já passei por muitos momentos e sempre supere.

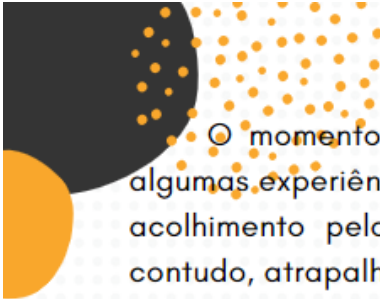
Sou inteligente, não me deixo levar por outras pessoas acham de mim.

Eu diria que sou uma pessoa forte e batalhadora e consegui chegar aonde eu tô e continuar lutando, o povo acha que minha vida é fácil e tal, mas não é, completamente contrário.

Eu me considero forte porque não deixo ninguém me humilhar...eu não gosto desse tipo de coisa.

Eu sou forte, muito forte mesmo por ter conseguido muita coisa sozinha, por lutar, por ter me aceitado, por ter conseguido meu amor próprio, por perceber que eu sou suficiente pra mim. Eu sou forte por estar viva, por eu ter saído de uma situação muito delicada sozinha.

Eu sou uma pessoa guerreira porque... a coisa mais difícil que alguém vai me ver é triste, eu sou sempre brincalhão...quando vejo que alguém tá triste eu tento ajudar deixar ele o mais feliz possível.



O momento foi emocionante, pois houve compartilhamento de algumas experiências enquanto vítimas de bullying e, sobretudo, houve acolhimento pelos colegas em forma de silêncio e abraços sem, contudo, atrapalhar a dinâmica do círculo. Em momentos como este, o facilitador intervém apenas quando percebe que os sentimentos não são acolhidos pelo grupo, não havendo nenhuma manifestação de carinho, amizade e companheirismo, não foi o caso. Pranis (2010) ao enfatizar a importância do “facilitador ou guardião”, ou seja, o condutor do círculo, afirma

Ele supervisiona a qualidade do espaço e estimula as reflexões do grupo através de perguntas ou pautas. O guardião não controla as questões a serem levantadas pelo grupo, nem tenta conduzi-lo na direção de determinada conclusão, mas pode intervir para zelar pela qualidade da interação grupal. (PRANIS, 2010, p.26-27)

Em casos de as emoções aflorarem, a pausa, o silêncio e o acolhimento dos sentimentos entre os participantes demonstram sensibilidade e conexão grupal.

Neste círculo foram abordadas questões que não estavam no roteiro, pois a metodologia é flexível, porém não fogem ao tema e são igualmente relevantes para a pesquisa.

Assim como no encontro anterior, após as rodadas de conversas, aconteceu o check-out / finalização como forma de avaliar o momento com uma palavra, seguida da cerimônia de encerramento em forma de despedida grupal.



Roteiro para realização do círculo de construção de paz com tema Bullying

DIA 3

OBJETIVO

Refletir a respeito de comportamento de bullying e nosso papel enquanto cidadãos na prevenção dessa violência.

MATERIAIS

Objeto da palavra, itens para a peça de centro (tapete, livros, canetinhas, bloco de anotações, caixa de som e outros que representam o público-alvo.

PREPARAÇÃO

Acomode a todos em um círculo de cadeiras, sem nenhum outro móvel. Dê as boas-vindas a todos ao espaço do círculo.

1. ABERTURA

Todos os participantes de pé, cada participante enche um balão e joga para cima e o grupo tem a missão de manter o balão no ar. O facilitador vai pedindo aos alunos para sentarem.

2. RODADA DE CHECK-IN / APRESENTAÇÃO

O que você observou de bonito quando vinha para escola?

3. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Rodada 1: Quais consequências: comportamentos, sentimentos e atitudes, você imagina que o bullying pode causar na vítima?

Rodada 2: Você já participou de algum evento na escola que falava sobre a importância do bullying?

Rodada 3: O que você diria às pessoas em prol da prevenção do bullying?

Rodada 4: O que você pode fazer da próxima vez que presenciar alguém sofrendo bullying?

4. CHECK-OUT / FINALIZAÇÃO

Posso ser agente multiplicador da prevenção ao bullying?

5. CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO

Ao som de um ritmo musical dançante, cada uma manifesta conforme lhe convier.



Agradeça a todos por terem participado do Círculo!

Roteiro para realização do círculo de construção de paz com tema Bullying

Os estudantes já estavam muito familiarizados com a metodologia e, principalmente, respeitando a fala dos colegas e escutando com atenção os relatos dos colegas. Após os elementos iniciais de cerimônia de abertura e check-in, a pergunta inicial para contação de histórias foi: Você já participou de algum evento sobre a temática bullying na escola? (referindo-se ao IFTO). Esta pergunta, de certa forma, também teve o objetivo de colher informações a partir dos estudantes sobre a conscientização, prevenção, diagnose e combate ao bullying, responsabilidade atribuída aos estabelecimentos de ensino no artigo 5º da Lei Nacional Nº 13.185 de 2015.

As demais rodadas de conversas foram:

Que ações poderiam ajudar na conscientização dos males causados pelo bullying, podendo diminuir esse tipo de violência?

Enquanto cidadão, ser humano conhecedor dessa violência e das consequências deixadas por ela, como agir diante de uma situação de bullying?

Como ser agente de prevenção ao bullying ou outras formas de violência?

Assim como no círculo anterior, neste foram abordadas questões que não estavam no roteiro. Da mesma forma que podem conter questões no roteiro e as mesmas não serem abordadas por terem sido abordadas nas falas dos participantes ou, por outros motivos. Esse direcionamento compete ao facilitador.

O check-out / finalização desafiou os estudantes a se posicionarem como agentes de prevenção ao bullying, momento riquíssimo, pois os mesmos refletiram sobre a realidade e se posicionaram positivamente. A cerimônia de encerramento, agregou agradecimentos e despedidas do momento e da realização da pesquisa, uma vez que o mesmo previa apenas três círculos.

Abordar este tema por meio dos círculos amplia os conhecimentos dos participantes, favorecem melhor compreensão de si e dos demais, reconhecer suas próprias emoções e de seus pares, ajudam a desenvolver o senso crítico para diferenciar brincadeiras de violência, capacita para lidar com o conflito, a convivência pacífica, a diversidade e demais questões de empatia, aspectos importantes para viver nessa sociedade complexa e plural e, sobretudo, não legitimar nenhuma forma de violência.

Sugestões de cerimônias de abertura e encerramento:

https://www.circulosemmovimento.org.br/_files/ugd/e7dad6_1d0ca82bed2949328f53226c4c9b14c1.pdf

Explorando Valores:

https://www.circulosemmovimento.org.br/_files/ugd/e7dad6_e82ff22a567b3146599a9a088e94a06c89.pdf





PERGUNTAS E RESPOSTAS

1

O que é bullying?

Bullying é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas. O termo bullying tem origem na palavra inglesa bully, que significa valentão, brigão. Mesmo sem uma denominação em português, é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato.

Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola>

2

O que não é bullying?

Discussões ou brigas pontuais não são bullying. Conflitos entre professor e aluno ou aluno e gestor também não são considerados bullying. Para que seja bullying, é necessário que a agressão ocorra entre pares (colegas de classe ou de trabalho, por exemplo). Todo bullying é uma agressão, mas nem toda a agressão é classificada como bullying

Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola>





PERGUNTAS E RESPOSTAS

3

O bullying é um fenômeno recente?

Não. O bullying sempre existiu. No entanto, o primeiro a relacionar a palavra a um fenômeno foi Dan Olweus, professor da Universidade da Noruega, no fim da década de 1970. Ao estudar as tendências suicidas entre adolescentes, o pesquisador descobriu que a maioria desses jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça e que, portanto, o bullying era um mal a combater.

Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola>

4

O que leva o autor do bullying a praticá-lo?

Querer ser mais popular, sentir-se poderoso e obter uma boa imagem de si mesmo. Isso tudo leva o autor do bullying a atingir o colega com repetidas humilhações ou depreciações. É uma pessoa que não aprendeu a transformar sua raiva em diálogo e para quem o sofrimento do outro não é motivo para ele deixar de agir. Pelo contrário, sente-se satisfeito com a opressão do agredido, supondo ou antecipando quão dolorosa será aquela crueldade vivida pela vítima.



Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola>

STOP BULLYING!

A escola, sozinha, não consegue resolver o(s) problema(s). No entanto, é no ambiente escolar que normalmente aparecem os primeiros sinais de um praticante de bullying.



PERGUNTAS E RESPOSTAS

5

Como identificar o alvo do bullying?

O alvo costuma ser uma criança ou um jovem com baixa autoestima e retraído tanto na escola quanto no lar. "Por essas características, dificilmente consegue reagir", afirma o pediatra Lauro Monteiro Filho, fundador da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia). Aí é que entra a questão da repetição no bullying, pois se o aluno procura ajuda, a tendência é que a provocação cesse.

Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola>



Se
liga!

Além dos traços psicológicos, outros traços se apresentam n'aqueles que são alvos desse tipo de agressão:

- ✓ apresentam particularidades físicas;
- ✓ apresentam agressões que abordam aspectos culturais, étnicos e religiosos.
- ✓ pode ocorrer com um colega novato; ou
- ✓ com uma menina bonita.



PERGUNTAS E RESPOSTAS

6

Quais são as consequências para o aluno que é alvo de bullying?

O aluno que sofre bullying, principalmente quando não pede ajuda, enfrenta medo e vergonha de ir à escola. Pode querer abandonar os estudos, não se achar bom para integrar o grupo e apresentar baixo rendimento. Uma pesquisa da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia) revela que 41,6% das vítimas nunca procuraram ajuda ou falaram sobre o problema, nem mesmo com os colegas.



Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola>



PERGUNTAS E RESPOSTAS

7

O que é pior: o bullying com agressão física ou o bullying com agressão moral?

Ambas as agressões são graves e causam danos ao alvo do bullying.

Por ter consequências imediatas e facilmente visíveis, a violência física muitas vezes é considerada mais grave do que um xingamento ou uma fofoca. "A dificuldade que a escola encontra é justamente porque o professor também vê uma blusa rasgada ou um material furtado como algo concreto. Não percebe que uma exclusão, por exemplo, é tão dolorida quanto ou até mais", explica Telma Vinha, doutora em Psicologia Educacional e professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola>

A EXCLUSÃO É UM PROCESSO DOLOROSO

Além da agressão física, a escola deve ficar alerta aos comportamentos moralmente abusivos.

Geralmente, a escola foca no concreto e nesta mesma perspectiva, os jovens tendem a repetir o mesmo raciocínio da escola.





PERGUNTAS E RESPOSTAS

8

8. O espectador também participa do bullying?

Sim. É comum pensar que há apenas dois envolvidos no conflito: o autor e o alvo. Mas os especialistas alertam para esse terceiro personagem responsável pela continuidade do conflito. O espectador típico é uma testemunha dos fatos, pois não sai em defesa da vítima nem se junta aos autores. Quando recebe uma mensagem, não repassa. Essa atitude passiva pode ocorrer por medo de também ser alvo de ataques ou por falta de iniciativa para tomar partido.

Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola>



Para a pesquisadora Cléo Fante, educadora e autora do livro *Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência nas Escolas e Educar para a Paz* (224 págs., Ed. Verus)

"O espectador se fecha aos relacionamentos, se exclui porque acha que pode sofrer também no futuro. Se for pela internet, por exemplo, ele apenas repassa a informação. Mas isso o torna um coautor".

Quem são considerados espectadores



São considerados espectadores, aqueles que atuam como plateia e/ou como torcida, reforçando a agressão, rindo ou dizendo palavras de incentivo.

Aqueles que reproduzem imagens ou fofocas.

Aqueles que naturalizam todas estas práticas no ambiente escolar.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

9

Existe diferença entre o bullying praticado por meninos e por meninas?

De modo geral, sim. As ações dos meninos são mais expansivas e agressivas, portanto, mais fáceis de identificar. Eles chutam, gritam, empurram, batem. Já no universo feminino o problema se apresenta de forma mais velada. As manifestações entre elas podem ser fofocas, boatos, olhares, sussurros, exclusão. "As garotas raramente dizem por que fazem isso. Quem sofre não sabe o motivo e se sente culpada", explica a pesquisadora norte-americana Rachel Simmons, especialista em bullying feminino. Ela conta que as meninas agem dessa maneira porque a expectativa da sociedade é de que sejam boazinhas, dóceis e sempre passivas. Para demonstrar qualquer sentimento contrário, elas utilizam meios mais discretos, mas não menos prejudiciais. "É preciso reconhecer que as garotas também sentem raiva. A agressividade é natural no ser humano, mas elas são forçadas a encontrar outros meios – além dos físicos – para se expressar", diz Rachel.

Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola>

10

O que fazer em sala de aula quando se identifica um caso de bullying?

Ao surgir uma situação em sala, a intervenção deve ser imediata. "Se algo ocorre e o professor se omite ou até mesmo dá uma risadinha por causa de uma piada ou de um comentário, vai pelo caminho errado. Ele deve ser o primeiro a mostrar respeito e dar o exemplo", diz Aramis Lopes Neto, presidente do Departamento Científico de Segurança da Criança e do Adolescente da Sociedade Brasileira de Pediatria. O professor pode identificar os atores do bullying: autores, espectadores e alvos. Claro que existem as brincadeiras entre colegas no ambiente escolar. Mas é necessário distinguir o limiar entre uma piada aceitável e uma agressão. "Isso não é tão difícil como parece. Basta que o professor se coloque no lugar da vítima. O apelido é engraçado? Mas como eu me sentiria se fosse chamado assim?", orienta o pediatra Lauro Monteiro Filho.

Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola>

**Orientações do pediatra Lauro Monteiro Filho,
Cléo Fante e José Augusto Pedra, autores do livro *Bullying
Escolar***

(132 págs., Ed. Artmed)

- ✓ Incentivar a solidariedade;
- ✓ Incentivar a generosidade e o respeito às diferenças por meio de conversas, campanhas de incentivo à paz e à tolerância, trabalhos didáticos, como atividades de cooperação e interpretação de diferentes papéis em um conflito;
- ✓ Desenvolver em sala de aula um ambiente favorável à comunicação entre alunos;
- ✓ Quando um estudante reclamar de algo ou denunciar o bullying, procurar imediatamente a direção da escola.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

11

Qual o papel do professor em conflitos fora da sala de aula?

O professor é um exemplo fundamental de pessoa que não resolve conflitos com a violência. Não adianta, porém, pensar que o bullying só é problema dos professores quando ocorre do portão para dentro. É papel da escola construir uma comunidade na qual todas as relações são respeitadas. "Deve-se conscientizar os pais e os estudantes sobre os efeitos das agressões fora do ambiente escolar, como na internet, por exemplo", explica Adriana Ramos. "A intervenção da escola também precisa chegar ao espectador, o agente que aplaude a ação do autor é fundamental para a ocorrência da agressão", complementa a especialista.

Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola>

O que fazer para evitar o bullying?

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia) sugere as seguintes atitudes para um ambiente saudável na escola:

- ✓ Conversar com os alunos e escutar atentamente reclamações ou sugestões;
- ✓ Estimular os estudantes a informar os casos;
- ✓ Reconhecer e valorizar as atitudes da garotada no combate ao problema;
- ✓ Criar com os estudantes regras de disciplina para a classe em coerência com o regimento escolar;
- ✓ Estimular lideranças positivas entre os alunos, prevenindo futuros casos;
- ✓ Interferir diretamente nos grupos, o quanto antes, para quebrar a dinâmica do bullying.

Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola>

PRINCIPAIS TIPOS DE BULLYING

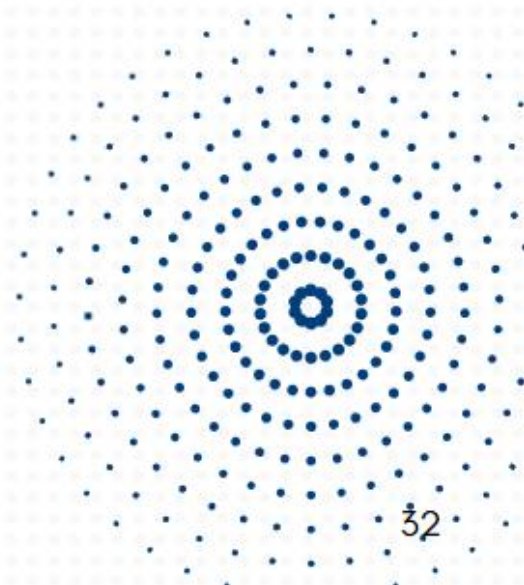
Classificação do bullying e suas ações

classificação/tipificação	ações praticadas/verbos
Verbal	insultar, xingar e apelidar pejorativamente
Moral	difamar, caluniar, disseminar rumores
Sexual	assediar, induzir e/ou abusar
Social	ignorar, isolar e excluir
Psicológica	perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar
Físico	socar, chutar, bater
Material	furtar, roubar, destruir pertences de outrem
Virtual	depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social

Fonte: elaborado pela autora a partir da Lei nº 13.185, de 2015.



As práticas restaurativas na escola ajudam a desenvolver um conjunto de valores e habilidades baseadas no respeito, na igualdade e na dignidade de todas as pessoas [...] desenvolvem no indivíduo pensamento crítico, as habilidades para solucionar problemas, as assertivas e a empatia pelo outro.
(Nunes, 2011, p. 10)



O que aprendi com o círculo?



"Aprendi que o compartilhamento é muito importante né, desde pequena sempre tive apelido e aqui vi como sou forte por aguentar tudo isso sozinha porque até na minha família era apelidada e sofria".



"Resumo esse momento com a palavra partilha porque todos os dias convivo com os meus colegas e tem tanta coisa que a gente não sabe deles e nem eles da gente, foi uma lição".



"Essa atividade me mostrou que é importante a reciprocidade, muitas vezes não sabemos o que o colega da gente tá passando e talvez esteja até precisando da ajuda. Podemos ser melhor do que o que somos, pelo menos eu acho".



"Muito diferente porque faz a gente pensar na gente, no que queremos ser, na nossa família, no sofrimento dos outros...é estranho também que até chorei e achei bom".



"Resumindo... tô me sentindo leve com essa oficina. Vou ser melhor amiga daqui pra frente".

O que aprendi com o círculo?

"Gente do céu..., se todo mundo tivesse educação não existia bullying, tá faltando mais amor e mais Deus na vida das pessoas. Nunca que eu pensei que meus colegas sofriam com isso".

"Respeito é o que não pode faltar, porque se eu respeitar as pessoas e as pessoas me respeitar não tem brincadeiras de mal gosto, não tem agressão, não tem violência".

"Essa oficina me mostrou que tenho cicatrizes por causa do que já passei, mas tudo bem, já superei e hoje posso ajudar outras pessoas, aprendi a não apontar, não rir das pessoas, aprendi que como eu sou diferente e tenho meus problemas as outras pessoas também".

"O bullying pra mim é brincadeira, tenho apelido até hoje e não acho que sofro por causa disso, mas vi que colegas até hoje sofre, então esse trabalho mostrou que eu posso achar brincadeira, mas pros outros não é... vou ter cuidado".

"Eu confirmei que eu sou forte, muito forte mesmo por ter conseguido muita coisa sozinha, por lutar, por ter me aceitado, por ter conseguido meu amor próprio, por perceber que eu sou suficiente pra mim. Eu sou forte por estar viva, por eu ter saído de uma situação muito delicada sozinha".



A QUEM POSSO RECORRER?

Quando não há possibilidade de identificar o agressor e/ou não há espaço para resolver de forma mediada e preventiva, o caso pode ser comunicado ao Conselho Tutelar, ao Ministério Público ou à delegacia de polícia quando houver atos infracionais, como agressão moral ou física.



Arte: Patrick Cassimiro

Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola>



COMO DENUNCIAR CASOS DE CYBERBULLYING?

www.youtube.com/watch?v=fYYJ9rqNKc0&t=92s



Emoções que podem aparecer no desenvolvimento dos círculos



Fonte: <https://www.instagram.com/samira.rahhal/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto diálogo direcionado e reafirmando Pranis (2010, p. 56) quando afirma que “Os círculos são processos de contação de histórias”, ficou evidente sua importância na prevenção ao bullying, primeiramente pelo estabelecimento de um ambiente seguro e acolhedor no qual os participantes são incentivados a expressar seus pensamentos, sentimentos e experiências sem medo de julgamento ou retaliação. Contribuem para a prevenção do bullying também pela promoção da empatia e compreensão quando reforçam a importância da escuta ativa e da empatia. Os participantes são encorajados a ouvir verdadeiramente uns aos outros, tentando compreender as perspectivas e emoções de cada indivíduo.

Além das características citadas, os círculos de construção de paz proporcionam um espaço seguro para o desenvolvimento e a prática de habilidades sociais, como a comunicação eficaz, a resolução de conflitos e a negociação, pois segundo Jares (2002, p.134) “o conflito como o que realmente ele é, um processo natural, necessário e potencialmente positivo para as pessoas e os grupos sociais”.

Ao adquirir essas habilidades, os estudantes podem aprender a se expressar de forma assertiva, a lidar com conflitos de maneira construtiva e a encontrar soluções pacíficas para os problemas, reduzindo assim a propensão ao bullying. Os círculos de construção de paz promovem a construção de relacionamentos positivos entre os participantes. Ao compartilhar experiências e se envolver em atividades colaborativas, os estudantes têm a oportunidade de criar laços mais fortes uns com os outros. Isso fortalece o senso de comunidade e pertencimento, reduzindo a propensão ao bullying, que muitas vezes se baseia na exclusão e na alienação.

A prática dos círculos fomenta a cultura do respeito e cuidado, na perspectiva de estabelecer uma cultura escolar baseada no respeito mútuo, na escuta ativa e no cuidado com o bem-estar de todos. Esses valores são essenciais na prevenção do bullying, pois promovem a valorização da dignidade e dos direitos de cada indivíduo, tornando menos provável que

ocorram comportamentos agressivos e prejudiciais, consequentemente, contribui com o processo de Educação para a paz, que Jares (2007, p.44) define “como um processo educativo, contínuo e permanente”.

Quanto ao uso da metodologia dos círculos de construção de paz no ambiente escolar, mais especificamente, desenvolvida em uma turma de Ensino Médio da Educação Profissional e Tecnológica problematizando o tema bullying, significa transpor limites, promover espaços de escuta, reflexão, sensibilidade, compartilhamento de conhecimento e experiências que geram empoderamento. O tema abordado neste trabalho foi bullying, porém, a metodologia possibilita trabalhar em todos os espaços e com os mais diversos temas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei 13.185, de 06 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying).** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm. Acessado em 17 de maio de 2021.

BRASIL. **Resolução N° 225 de 31/05/2016.** Dispõe sobre a Política Nacional de Justiça Restaurativa no âmbito do Poder Judiciário e dá outras providências. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/atos-normativos?documento=2289>. Acessado em 08 de maio de 2021.

PRANIS, Kay. **Círculos de justiça restaurativa e de construção da paz: guia do facilitador.** Tradução: Fátima De Bastiani. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas, 2011.

ELLWANGER, Carolina. **A efetivação do ideário restaurativo a partir da aplicação das práticas restaurativas.** Revista de Formas Consensuais de Solução de Conflitos, v. 6, n. 2, p. 01-21, 2020. Disponível em: < file:///C:/Users/HP/Downloads/7035-20599-1-PB.pdf> Acesso em: 28 jan 2023.

JARES, X. R. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática.** Tradução de Fátima Murad. 2 ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JARES, X. R. **Educar para a paz em tempos difíceis.** Tradução de Elizabete de Moraes Santana. São Paulo: Palas Athena, 2007.

Pesquisa nacional de saúde do escolar – PeNSE: 2015 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. – Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2019 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. – Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais.** São Paulo: Ágora, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a concepção de politecnia.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 1989. <https://portaltrabalho.files.wordpress.com/2015/03/sobre-a-concepcao-de-politecnia.pdf>

ZEHR, Howard. **Trocando as lentes: justiça restaurativa para o nosso tempo.** Tradução: Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2008.

ZEHR, Howard. **Justiça restaurativa.** Tradução: Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2015.
RAMOS, Marise (orgs.). Ensino médio integrado: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

CIAVATTA, Maria. **Ensino Integrado, a Politecnia e a Educação Omnilateral: por que lutamos?** Revista Trabalho & Educação, v. 23, n. 1, p. 187-205, 2014. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/7693/5935>>.

VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHO!



Diga NÃO ao bullying!

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DO CÍRCULO DE CONSTRUÇÃO DE PAZ COM TEMA BULLYING

DIA 1

OBJETIVO: Apresentar o projeto e a metodologia adotada dos círculos de construção de paz; Ouvir dos alunos colaboradores o que sabem sobre o fenômeno bullying.

MATERIAIS: Objeto da palavra, itens para a peça de centro (tapete, livros, canetinhas, bloco de anotações, caixa de som e outros que representam o público-alvo.

PREPARAÇÃO: Acomode a todos em um círculo de cadeiras, sem nenhum outro móvel. Dê as boas-vindas a todos ao espaço do círculo.

1. **ABERTURA:** Música “Saber viver”.
2. **RODADA DE CHECK-IN / APRESENTAÇÃO:** diga seu nome e responda se você fosse um tipo de tempo hoje (sol, chuvizando, temporal), como estaria esse tempo?
3. **CONSTRUÇÃO DE VALORES:** qual sua melhor qualidade?
4. **CONSTRUÇÃO DE DIRETRIZES / COMBINADOS:** O que você precisa para ficar bem nesse espaço?

São essenciais: respeitar o objeto da palavra, falar em primeira pessoa, manter sigilo e não julgar.

5. **CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:**

Rodada: Quem sou eu? Qual a minha história?

Rodada: Cite 2 momentos bons de sua vida? Por que?

Rodada: O que você compreende por bullying?

6. **CHECK-OUT / FINALIZAÇÃO:** O que você está levando desse Círculo que poderia ajudar a você ou a outra pessoa no futuro?

7. **CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO:** Diga algo bom ao seu colega.

Agradeça a todos por terem participado do Círculo!

DIA 2

OBJETIVO: aprender a identificar os personagens do bullying, aumentar a capacidade de reconhecer os tipos e as consequências dessa agressão.

MATERIAIS: Objeto da palavra, itens para a peça de centro (tapete, livros, canetinhas, bloco de anotações, caixa de som e outros que representam o público-alvo).

PREPARAÇÃO: Acomode a todos em um círculo de cadeiras, sem nenhum outro móvel. Dê as boas-vindas a todos ao espaço do círculo.

1. **ABERTURA:** Cada participante fica em silêncio por dois minutos, como prática de relaxamento.
2. **RODADA DE CHECK-IN / APRESENTAÇÃO:** Qual é a força, o que de positivo você traz para o Círculo?
3. **CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:**

Rodada: O que você acha que leva uma pessoa a praticar ou sofrer bullying?

Rodada: Que tipos de ação fazem você sentir que está sofrendo bullying?

Rodada: As formas de manifestação do são diversas: verbal, moral, psicológica, sexual, material, social, física e virtual. Você já presenciou alguma dessas formas de bullying?

Rodada: Os protagonistas do bullying são: agressor, vítima ou espectador. Como esses personagens atuam?

Rodada: Você já foi vítima de bullying ou conhece alguém que foi vítima de bullying? Se sim, como você relataria essa experiência? Qual foi a sensação, o sentimento?

4. **CHECK-OUT / FINALIZAÇÃO:** Defina com uma palavra o evento de hoje.
5. **CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO:** Cada um se despeça de um modo diferente, sem repetir o gesto.

Agradeça a todos por terem participado do Círculo!

DIA 3

OBJETIVO: Refletir a respeito de comportamento de bullying e nosso papel enquanto cidadãos na prevenção dessa violência.

MATERIAIS: Objeto da palavra, itens para a peça de centro (tapete, livros, canetinhas, bloco de anotações, caixa de som e outros que representam o público-alvo).

PREPARAÇÃO: Acomode a todos em um círculo de cadeiras, sem nenhum outro móvel. Dê as boas-vindas a todos ao espaço do círculo.

1. **ABERTURA:** Todos os participantes de pé, cada participante enche um balão e joga para cima e o grupo tem a missão de manter o balão no ar. O facilitador vai pedindo aos alunos para sentarem.

2. **RODADA DE CHECK-IN / APRESENTAÇÃO:** O que você observou de bonito quando vinha para escola?

3. **CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:**

Rodada: Quais consequências: comportamentos, sentimentos e atitudes, você imagina que o bullying pode causar na vítima?

Rodada: Você já participou de algum evento na escola que falava sobre a importância do bullying?

Rodada: O que você diria às pessoas em prol da prevenção do bullying?

Rodada: O que você pode fazer da próxima vez que presenciar alguém sofrendo bullying?

4. **CHECK-OUT / FINALIZAÇÃO:** Posso ser agente multiplicador da prevenção ao bullying?

5. **CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO:** Ao som de um ritmo musical dançante, cada uma manifesta conforme lhe convier.

Agradeça a todos por terem participado do Círculo!

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO A PROFISSIONAIS

Importante:

Você está convidado (a) a responder este questionário que faz parte da coleta de dados da pesquisa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica, com o tema **“Práticas restaurativas como prevenção ao Bullying no âmbito escolar: experiência no IFTO Campus Araguatins”**, sob responsabilidade da pesquisadora acadêmica Vanessa Pereira Costa, matrícula n.º 2021101121007-6, IFTO/Campus Palmas. Concordando em participar da pesquisa, saiba:

- a) você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas;
- b) você pode deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem justificativa;
- c) sua identidade será mantida em sigilo;
- d) caso você queira, poderá ser informado (a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente de ter desistido de responder ou não.

1. Em termos profissionais, quais suas considerações sobre o tema Bullying?

2. Você tem conhecimento da lei nº 13.185 de 6 de novembro de 2015 que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*)?

A. () Sim B. () Não

3. O Art. 5º da lei estabelece que “É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (bullying)”. O Instituto cumpre esse dispositivo legal? Se sim, de que forma?

4. No desenvolvimento de sua função, já identificou se na escola há registro de ocorrências de bullying? Se sim, qual a frequência?

5. No exercício de suas funções, já fez uso de algum protocolo de enfrentamento dos casos de bullying envolvendo os educandos? Se sim, esclareça como acontece.

6. Você trabalha ou já trabalhou o tema Bullying com os educandos? Se sim, informe a periodicidade e relate a experiência.

7. Você já presenciou práticas de Bullying entre educandos em qualquer de suas formas? Se já presenciou, qual foi sua reação?